

Branco e Negro



AMUADA—(Quadro de Sousa Pinto)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 53

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Liesinhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell , etc.
Illustrações de toda
a classe de obras.
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante. : — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º ; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

METRONOMOS «ECLAIR»

A ultima novidade musical

O uso do Metronomo, tão interessante para o estudo de qualquer obra musical, tem sido relativamente restricto, em causa do seu preço e da complicação do seu machinismo, que a cada momento se deteriora, pondo o apparelho fóra de serviço. No **Metronomo «Eclair»** não ha machinismo, as oscillações são mathematicamente exactas, o que raras vezes se dá nos antigos, e além d'isso é absolutamente silencioso, portatil, elegante e barato.

Preços dos diferentes modelos

Cobre bronzeado.....	1\$500 réis	Nickel.....	2\$500 réis
Cobre polido.....	2\$000 »	Electro.....	3\$000 »

Estojes forrados de velludo e setim, proprios para offerecer os metronomos como brinde, réis 1\$200

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 1

LISBOA, 4 DE ABRIL DE 1897

2.º ANNO

REAL CASA PIA DE LISBOA



GABINETE DO DR. LUIZ DE SEQUEIRA OLIVA, director da Casa Pia — (Fig. 1)

Agora que tanto se tem fallado da transferencia da Real Casa Pia para o Mosteiro de Odivellas, pareceu-nos de todo o interesse reproduzir as installações actuaes, que, no caso de se dar a transferencia d'aquelle estabelecimento humanitario, ficarão constituindo um documento para o futuro.

Ao sr. director da Casa Pia, dr. Sequeira Oliva e ao commandante dos batalhões escolares e inspector dos estudos sr. Cunha Belem agradecemos a amabilidade com que nos receberam e nos facilitaram a entrada em todas as dependencias do estabelecimento. A este ultimo, agradecemos os apontamentos que vão abaixo sobre a Casa Pia.

«E' incontestavelmente uma das instituições mais sympathicas do nosso paiz, sem a menor sombra de duvida! Com mais d'um seculo de existencia quasi ininterrupta, tendo-se erguido aos parâmos da popularidade, essa instituição de caridade, a primeira do paiz e um dos mais completos orphanatos da Europa, ahí está trium-

phante sempre, contando aos milhares o numero dos filhos seus que tem espalhado pelo paiz, desde os primeiros logares da publica governação até ao labor humilde da officina».

Anda por dezeseis mil o numero de creanças dos dois sexos que tem sido educados na Real Casa Pia, desde o seu inicio até agora.

* * *

A Casa Pia foi fundada no Castello de S. Jorge em 1780 por esse potentado que se chamou Diogo Ignacio de Pina Manique.

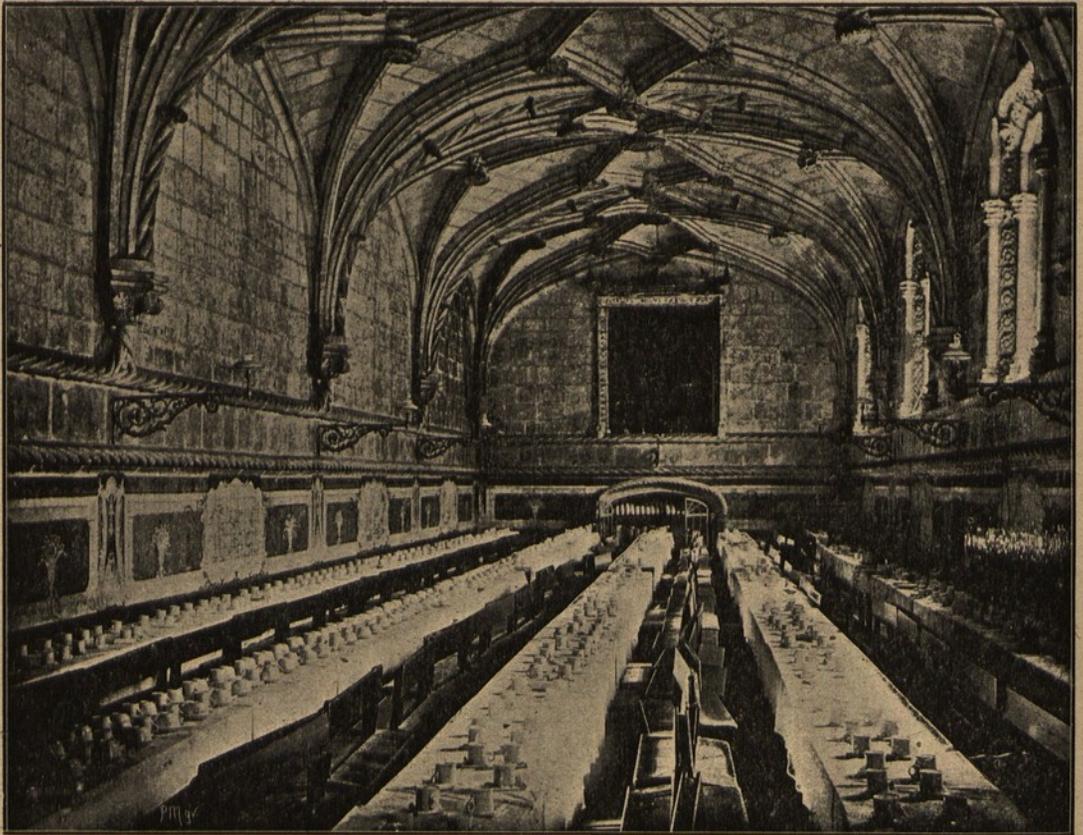
Destinou-se a albergar a vadiagem enorme que vogueava por Lisboa, ainda a esse tempo muito em ruinas pelo recente terrémoto. Morreu D. José e ascendera ao throno sua filha a sr.ª D. Maria I. Desencadeava furi-bunda a guerra da fidalguia opprimida e despratada pelo immorredouro Marquez de Pombal contra este vulto gi-

gãnte da nossa historia contemporanea. Desterrado, aniquilado, de todo no seu immenso poderio, escapou á hecatombe que victimou com a sua ruina todos os seus amigos, apenas o corregedor Pina Manique, pouco sympathico aos cortezaos fracos e tibios de D. Maria I mas immensamente necessario a essa propria tibieza.

Pina Manique, senhor absoluto, resolveu expurgar a cidade da gatunagem e vadios que a imfestavam e por isso creou a Casa Pia, no anno indicado. Abriu o estabelecimento com 13 homens que o proprio Manique conduziu ao Castello. Logo a seguir entraram muitos outros homens e mulheres que a policia prendia pelas ruas, nas suas rusgas. Para homens e mulheres se fundaram logo varias officinas vindo do estrangeiro os respectivos mestres. As primeiras que houve foi para fabricação de lo-

Houve ainda aulas de anatomia e principios de cirurgia, iniciando-se o ensino da obstetricia, sendo d'essa aula que sahiram as primeiras parteiras legalmente habilitadas com uns certos conhecimentos scientificos. Houve ainda varias aulas de desenho e entre ellas uma chamada *academia do nu*, evidentemente destinada ao estudo do modelo vivo.

Não se contentava porem Pina Manique com este ensino e mandava para o estrangeiro os seus melhores alumnos, para estudarem varios ramos da sciencia e arte que em Lisboa estavam em manifesto atrazo. E' assim que encontramos alumnos da Casa Pia a estudarem medicina nas escolas de Londres, Copenhague e Edimburgo, e em Roma aprimorando-se na pintura e na esculptura. E isto sem fallarmos nos que andavam no *Collegio dos*



REFEITORIO — (Fig. 2)

nas, brins e tecidos de malha, fição, tecelagem de seda e algodão, cordoaria, serralheria, carpinteria, etc.

Mezes depois de povoada a Casa Pia por esta gente, lembrou-se o intendente Manique das creanças que por toda a parte enxameavam, — e, como o sublime martyr do Golgotha, disse tambem o seu *deixae vir a mim os pequeninos* no dia 3 de julho de 1780, em que se inaugurou a secção das creanças. Em poucos annos a Casa Pia aclava-se nas alturas, tendo magnificos rendimentos. A influencia de Pina Manique para tudo chegava. Foi assim que o numero de orphaos cresceu por forma que a 29 de outubro se inauguravam solemnemente novas installações onde se albergavam muitas mais creanças.

As aulas da Casa Pia, no Castello, cresciam de importancia de tal maneira, que, sob a direcção de José Anastacio da Cunha, primeiro superintendente de estudos que o pio estabelecimento teve, chegou a ensinar-se ahi, alem das mathematicas puras que elle proprio regia, *Chimica e suas applicações* regida pelo Dr. Manuel Joaquim Henrique de Paiva; *artilheria e fortificação*, coronel Francisco Ferrer; *Optica* por Vicente Antonio d'Oliveira. Iniciou-se ahi o ensino de allemão no nosso paiz e professavam-se ainda as linguas latina, franceza e ingleza.

Nobres, predecessor da actual Escola Polytechnica, na Universidade de Coimbra, onde chegou a haver 62 alumnos, nas Academias de Fortificação e Marinha que precederam as actuaes Escolas do Exercito e Naval, etc.

Não podemos, n'esta rapida noticia, estar a enumerar cada um alumno notavel sahido das differentes escolas. Bastar citar o pintor Domingos Antonio de Sequeira, e o escultor João José de Aguiar, auctor da Estatua de D. Manuel, trabalhada em marmore de Carrara que existe no museu do Carmo.

O ensino da musica tomou tal desenvolvimento que eram as aulas da Casa Pia quasi que suppiam de musicos todo o paiz.

Na Casa Pia, verdadeira *Universidade dos pobres*, como lhe chamava o sabio Latino Coelho, já no ultimo quartel do seculo passado, quando a nobreza se erguia alterosa e ameaçadora, contra o villão feito fidalgo, se respeitava o talento embora elle afluorasse n'um cerebro de uma creança sem genealogia illustre. Não se procurava indagar quem fôra o pae, nem se era de oiro o berço em que nascera. Presentiam-se-lhes as azas... dava-se-lhes atmospheria em que podessem guindar-se ás culminancias da sciencia ou da arte! E não se imaginava que



GABINETE DO SR. CUNHA BELLEM,
commandante dos batalhões escolares e inspector de estudos — (Fig. 3)

faltaram braços no labor officinal. Nos 5 primeiros annos de existencia as officinas da Casa Pia produziram 43:600\$000 réis.

Todavia o *tout lasse* não exceptuou o grande Manique, que no ultimo periodo da sua vida deixou um pouco no abandono a sua obra grandiosa, consentindo que varias aulas e officinas se retirassem para outros pontos, como succedeu á dos cabos, que veiu para a Cordoaria Nacional, pela instituição d'este estabelecimento.

Em 1 de julho de 1805 morreu Manique para não ver o exercito invasor, dois annos depois, pelo abutre do seu commandante, destruir a obra a que o indefesso trabalhador Pinas Manique consagrara o melhor da sua vida.

Junot quiz alojar a soldadesca e encontrou no substituto de Manique, Lucas Seabra da Silva, o executor das suas ordens tremendas! A Casa Pia foi dissolvida.

* * *

Quatro annos depois, em 1811 renascia a Casa Pia das suas proprias cinzas, como a Phenix da fábula. O exercito de Napoleão que enriquecia a França empobrecendo a terra, fôra finalmente desalojado do nosso paiz.

Wellington convidara os povos acossados pelos francezes para se acolherem ás linhas de Torres. Terminada a guerra, bandos e bandos de creanças enxameavam, principalmente em Lisboa, Leiria e Ourem, chegando n'esta villa o

corregedor a reunir duzentos desamparados de tenra idade. Para remediar este mal enorme, abrigaram-se desde logo n'um collegio na travessa de Santa Quiteria, dirigido pelo padre Manoel José de Brito, 14 d'essas creancinhas, que ahi deram entrada em 20 de junho de 1811, resolvendo-se restaurar a Casa Pia. Depois de varias duvidas sobre o local, porque as edificações do Castello estavam completamente destruidas ou arruinadas por fórma tal que não valia a pena a reedição, assentara-se que fosse o convento dos Bernardos, no Desterro, o edificio destinado á Casa Pia. Foi em 31 d'agosto de 1811 que os alumnos passaram do collegio do padre Brito para o Desterro. Eram bastantes, variando as suas edades entre 22 annos, que tinha um clérigo minorista, vindo de Leiria e 18 mezes que tinha uma creancinha ainda do collegio do referido padre Brito. Um dos alumnos da Casa Pia mais notaveis que foram educados no Desterro, foi Luz Soriano, o author das *Historias da Guerra peninsular e do reinado de D. José e do Cerco do Porto* e que falleceu em 18 d'agosto de 1891 legando á Casa Pia a sua bibliotheca e uma importante parte da sua fortuna.

A Casa Pia não floresceu no Desterro. Conservou-se sempre na situação comesinha e miseravel de dar de comer mal aos asylados, ensinando-lhes a ler e escrever, quasi sem excepções. Nas luctas politicas terminadas pela desastrada convenção de Evora Monte, fugiam para escapar á morte todos os partidarios do principe exilado. Foi o que succedeu ao Administrador da Casa Pia, Antonio Joaquim dos Santos que desapareceu com a chegada a Lisboa das tropas liberaes, deixando o estabelecimento afundar-se n'uma desordem, que seria a sua morte irremediavel se a aurora da liberdade não lhe acudisse com o carinho dos seus raios beneficentes.

O decreto de 28 de dezembro de 1833 transferia para o convento dos Jeronymos, onde actualmente está, a Real Casa Pia de Lisboa. Começa de então o seu novo movimento. Era seu administrador ge-



GRUPO DE PROFESSORES — (Fig. 4)



EXTERIOR DA CASA DE BANHO E COSINHA — (Fig. 5)

os serviços da Casa Pia. Planeou um grande edificio para o seu alojamento, edificio em estylo manuelino. Na administração, por morte de Jose Maria Eugenio em 1872 succedeu seu filho o sr. Carlos Maria Eugenio d'Almeida, victimado pelas intrigas internas, e cahido pela ambição inesperada dos que, com pretensões a seus amigos, lhe cavavam a ruina. A intriga é de tal modo endemica n'aquella casa que José Maria Eugenio, no seu relatorio, diz que os principaes inimigos da Casa Pia não são os estranhos, mas sim os que lá estão dentro! Pois fôram os lá de dentro que lançaram por terra o director sr. Raymundo Valladas e cavaram a ruina do Provedor Carlos Maria Eugenio,

Em 8 de agosto de 1889 o actual presidente do conselho de ministros sr. José Luciano de Castro nomeou Provedor o illustrado e talentoso par do reino sr. Francisco Simões Margiochi, genro de José Maria Eugenio d'Almeida. Experimentndo nas lides parlamentares, provada a sua honradez e tacto administrativo na gerencia da Camara Municipal, escriptor erudito e sobretudo caracter de finissima tempera, o sr. Margiochi estava talhado para aquelle logar.

O que tem sido a sua administração provam-n'o os seus bellos relatorios, e o estado florescente da Casa Pia de hoje, onde se alojam 800 alumnos cursando a Escola Polytechnica, Escola Normal, curso preparatorio lyceal, que n'este anno devem concluir quatro alumnos, instituto industrial e commercial, instituto de veterinaria, escola marquez de Pombal, Academia de Bellas Artes, Conservatorio, Escola do Principe Real e Escola de Commercio.

No estabelecimento professa-se alem de instrucção primaria e todo o curso dos lyceus, tanto ordinario como transitorio, a musica instrumental, o canto choral, a gymnastica, o desenho artistico e modelação. Ha officinas de relojoeiro constructor, de sapateiro, alfayate, carpinteiro civil e agricola, serralheiro civil e agricola, forjador e canteiro. Alem d'isso existe uma escola de agricultura pratica que tem como campo de exploração a enorme cerca do estabelecimento, e onde se ensinam feitores, caseiros, trabalhadores agricolas e jardineiros.

Agora a Real Casa Pia constitue um corpo militarizado procurando a sua organização e disciplina interna, imitar, no que é possível, o Real Collegio Militar.

Os 800 alumnos existentes estão divididos em 3 batalhões a 4 companhias cada um. A nossa gravura 10 representa uma d'essas companhias, a 8.^a que corresponde á 4.^a do 2.^o Batalhão escolar. Tem 64 camas, cabendo a cada uma cerca de 9^m quadrados de superficie por 40 de cubo. A sua ventilação é tão completa que pode quasi considerar-se excessiva. São 5 as companhias d'este typo a 1.^a, 2.^a, 7.^a, 8.^a e 10.^a.

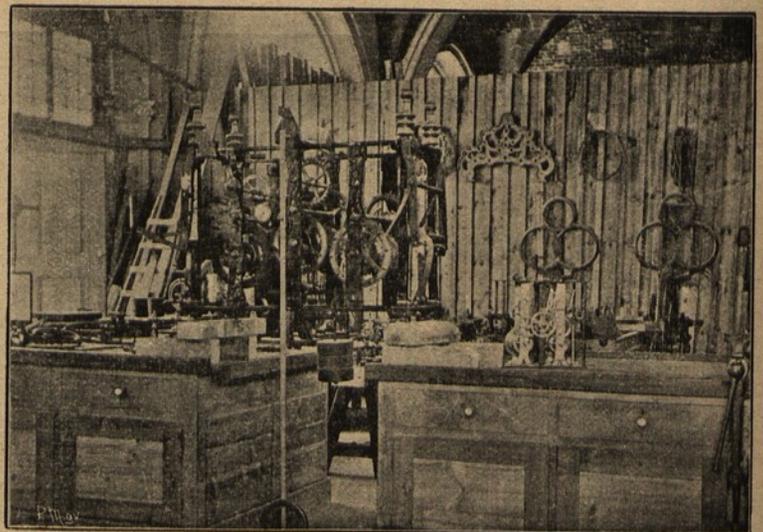
Como a 3.^a companhia é a 4.^a e a 5.^a, a 6.^a e a 9.^a estão em salões do antigo convento e a 11.^a e 12.^a estão tambem magnificamente installadas

A nossa gravura 2 representa o sumptuoso refeitorio dos frades, e onde actualmente está o refeitorio dos alumnos. Contem 5 grandes mezas em todo o comprimento em que toma logar toda a população escolar, aos domingos, por exemplo, em que o jantar é para todos á mesma hora. Nos outros dias ha sem-

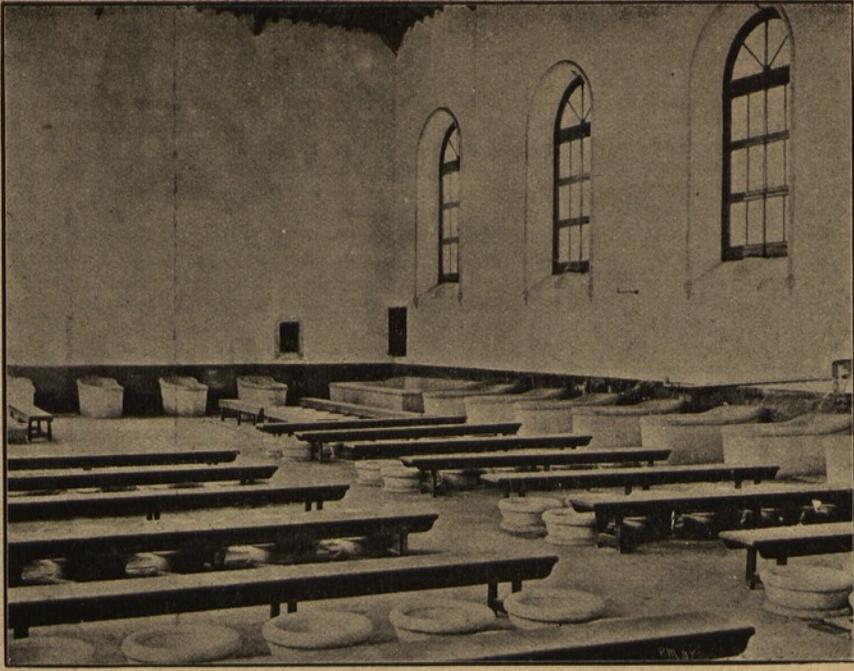
ral desde 9 de agosto d'esse anno, Antonio Maria Couceirc, que, n'um discurso pronunciado ao rei soldado a 19 de abril de 1834 quando pela primeira vez se dignou visitar o estabelecimento, poz em relevo a lastima administrativa em que encontrára a Casa Pia. A 9 de maio de 1835 publicava-se o decreto que fazia voltar a Casa Pia ao seu antigo esplendor, principalmente sob o ponto de vista de estabelecimento de ensino. E até 1859 muitos alumnos sahiram para as escolas de medicina, veterinaria, pharmacia, polytechnica, tachigraphia e outras.

N'esse anno tomou conta da administração superior José Maria Eugenio de Almeida, que se assignalára no fôro, logo que concluiu a formatura em direito na Universidade, principalmente pela accusação, como agente do ministerio publico, no processo contra o celebre facinora Diogo Alves.

De orientação diferente, José Maria Eugenio remodelou



OFFICINA DE RELOJOEIRO — (Fig. 6)



CASA DE BANHOS — (Fig. 7)

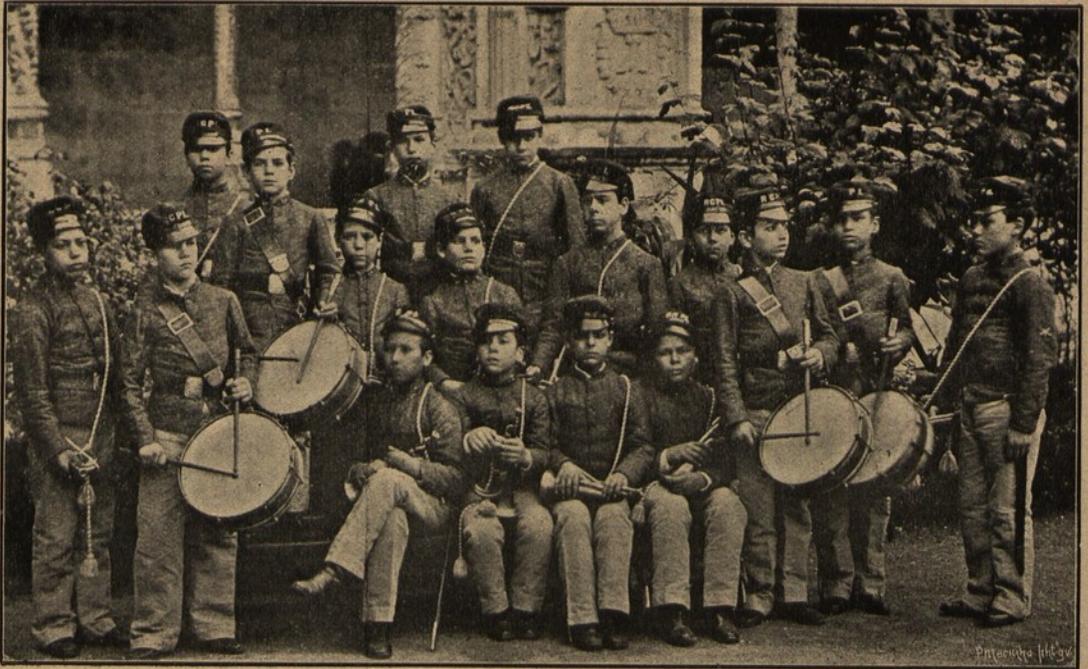
pre umas pequenas diferenças resultantes dos horarios das aulas externas.

Uma das aulas de instrucção secundaria está instalada n'uma antiga dependencia do convento, que deita sobre a rua do Jeronymo. E' a representada pela nossa estampa. Funcionam ahi as cadeiras de mathematica 5.º e 6.º annos do curso transitorio, sciencias naturaes 4.º e 5.º annos do mesmo curso e 1.º e 2.º do ordinario, philosophia, e portuguez do curso ordinario. Alem d'uma bella collecção de máppas possui a Casa Pia um gabinete de physica muito completo e um bello laboratorio de chimica.

Junto da meza encontram-se dois dos 4 alumnos que este anno concluem o curso preparatorio. São Manuel do Nascimento d'Almeida, o que está sentado e Manuel Pedro dos Santos o que está de pé. Um e outro, dois bellos rapazes, muito estudiosos e intelligentes. Dos outros dois que tambem concluem este anno não devemos esquecer Estanislau Raymundo Nogueira que tem feito todo o curso dos lyceus com distincções estreitando-se na *raposa* em philosophia, o que é tambem uma distincção e dos que mais podem enaltecere um espirito como o de Estanislau que se destina á faculdade de medicina da Universidade.



UM DORMITORIO — (Fig. 8)



TERNO DE TAMBORES E CORNETAS — (Fig. 9)

As oficinas estão quasi todas muito mal installadas na Casa Pia. A nossa estampa 6 representa a de relojoaria que fica no extremo nascente da ala norte do edificio.

A cosinha do estabelecimento, é de um aceio irreprehensivel. Faz-se alli comida para 900 pessoas e todavia póde chegar-se qualquer junto do enorme fogão sem perigo de se sujar.

Na estampa 8 está representada a *Casa de Banhos*. Possui 35 tinas de marmore para banho geral, uma grande piscina onde se lavam os pequenitos no dia da sua entrada, e 150 bacias de marmore tambem, para lavagens de pés, E' uma edificação moderna, do tempo do director sr. Raymundo Valladas, actual general reformado.

O gabinete de Administração, estampa 1 é uma



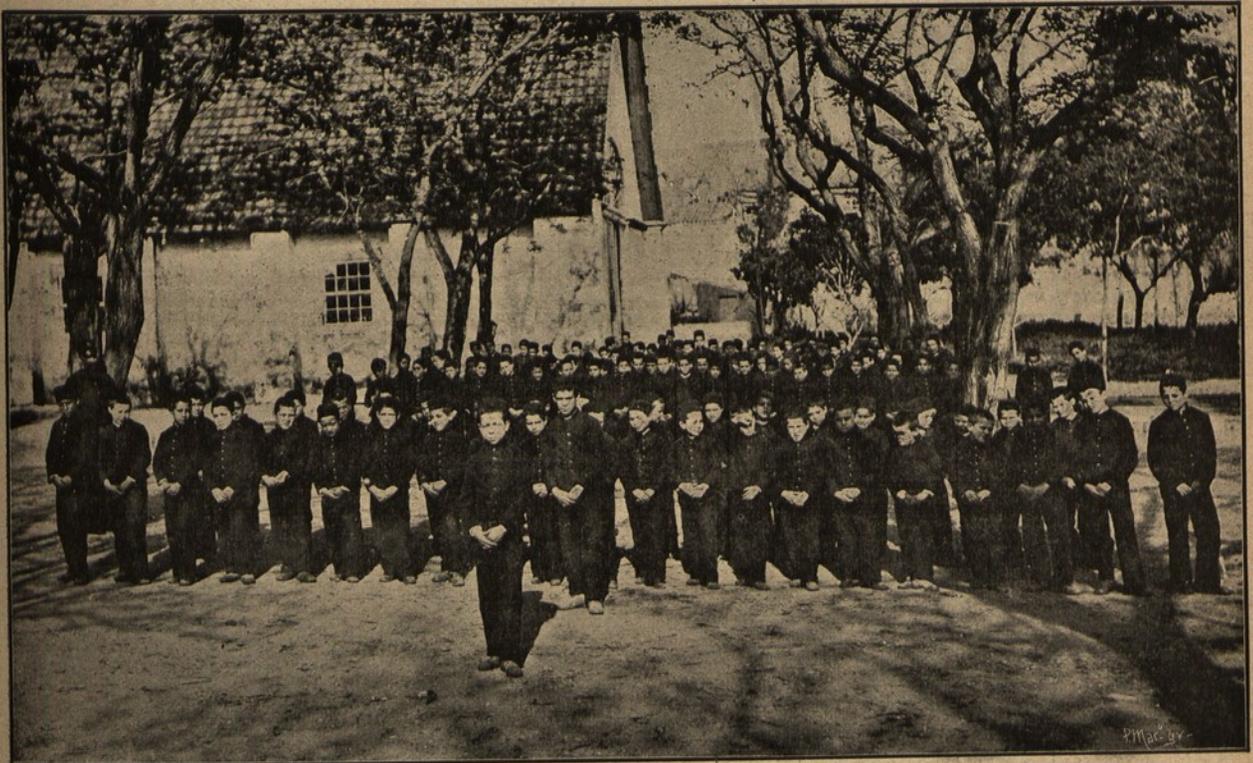
GRUPO DE ALUMNOS EM EXERCICIOS DE ESGRIMA ELEMENTAR. — (Fig. 10)

sala lindíssima. E' ahí que estão quasi todas as telas representando os differentes reinantes das 4 dynastias e que existiam na chamada *Salla dos Reis* que o vandalismo do camartello demolidor fez desaparecer. O tecto riquissima obra de talha, está n'um dos salões do sr. marquez da Foz, no palacio da Avenida e os quadros estão por differentes salas da Casa Pia. Note-se que a *Salla dos Reis* era da primitiva do convento, authenticamente monumental!

No vasto salão que a nossa estampa representa fica ao sul a meza da Administração e do lado norte a secretaria do director Dr. Luiz de Sequeira Oliva. Na parede, por detraz da sua cadeira, está a galeria dos alumnos que se tem distinguido e cujos retratos tem sido possível obter. Veem se alli, que nos recorde, Ferreira Lapa, arão de S. Clemente, Dr. Henrique Morley e Dr. Lemos, cirurgiões em chefe do exercito, Dr. Saturnino da Rocha cirurgião de divisão, Antonio Florencio dos San-

mina de prata, circumdado pelos nomes de todos os professores, menos um, offerta do corpo docente ao sr. Cunha Bellem, como testemunho de apreço pelos serviços prestados pelo inspector de estudos. Realmente basta citar o facto de terem descido os exames de instrução primaria a 17 em 1894 e 13 em 1895, e o novo inspector conseguir levar 73 alumnos a exame no anno findo e fazer subir esse numero a 150 este anno, para avaliar a sua dedicação, pelo estabelecimento de que é um verdadeiro carola. A nossa estampa 4 representa um grupo de professores, dos que estavam na Casa Pia na occasião da nossa visita. São alem do inspector Cunha Bellem, os srs. Padre Barbosa, Costa Brito, Eduardo de Lemos, Martins Grade, Lourenço Marques, Francisco Dias, João Pedro Diniz, João Cambraia, Domingos Caldeira, Madeira Nunes e Ernesto Coelho, que se achava de inspecção e por isso está de bandolina.

As estampas 9 e 11 são grupos de alumnos, d'um



(GRUPO DE ALUMNOS NA CERCA — (Fig. 11)

tos, Luz Soriano, Domingos Antonio de Sequeira, e muitos outros. E' enorme já a galeria dos filhos illustres do estabelecimento.

A estampa 3 representa o gabinete de trabalho do commando geral dos batalhões escolares e inspecção de estudos. Fica em metade d'uma pequena capella que servia aos frades de casa mortuaria. Foi tudo restaurado por um dos mais distinctos alumnos da casa, o sr. Pedro Guedes, que cursa com a maior distincção o penultimo anno do curso de pintura na Academia de Bellas Artes. Alem d'um pintor de muito merecimento, Pedro Guedes é um caracter primoroso, um homem de bem na accepção mais alevantada da palavra.

A bandeira que está ao lado do commandante geral e inspector de estudos, foi offerecida aos Batalhões escolares por S. M. a Rainha Senhora D. Amelia. E' perfeitamente igual em tamanho e desenho ás do exercito, tendo mesmo, por cima das armas, o lemma dos batalhões *Viva a rainha*. O mesmo lemma está no gabinete, inscripto entre uma panoplia d'armas, do pincel de Pedro Guedes. Por sobre a cabeça do inspector de estudos pende um quadro com uma inscripção latina n'uma la-

batalhão em columna cerrada e outro do terno de tambores e corneteiros.

*

Um dos provedores a quem a Casa Pia mais melhoramentos e serviços deveu foi José Maria Eugenio d'Almeida, cujo perfil recortamos do *Diccionario Popular* de Pinheiro Chagas :

Nasceu na freguezia de Santa Engracia de Lisboa, supposmos que no anno de 1812. Foram seus paes Joaquim José d'Almeida e D. Gertrudes Magna do Nascimento. Depois de ter concluido os estudos preparatorios de humanidades nas aulas do extincto mosteiro de S. Vicente de Fóra, passou a Coimbra a fim de se matricular no curso de Direito, tomando o grau de bacharel em 4 de junho de 1839, e obtendo as mais distinctas informações.

Regressando á capital, foi, por despacho de 17 de janeiro de 1840, nomeado delegado do Procurador Regio na quarta vara de Lisboa e logo eleito deputado ás côrtes pelos circulos de Leiria e Castello Branco, haven-



UMA AULA — (Fig. 12)

do sido proposto pelo governo com o proposito de ser elle o competidor de José Estevam nas camaras. José Maria Eugenio d'Almeida seria effectivamente o orador mais de geito para se bater com José Estevam, se tivesse a espontanea eloquencia, o improviso brilhante e prompto que fez do seu antagonista o primeiro orador parlamentar portuguez. Não a tinha porém. E tanto não tinha que, concorrendo ambos á cadeira de economia

politica na Escola Polytechnica de Lisboa, José Estevam, sabendo inquestionavelmente muito menos que José Maria Eugenio, tão brilhantemente se houve pelo esplendor da sua eloquencia, nas provas do concurso, que foi despachado professor.

Ao tempo da sua morte, que succedeu quas irrepen-
tinamente no Alemtejo, era provedor da Casa Pia de Lisboa.

DUAS PÊGAS DE ÇARA



1

Qual d'elles o mais chibante,
Qual d'ellas a mais garrida
Vão pela estrada adeante...
Cada uma derretida
E elles com ar importante !

Como a sombrinha das bellas
Lhes tapa a vista da frente
Não podem ver as estrellas...
N'isto um boi vem de repente
Mesmo direitinho a ellas !



2

O boi é quasi chegado
E nenhum d'elles vacilla,
Nem se mostra acobardado,
Qualquer dos dois se perfila
P'ra se mostrar mais ousado !

E, então, dizem coisas duras
Ao boi que súa das trombas :
— Quanto ás duas creaturas,
Se ellas fossem duas pombas..
Iam já n'essas alturas !



3

Qualquer dos dois é gymnasta,
Quer fazer boa figura,
Pula á cabeça e não gasta
O tempo que a voz nos dura
A dizer: — caramba, ou basta...

E nos cornos enganchados
Fazem subidas de frente,
Pranchas de todos os lados,
Tudo tão correctamente
Como clowns ensaiados!



4

Melhor do que em fixa barra
Viram os pés p'la cabeça:
Entretanto o boi não marra...
E ellas sem que alguém lhes peça
Choram em grande algazarra.

Mas o boi de olho espantado
E meio comprometido
Por se ver ensarilhado
Quizera antes ser corrido...
Do que assim desfeitoado!



5

E tanta força fizeram
Que o boi verga dos joelhos...
Elles, porém, não se alteram...
Vão dando volta aos chavelhos
Como melhor entenderam.

Entretanto, o boi supporta
Este sarilho da lide,
Como quem já não se importa
De servir para cabide
Espetado n'uma porta!



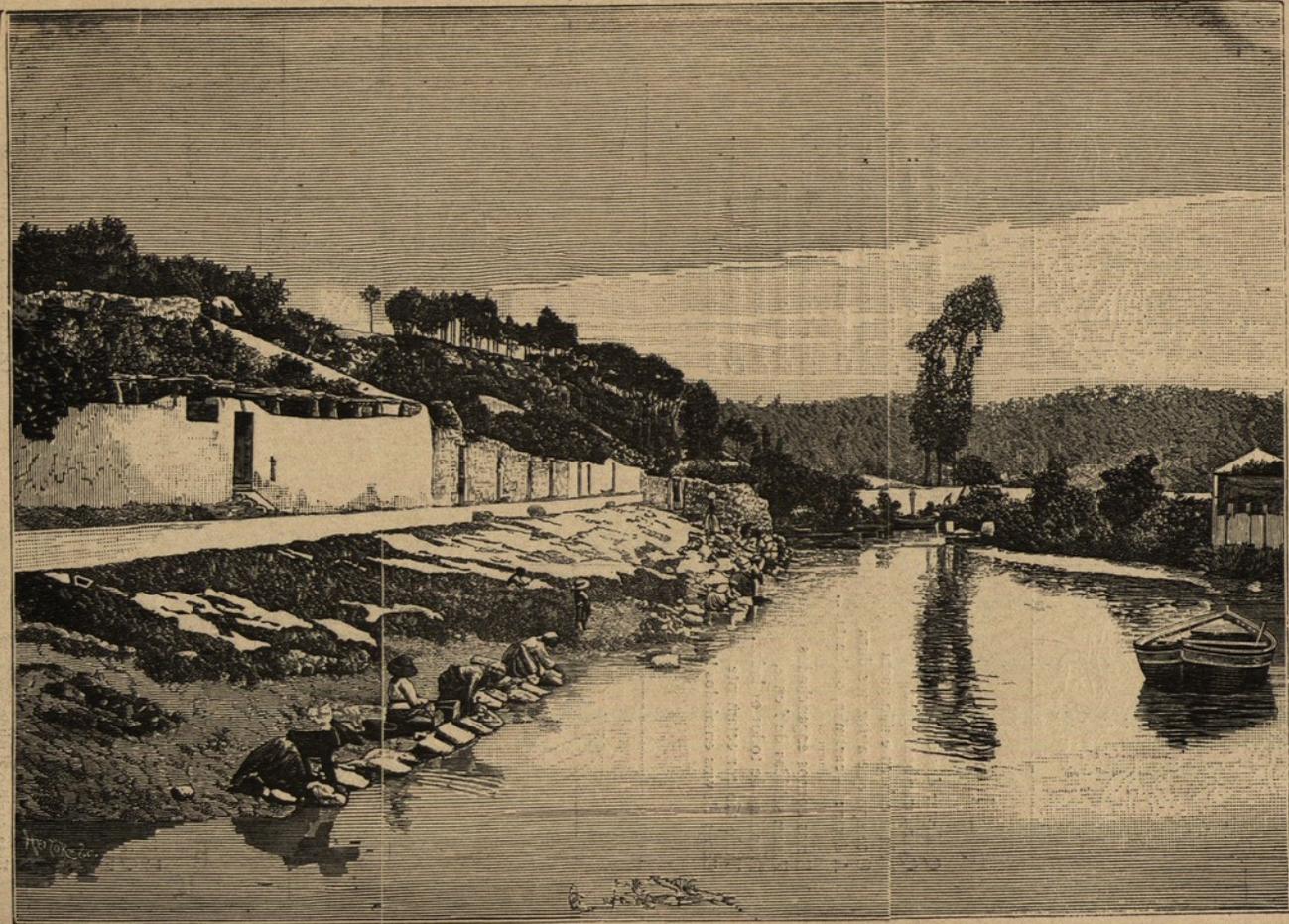
6

E logo que os figurões
Acabaram c'o brinquêdo
Disse o boi com seus botões:
— Tóca a raspar, tenho mêdo
Da audacia d'estes ratões! —

E como o susto passára
Os dois de chapêu na mão
Dizem n'uma phrase clara:
— Dá-me agora o coração
Por esta péga de cara? —

YAGO.

9



ARREDORES DO PORTO — MARGENS DO RIO LEÇA

MANUEL LUIZ VILLANOVA



EM tudo ha grandes homens. Esse bom velho d'alma simples que acaba de partir para o doce paiz da bemaventurança, era um grande homem de bem. Ingenuo, toda a sua vida decorreu sem uma intriga, sem um drama, sem grandes lances que possam dar larga biographia; honesto como poucos, como quasi ninguem, elle personificava, n'essa ingenuidade e n'essa honestidade, qualquer coisa de biblico, d'outro tempo que a gente já não viu.

O trabalho absorveu-o sempre, esse trabalho inglorio que passa ao nosso lado, despercebido, occulto, e que tantas cancelleiras dá, tanta coisa produz!

Era um typographo, retirado ha muitos annos do trabalho da caixa e gerindo, associado com Antonio Maria Pereira, a typographia Moderna do Beco dos Apostolos, d'onde tantas obras sahiram, obras que se podem vêr pelo bem acabado da sua parte material, em que elle primava.

Alli o conheci, alli fiz d'elle um grande amigo. Ha um anno que, dia a dia, convivia com elle na minha tarefa d'este jornal, sempre devendo-lhe raras finezas, subteis delicadezas, primores de educação que não se encontram facilmente nas classes operarias, e que elle sabia usar com a maior simplicidade, como sendo innatas n'elle. De resto, já a sua figura doce, com olhos azues de um esbatido de louça gasta, nos predispunham para lhe crear affeição, consideral-o, dar-lhe um logar á parte no nosso coração. E essa primeira impressão que se tinha ao conversar com elle arreigava se depois, na convivencia, porque nunca se trahia n'elle nenhum movimento de máu humor, antes, quando alguma coisa o melindrava ou o trabalho lhe não corria

como queria, uma nuvem de tristeza lhe ensombrava o rosto e os olhos tomavam um tom magoado de melancolia. Sofria *para dentro*. Nada denotava n'elle a colera ou a inimidade, porque nunca conheceu esses sentimentos pela extrema sensibilidade do seu character, pela sua impressionabilidade e pelo seu bello coração.

Foi um grande amigo que eu perdi. E em mim, quando soube, de chofre, a noticia da sua morte, á porta da sua casa, foi sincera a dôr e a magua que senti e que não me desdoiro de confessar.

Dizem-me que tinha inimigos. Não duvido: a sua alma, se bem que de uma alta ingenuidade era, comtudo, temperada de uma grande honradez para attender villanias ou entrar em conluios que estivessem fóra da sua linha de honestidade. Só os verdadeiramente bons é que têm inimigos, porque elles não commungam na diffamação nem na patifaria dos outros.

Se não houvesse outras provas, esta seria uma indiscutivel para attestar o seu character.

Todos os que trataram com elle — porque não era para mim só que elle guardava as suas attenções — são testemunhas de que digo só a verdade e que não estou a chorar lagrimas de crocodilo sobre a terra que cobre o caixão do bom velho meu amigo, tanto mais que nunca d'elle recebi favores ou lh'os prestei. Entre nós deu-se o phenomeno da amizade subita, que nos ligava e que n'elle se manifestava n'uma delicadeza sem limites e n'uma obsequiosidade que tanto me penhoravam.

Foi essa amizade que eu perdi; e por isso seja-me licito dizer aqui o ultimo adeus ao velho companheiro de trabalho, pois que ambos collaborámos juntos, — elle com a sua boa vontade e a sua grande honestidade — n'esta obra do *Branco e Negro* que elle viu nascer e que tão querida lhe era.

José SARMENTO.

DOLOROSA



A moça do casal do monte... Quando ella ia para os baldios guardar as ovelhas, meia duzia que tinha, esquecia-se por lá todo o dia, sentada á sombra, em sitio ermo e alto, olhos azues perdidos nos longes.

Ao cahir da tarde, o avô, corcovado pela velhice, vinha para o portal da casa e attentando o ouvido gasto de tanto ouvir, ampliando-o com a mão em concha, quedava-se longo tempo, o respirar retido, p'ra ouvir se as ovelhas balavam perto d'ali. Que não fosse a neta aventurar-se por sitios mais longe e viesse a noute e se perdesse.

Acostava-se á parede da casa como se fosse um amigo a quem pedia amparo, aconchava as mãos em torno da bocca e chamava :

— Oh ! cachopa ! oh moça ! — chamar fraco que o vento desfazia.

— Oh cachopa ! oh moça ! olha a noute ! — e nem ligeiro balido vinha marulhar na parede caida da casa.

E quanto mais ia anoutecendo mais o coração lhe batia apressado. Podia agora um rebanho inteiro chocalhar, balar que elle não o ouviria. A bulha do seu coração era mais forte. Humedeciam se-lhe os olhos de tristeza, por não ter forças para ir procurar a neta.

E quando ella entrava, callada como sempre, tão contente ficava o velhinho que nem lhe fallava na demora !

A moça do casal do monte... Foi por uma noute de lua cheia, ao cantar dos ralos pelas sementeiras verdes, curtas e macias como relvêdos, que o casal do monte tomou parecências de velho castello dos tempos da meia idade. E a moradora d'elle, de pastora que era, como nas historias das fadas, converteu-se em castellã e veiu para o balcão da sua janella, banhar-se de luar, ouvir a voz do namorado. Um namorado galante, todo elle com seu ar de cidade, como seus olhos azues lhe tinham mostrado nos longos esquecimentos quando guardava as ovelhas.

Por isso, certa manhã de primavera abalou estrada fóra mais elle. Corriam frescas as seivas nos rebentos novos. Havia chegado o seu tempo de amôres. E para que elles não se amofinassem com a tardança não quiz saber do avô, que p'r'ali ficava ao desamparo, entre as quatro paredes da casa, duras para durarem eternidades, promptas a receber o moço abençoado que da aldeia subisse até ellas para fazer ouvir garalhadas de creanças, manhã cedo, como era de costume velho !

*

— Oh cachopa ! oh moça !

No terreiro em frente da casa o sol cahia quente, de chapada.

E o velhinho :

— Oh cachopa ! oh moça ! Olha a noute, oh mocinha ! Ampliava o pavilhão da ovelha com a mão em concha, retia o respirar.

No cortelho as ovelhas, pasmando d'aquella demora, tinham balado tristemente, ao ouvir-lhe a voz.

E elle, alegrado, esquecido do amparo que ia sempre pedir á parede da casa, acónchou as mãos em torno da boca, e forte, tão forte que até a neta o ouviria nos baldios :

— Olha a noute, oh cachopa ! Olha a noute que ahi vem !...

E cahiu desamparado no terreiro fumegante ao sol quente...

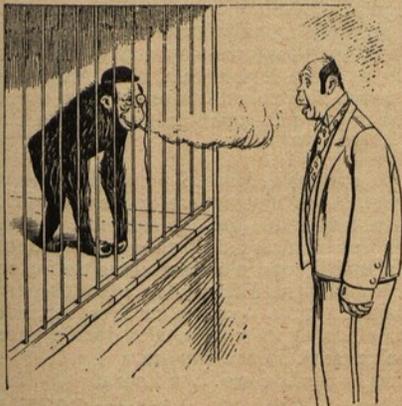
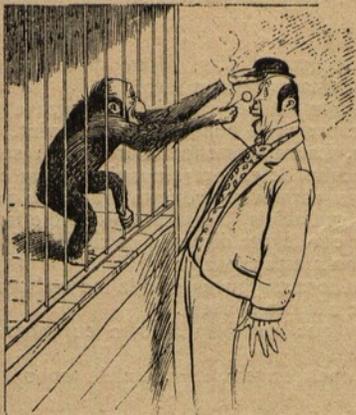
EDUARDO PEREZ.



OS DOIS MACACOS

CONTRASTE

A Nicolau Antonio Camolino.



No grande *landeau* do marquez a Laura scismava, olhando vagamente apagar-se em sombras a campina immensa. Os choupos da estrada destacavam ainda, em traços esguios, no tom confuso dos campos, lembrando cyprestes.

Ella recostara-se no fundo do *landeau*, muito encolhida, como que receosa de tocar na bella sêda côr de perola, que forrava a carruagem toda. Levava no assento fronteiro, apertada n'um grande lenço de ramagens, a sua roupa. Uma tristeza immensa a tomava: é que na aldeia ella deixava o seu bem estremecido, e quem sabe se para sempre. Oh! que horrivel idéa!... Passava então as mãos pequeninas, bem feitas, pela sua face suavemente rosada, como que a tentar afastar de si a dura visão!...

E uma cabecita de rosa e oiro lhe sorria então na sua dôce phantasia; os olhitos escuros fixavam-na mansamente; na boquita breve esboçava-se um sorriso.

Era bem dolorosamente amargo o separar-se d'aquelle pequenino ente, o filho estremecido. Mas... assim fôra necessario. Que fazer? Como sustentar a creancinha? ella, que tão pobre era, tão pobre!... Depois, como o senhor marquez lhe mandára offerecer uns lucros bons para amamentar um filho, ella aceitára, e assim poderia enviar á Deolinda a mezada certa com que sustentar o pequenito; fôra o que a resolvêra.

Oh! mas era muita aquella saudade!... Havia de passar, sim, tudo passa; por agora, porém, parecia que um espinho se lhe cravava dorida e persistentemente no coração, que um nó lhe estreitava fortemente a garganta. E davam-lhe ancias de voltar para traz, voar á aldeia, a encher de beijos sófregos a carita de cherubim do filho. Mas .. e depois?... o futuro?... que havia de ser do pequenito?... Não; ella havia de resignar-se... com o tempo.

As largas patas dos dois hannoverianos entravam de soar cadenciadamente na calçada. Era noite densa. Através dos vidros do *landeau* ella avistava agora casas sem fim, e, de quando em quando, a luz viva do gaz illuminava cruamente os transeuntes. Cruzavam-se carruagens; de longe em longe uma claridade grande sahia d'uma loja, alastrando se a toda a largura da rua.

Estava na cidade. Ella nunca viera á cidade, e aquelle formigar de gente, a enfiada da casaria, muito alta, o deslumbramento dos jórros de luz, todo o borborinho de vida nova, deixava-a estonteada.

Agora passava n'umas ruas muito mais largas, onde fôcos de luz espargiam uma claridade mais intensa e viva, que a deixava encandeada; havia flôres, perfumes vagos, arvores copadas projectando traços de sombras densas, muita vida, muito movimento, e os acordes metallicos d'uma fanfarra soando ao longe.

A Laura abria os grandes olhos espantados para os globos d'um branco faiscante entre as sombras negras do arvoredado copado.

O *landeau* parou de repente. Tinham chegado. Um homem, de grande casaco azul, veio abrir.

— E' a ama? desça, menina.

E a Laura entrára no vestibulo do palacête, onde umas plantas exóticas mostravam a larga folhagem verde, batida de luz. Na frente subia a grande escadaria, onde o tapete desenrolava um traço rubro, de sangue, nos degraus alvadios e polidos do marmore.

*

O quarto da Luara ficava no segundo andar, por cima dos aposentos do marquez e da marqueza. Uma noite, presa da insomnia, ella olhava a seu lado no pequeno berço (um ninho fôfo de sedas e rendas), o filhito da marqueza dormindo serenamente o somno bom das creanças, e então, ao seu pensamento corria logo a dôce visão do outro, da cabecita rosa e oiro do seu pequenino cherubim. E ella suspirava, suspirava a sua saudade immensa!...

Como se dava que fôsse tão desgraçada, ella, tão cheia de sentimentos bons!...

A pobre Laura, engeitada, (sem nunca um sorriso

de mãe lhe ter illuminado docemente a face), fôra ganhar o pão de cada dia para casa de um brasileiro rico, lá na aldeia; depois, o filho do brasileiro tinha um olhar velado, dóce, que a encantava, suspirava-lhe phrases quentes, apaixonadas, que a estonteavam; por fim, uma noite, n'um delirio, sem saber como, deu-se toda, sem condições. Se o amava e julgava ser amada!...

E apezar de tudo, apezar de abandonada infamemente, ella sentia ainda um prazer vago na recordação suave d'essa ventura fugitiva, que a inebriou por momentos. Fôra n'uma noite de tormenta medonha, o céu, densamente negro, pesava sobre toda a aldeia; nem uma estrella só entreluzia a mêdo na vastidão hiante; de quando em quando um clarão enorme lambia aquella negridão profunda, alastrando o seu tom livido sobre a paisagem, que se esboçava rapida, phantastica, para cahir de novo envolta em sombras.

Elle fôra a deshoras falar com o filho do brasileiro; fizera mal, bem o sabia, mas elle instára tanto e tanto, Laura tinha uma fé tão cega no amor d'elle!... Oh!... se nunca tivera ido!

Mas a noite era quente, suffocante, ella sentia-se invadida, tomada d'uma suave prostação; pela sacada em frente, entrava o fulgor phosphorescente dos relampagos lividos, e o perfil moreno do filho do brasileiro tomava então um tom estranho, que a perturbava. A tormenta bramia por montes e valles, e ella, transida de susto, deixava-se estreitar nervosa nos braços d'elle; o perfume dos seus beijos envolvia-a toda, e esses beijos dóces mordiam-na voluptuosamente.

Oh! ella não sabia, não sabia, fôra tudo como que em sonhos: o rugir soberbo da tormenta, a grande lividez phosphorescente, envoltos ambos em scintillações, em deslumbramentos vertiginosos!... Um sonho... um sonho d'um delirio, d'um arroubamento celeste!...

Mais tarde vieram desapiedadamente os tremendos desenganos; só, abandonada, á margem, o filhito, a falta de recursos, o horror!...

E a Laura olhava em roda o quarto, onde bruxoleava a luz dubia da lamparina; no seu ninho de seda e rendas o pequenito dormia docemente; debaixo, do andar inferior, subia a melodia confusa d'uma valsa no baile dos marquezes.

*

Notára a Laura de si para si que raras vezes a marqueza se curvava sobre a cabecita gentil do filho, na caricia d'um beijo, e sendo tão linda a creancinha!...

Era a marqueza um d'estes typos da mulher nervosa, vivendo da febre de prazeres continuos, bailes, theatros, eu sei!... uma vertigem de goso, que muita vez a deixava prostrada, com a enxaqueca teimosa. Gosava com razão de fama de belleza; é que era deveras mui gentil a marquezita. Casára por ambição de riquezas e honras, sendo pobre e de modesta condição. O marido era para si quasi que um indifferente. O que mais que tudo presava n'este mundo era a sua elegantissima pessoa; chegava a ter um verdadeiro culto por si mesma. Quando á noite a creada lhe soltava as fartas tranças, ella sacudia os ondeantes e longos cabellos, que a envolviam logo n'uma nuvem negra, de reflexos azulados, resaltando n'aquele tom escuro o jaspe quente dos seus hombros nús. Sorria a marquezita para o grande oval da psyché, que a retratava toda, deliciosamente tentadora, e a sua vaidadesinha achava-se inteiramente satisfeita. E' que deveras era muito linda a marqueza!...

Quando se viu gravida, sentiu um desconsolo intimo. Um filho!... era triste!... Julgara-se bem mais feliz se o não tivéra. Uma prisão, um tropêço!...

O marquez sorria de ventura ao pensar que ia ser pae. Um medico seu amigo disséra-lhe que faria bem á marqueza o amamentar ella mesma o filho. Um dia falou-lhe n'isso.

— Que horror! meu amigo; crear o pequeno, quem lhe metteu essa na cabeça?...

E o marquez não insistira.

— Que idéa a do marquez!... pensava ainda comsigo a marquezita.

Justamente o que ella temia mais em tudo aquillo era o perder as suas bellas linhas esculpturaes, que faziam que a olhassem com a admiração inspirada pela formosura da mulher perfeita.

*

— Se a marqueza teria um amante!... pensára um dia comsigo a Laura.

Mais que uma vez ella notára a assiduidade d'um primo do marquez, junto da marquezita. Este primo tinha para Laura por vezes um olhar impertinente; mesmo um dia, que a encontrára ao fundo do jardim, junto á grande tilia, segredára-lhe coizas, que a fizeram corar.

Elle não dissera nada á senhora, mas era certo que, d'algum tempo para cá, Laura notava uma certa differença na maneira por que a marqueza a tratava agora; tão bôa ao principio, mostrava-se por vezes d'uns modos bruscos, sacudidos e sêccos.

Sempre que o primo entrava, se a Laura estava presente, a marqueza ordenava-lhe logo que sahisse com o pequeno, sob um pretexto qualquer.

Dias depois, como se encontrasse frente a frente n'uma galeria com o primo da marqueza, este, afagando sempre a face macia e linda do pequenito, fez-lhe abertamente a proposta de a tornar sua amante.

A Laura ruborisou-se toda n'uma indignação e respondeu:

— Que mal fiz eu ao senhor para me insultar?...

— Vamos, pensa bem, pequena; demais, tu não és, francamente, tão ingenua!...

A Laura fugira, sem ouvir o terminar da phrase. Duas lagrimas lhe bailavam nos olhos formosissimos, quando, ao dobrar a esquina da galeria, deu de chôfre com a marqueza.

— O que tens tu? que vaes a chorar, perguntou-lhe ella.

— Eu, senhora?... Não é... não tenho nada!...

— Não tens nada e estás tão córada?... Vamos!...

— E' que... sim, uma dôr... ha de passar.

— Esta bem, vae-te.

E a marqueza carregára o sobrólho ao deparar com o primo, ao fundo, que parecia admirar uma soberba begonia *rex*.

*

Passados poucos dias, foram dizer á Laura que a senhora a chamava. Desceu logo.

No *boudoir* azul e oiro da marqueza estava junto d'ella uma rapariga de bôas côres, d'uns vinte annos.

— Olhe, Laura, disse-lhe a marqueza seccamente, logo que acabe de almoçar, arranje as suas coizas, que já dei ordem para estar prompto o *landeau* que a ha-de conduzir á sua aldeia. O mordomo que lhe faça as contas; d'hoje em diante dispense os seus serviços. Entregue o menino a esta rapariga.

— A senhora marqueza manda-me embora?

— Sim; não me convem.

— Sinto que me despeça sem eu saber o que fiz para isso.

— Não me convem, e mais nada tenho a dizer-lhe. Adeus.

Pouco depois, a Laura subia para a carruagem e partia.

*

Na amargura, que a torturava agora, uma luz radiante lhe illuminava um sorriso; ia tornar a vêr o seu pequenino cherubim rosa e oiro. Sim, corria feliz ao seu encontro. Mas... que seria d'elle, se não arranjasse casa para dar a vida do seu seio a algum dos venturosos da fortuna?... Fazia-a estremecer esta idéa.

Através do crystal puro dos vidros do *landeau*, ella avistava agora a planura vasta, doirada de sol, desdobrando-se em ondulações, vagamente.

E os cavallos possantes trotavam, trotavam sempre, e ao fundo da estrada poeirenta, n'um recanto isolado, na casita pobre da Deolinda, lá estava elle, o pequerrucho, com os braços nús, como azas de avesita!... a espectral-a...

E, como contraste frisante, emquanto a Laura, pobre, miseravel, sem um amparo sequer na vida, corria delirante em busca do ideal da sua vida, (o fructo dos seus criminosos amores), desprezando as propostas vis do outro, a marquezita, n'um ambiente de fortuna e de cuidados, recostada na fôfa *chaise longue* do perfumado *boudoir*, esquecia tudo o que a cercava, sorrindo voluptuosa, embalada agora pela musica doce e quente das phrases apaixonadas do seu amante.

Das duas, a perdida era... a Laura.

(Do *Azul e Negro*, no prélo).

AFFONSO BOTELHO.

NO LODO DA TERRA

Onde tu passas o ar se doura ! Os montes
De vêr-te os olhos verdes, reverdecem !
E as puras aguas crystalinas descem,
Só para vêr-te, das musgosas fontes !

O mesmo ar te namora ! Os horisontes
Que na poeira do sol desaparecem,
Chamam por ti de longe e te offercem
As azas d'ouro, com que ao ir, te aprontes.

Namora-se de vêr-te a rocha agreste,
As estrellas, o ar, a terra dura,
E só por meu amor do céu desceste !

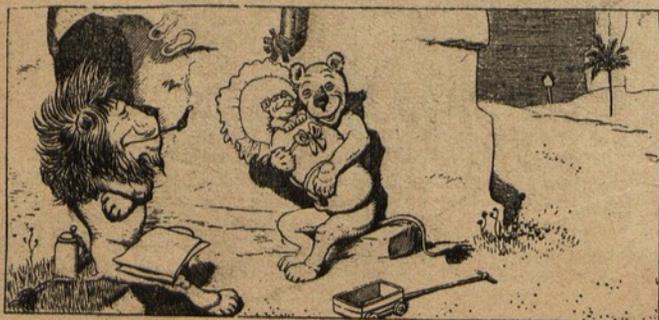
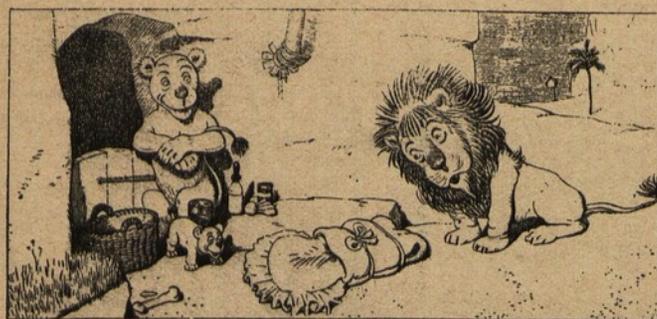
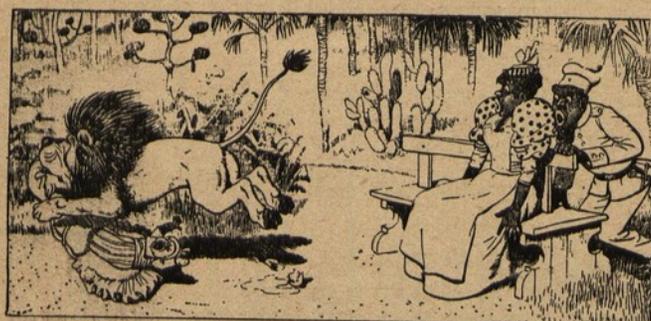
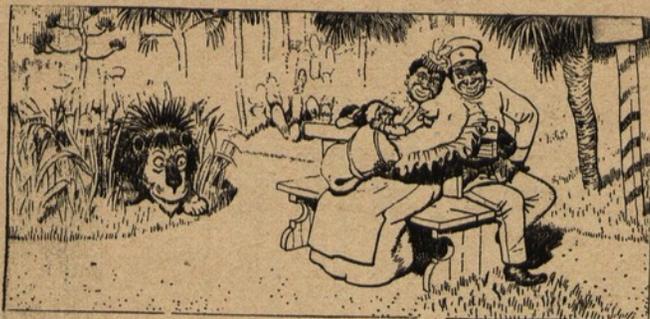
Por mim, misero humano, lama escura,
Triste sombra mortal, que tu podeste
Prender nas tuas mãos de prata pura !

(Inedito.)

JULIO DANTAS.



FLIRT



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O MILAGRE DE SANTO ANTONIO

Não venho, meus amiguinhos, desbançar a tia Marianna que d'aqui vejo uma boa velhinha que deixando por um momento o seu rosario e saboreando a sua pitada, vos entretrem contando umas historias. Eu tambem vos quero contar algumas que sei de principes encantados, de fadas, etc. Hoje, porém, começarei por vos contar um milagre do nosso Santo Antonio.

Havia uma mulhersinha, isto ha muitos e muitos annos, que era viuva e tinha muitos filhos e por estes motivos vivia muito pobresinha. Passava muita fome e via os filhinhos tambem morrer de fome. Trabalhava de dia e de noite para os sustentar e não ter de pedir esmola, pois isso é repugnante a todas as pessoas que tem brio. Um dia, porém, as forças faltaram-lhe e então entrou-lhe a miseria em casa com todo o seu cortejo de horrores. A pobre mulher, que sempre tinha conservado uma confiança cega em Deus, foi á igreja, e, prostrada perante a imagem de Santo Antonio chorou e implorou a sua protecção. Santo Antonio levantou um pé e atirou-lhe uma das suas sandalias, que eram de ouro e brilhantes. A mulher não se atrevia a crer o que via, mas voltando a si da sua estupefacção pegou n'ella e levou-a a um ourives para lh'a avaliar e comprar. O ourives, conhecendo a sandalia de Santo Antonio, disse á pobre mulher que fosse lá no dia seguinte buscar o dinheiro porque n'aquella occasião não tinha nenhum que lhe pudesse dar. Voltando a mulher no dia seguinte para receber o cinheiro o ourives entregou-a a uns soldados que lá tinha chamado e que a levaram algemada para a cadeia dizendo que não acreditavam que a imagem d'um santo feita de um bocado de pau ou de barro lhe atirasse uma sandalia, pois que não sendo ella a unica pobre da terra fosse ella a preferida pelo santo para lhe dar uma prova da sua protecção. Com estes e outros ditos levaram-a ao outro dia á presença da auctoridade a quem a mulher lavada em lagrimas contou o milagre que Santo Antonio lhe fizera. Este funcionario tão incredulo como os proprios soldados invectivou-a de ladra e condemnou-a a ser enforcada. Imaginae o desespero da pobresinha; ella que estava innocente ia morrer como criminosa e peor do que isso deixar os filhinhos morrendo á fome e sem ter ninguem que os acarinhasse. Pediu que a levassem á igreja e ahi, prostrando-se de joelhos, pediu a Santo Antonio que mostrasse o grande poder que Deus lhe deu provando a sua innocencia. Então o santo, com grande admiracção de todos, levantou o outro pé e atirou-lhe a outra sandalia. Foi proclamada a innocencia da mulher, levada em triumpho e por ordem superior pagas as sandalias pelo seu v. lor. Escusado será dizer-vos que a mulher ficou sendo muito estimada e venerada por todos.

G. B.

FERNANDES COSTA

O ANNO POLITICO

(1896)

Primeiro anno de publicação

Um volume de 420 paginas, brochado, 800 rs., encadernado, 1\$000 rs.
Pelo correlo, mais 50 réis

O Anno Politico é o estudo minucioso, feito semana a semana, dos acontecimentos politicos mais sa-
lientes, que interessaram a sociedade portugueza, no periodo a que é referido.

Não é uma exposição noticiosa de factos; é uma coordenação systematica de idéas, relacionando os suc-
cessos no mesmo corpo de doutrina, e apresentando-os nas dependencias mutuas, que forçosamente tem entre si.

O Anno Politico, surpreendendo os acontecimentos no momento em que surgem, pela ordem da sua
sucessão, vae fazendo a historia palpitante e viva de um periodo social caracteristico, e acompanhando passo
a passo a sua lenta e interessante evolução.

Escrepto com plena imparcialidade, sem nenhuma preocupação partidaria, sem pôr a mira em qualquer
objectivo, que não seja o bem publico, **O Anno Politico** aprecia e pondera os factos segundo as intenções
mais justas, reprehendendo-os ou louvando-os, quaesquer que sejam os seus responsaveis, mas nunca excluindo
a cortezia da fórma nem a correção dos termos, nunca sacrificando á severidade, por maior que ella tenha de
ser, o respeito e as atenções com as pessoas. E reciprocamente.

No meio da complexidade de phenomenos, cujo emmaranhado conjuncto constitue a crise geral, que o
nosso paiz está atravessando, subdividida em uma multiplicidade de crises parciais, **O Anno Politico** pro-
cura abrir caminho, fazer luz, nortear os espiritos, de modo que todos possamos ter consciencia da verdadeira
situação publica, e animo para congregar esforços, afim de se remediar o muito, o quasi tudo, que indubita-
velmente tem remedio.

O Anno Politico, elaborado e deduzido sem prevenção de nenhuma especie, isto é, não querendo vêr
as cousas nem melhor nem peor do que são, deixa transpirar das suas paginas, para quem o souber lêr, con-
clusões animadoras. Accusa, em verdade, imprevidencias e desacertos de homens, defeitos e fatalidades de
temperamento e de raça; mas confia plenamente, e sabe e diz porque o faz, nos instinctos e nas virtudes
d'esta, na sua tenacidade e no seu esforço, redivivos sempre ante as crises maximas, e tem consciencia de lhe
estar reservada na historia, continuadora do passado inextinguivel, uma futura e grandiosa missão.

Por isso, **O Anno Politico** não se prende com a politica pequena de um Portugal pequeno, que pequenos
portuguezes só vêem; **O Anno Politico** alarga as suas vistas, tanto quanto pôde, por mais vastos horison-
tes, e chama as atenções das almas portuguezas para a maior politica, que compete, por direito e por dever,
a um Portugal maior.

Assim, n'**O Anno Politico** só se trata de politica verdadeira; de politica nacional e bem intencionada;
de politica experimental e scientifica, propria de politicos e não de policantes. Ao mesmo tempo, politica prática,
de possivel applicação, de presupposto bom senso e parece-nos que de bom conselho.

O Anno Politico é um livro sincero, offerecido ás meditações, á observação, a critica e á consciencia
de toda a sociedade portugueza.

Chama a atenção d'esta para a Política; procura despertal-a da sua inercia, da sua culpada indifferença,
interessal-a nas grandes preocupações publicas, lembrar-lhe os seus direitos e os seus deveres, avivar-lhe as
virtudes civicas, convencil-a, emfim, a ella que é o povo, de que, sem educação politica, não é uma sociedade
intelligente, uma sociedade civilisada, livre e soberana. E' um rebanho passivo, sempre á mercê de todos os
exploradores e de todas as explorações.

INDICE

Introdução. — Revista geral politica do anno
anterior.

Janeiro. — Terminação feliz da nossa guerra em
Africa — Morte de João de Deus. — O poeta e o politico
— Interpretação sociologica das homenagens a João de
Deus — Regresso dos expedicionarios da Africa — Poli-
tica e festejos publicos.

Fevereiro. — Interesses politicos e recompensas
militares — A expectativa nacional em materia politica
— Horisontes turvos — A Imprensa e a Lei Nova — O
passado do gabinete — Em volta da tribuna parlamentar.

Março. — Portuguezes na India e francezes em
Portugal — A partilha d'Africa e os povos modernos —
Chegada dos prisioneiros d'Africa — Colonias militares
agricolas — Relatorios de fazenda e relatorios de cam-
panha — Liquidações politicas — O livro do sr. conse-
lheiro Fuschini.

Abril. — Herança politica e habilitação de herdei-
ros — As oito fórmulas da pilula ministerial — Impostos
novos, crises permanentes e miserias antigas — Politica
extrangeira e politica domestica.

Maió. — A novissima lei eleitoral — Aquillo que se
chamou parlamento — Guilherme II e Mousinho d'Albu-
querque — Marinha e assumptos correlativos — A colo-
nisação do Alemtejo — El-rei D. Carlos, lavrador alem-
tejo — Marinha de guerra e exercito do ultramar — O
Portugal maior.

Junho. — Nós e a França — Nós e a Inglaterra
— Noções confusas de governo e desgoverno — O ultimo
ataque — Não está tudo perdido — A volta da India —
Imminencia de um partido tricephalo — Liquidações
actuaes.

Julho. — Realidades e apparencias — Palavras a
El-rei — A acção pessoal e constitucional do Poder Mo-
derador.

Agosto. — Portugal e o parlamentarismo egypcio
— A pasta da guerra e as reformas dos serviços mili-
tares.

Setembro. — Questões militares na ordem do dia
— Influencias portuguezas na alma brasileira.

Outubro. — A crise politica e a sua razão de ser
— Perspectivas eleitoraes, parlamentares e partidarias
— O capitulo das interrogações politicas... sem res-
posta.

Novembro. — Quem nos deve governar — O paiz
moderado — A formação dos partidos novos — Analyse
da situação politica — Como sahir d'ella.

Dezembro. — O sophisma representativo — Um
partido em busca de uma atitude — A Cuba hespanhola
e as nossas futuras Cubas — Latinos e anglo-saxonios
— O circulo do anno — Alegrias do começo e tristezas
do fim — Conflictio luso-alemão — os grandes e os pe-
quenos.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

NOVIDADE LITTERARIA

CORAÇÃO DOENTE

ROMANCE DE

LOURENÇO CAYOLLA

Um volume, 500 réis. A' venda na Livraria do Editor A.
M. PEREIRA.

Impressionistas

PROSAS VARIAS

DE

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO

UM VOLUME BROCHADO 500 RÉIS

A' venda na Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54

GUILLARD, AILLAUD & C.^a

242—RUA AUREA, 1.º—LISBOA

A apparecer n'esta semana:

PARTINDO DA TERRA

POR

ANTHERO DE FIGUEIREDO

Um volume brochado, 700 réis

A' venda em todas as Livrarias

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

Branco e Negro



O BANHO — (Quadro de Debat Ponsan)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 54

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell , etc.
Illustrações de toaa
a classe de obras
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se qu'esquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante.: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º ; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

METRONOMOS «ECLAIR»

A ultima novidade musical

O uso do Metronomo, tão interessante para o estudo de qualquer obra musical, tem sido relativamente restricto, em causa do seu preço e da complicação do seu machinismo, que a cada momento se deteriora, pondo o apparelho fóra de serviço. No Metronomo «Eclair» não ha machinismo, as oscillações são mathematicamente exactas, o que raras vezes se dá nos antigos, e além d'isso é absolutamente silencioso, portatil, elegante e barato.

Preços dos diferentes modelos

Cobre bronzado.....	1\$500 réis	Nickel	2\$500 réis
Cobre polido.....	2\$000 »	Electro.....	3\$000 »

Estojes forrados de velludo e setim, proprios para offerecer os metronomos como brinde, réis 1\$200

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

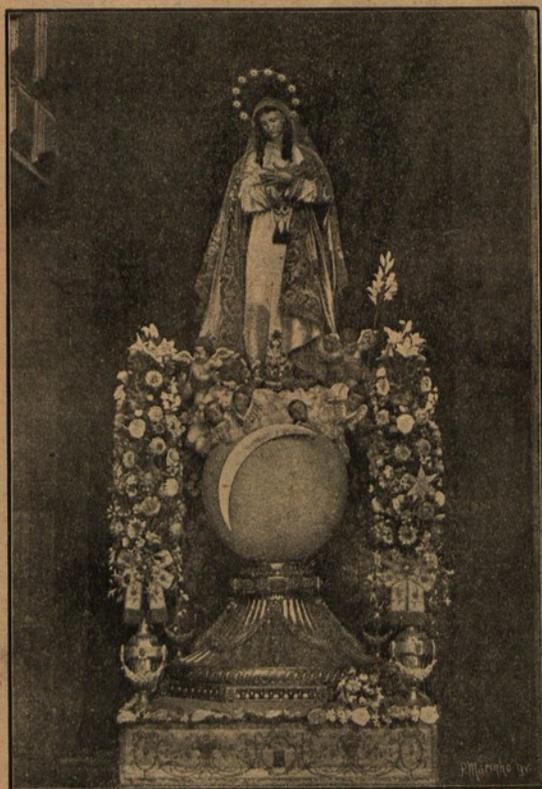
N.º 2

LISBOA, 11 DE ABRIL DE 1897

2.º ANNO

ESCUPTURA RELIGIOSA

A PROCISSÃO DE CINZA NO PORTO



NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO



S. LUCIO E SANTA BONNA

A CIDADE do Porto é das localidades do paiz aquella em que as solemnidades religiosas revestem, de certo, mais extraordinario brilho e sumptuosidade, podendo, sem contestação, afirmar se que em parte alguma se realisam com mais pompa as procissões que ali costumam sahir dos templos do Carmo, Lapa, Terço, Trindade e S. Francisco, procissões verdadeiramente deslumbrantes, não só pela opulencia das alfaias, como pela belleza artistica das imagens que os andores ostentam. Sob este ponto de vista, a nenhuma outra do reino cede a palma a cidade que se condecora com o titulo de cidade da Virgem.

Do amplo templo de S. Francisco, de tres naves, com os altares, retabulos, arcos, columnas e abobadas, profu-

samente adornadas de magnifica obra de talha dourada que o conde de Rackzinsky admirou, pela sua grandiosidade, sae, no dia proprio, quando o tempo e as finanças da Ordem Terceira o permitem, a magestosa procissão de Cinza, da qual só pode aproximar-se a que, pela mesma occasião, se effectua em Villa do Conde.

São de tamanho natural todas as figuras dos 12 andores que formam a procissão de Cinza, da Ordem Terceira de S. Francisco, do Porto; e de veludo fino ou gorgorão de seda, com primorosos bordados a ouro, as tunicas, mantos e vestidos das imagens, sendo egualmente de excellente seda ou damasco, com bordados de fino ouro, as sanefas que cercam os andores, bem como o estandarte que tem 8 palmos de largura, e o pallio, sustentado



SANTA ANGELA DE FULGINO



S. ROQUE

por 8 varas de prata, de 3 metros de altura. As cercaduras bordadas a ouro, de algumas tunicas datam do seculo xviii. Calcula-se que não teriam custado menos de 100

contos de réis, ao tempo em que se fizeram, os andores e alfaias que figuram n'esta solemnidade, e que hõje se reputam em maior preço, pelo valor estimativo.



SANTO IVO, DOUTOR



S. LUIZ, REI DE FRANÇA



SANTA ROSA DE VITERBO

Damos uma succinta indicação dos andores que reproduzimos em gravura.

O 1.º é o de Nossa Senhora da Conceição, por ser a padroeira do noviciado da Ordem Franciscana. Antigamente, os irmãos noviços eram os que acompanhavam esta primeira parte da procissão.

O 2.º é o de S. Lucio e Santa Bóna, que estão de joelhos, no acto de receberem a regra da Ordem, da mão do patriarcha S. Francisco. S. Lucio e Santa Bóna — marido e mulher — viveram a mais santa e virtuosa vida; e por isso os fieis lhes chamam os *Santos bem-casados*.

O 3.º é o de Santa Angela de Fulgino, olhando cheia de pavor para uma caveira e alguns ossos espalhados no pavimento do andor.

O 4.º é o de S. Roque, vestido de romeiro, com o cordão da Ordem, no acto de afagar um cãozinho, tendo-lhe dado um bocicado de pão para que lhe lambesse uma chaga que se vê na perna esquerda.

O 5.º é o de S. Ivo, doutor, vestido de batina e sobrepeliz, contemplando extactico a divindade, com a mão direita sobre o coração, tendo na esquerda um livro de orações. Sobre uma almofada de velludo, collocado aos pés, vê-se a borla doutoral, com as côres branca e verde, designando as faculdades de theologia e canones, em que fôra distincto.

O 6.º é o de S. Luiz, rei de França, vestido com habitos de côrte e cingido com o cordão da Ordem, empunhando o sceptro com a mão direita e segurando na esquerda uma corôa de espinhos e os tres cravos que aperta contra o peito.

O 7.º é o de Santa Rosa de Viterbo, vestida de freira franciscana, coroada de rosas brancas, symbolo da sua virgindade. Contempla uma caveira, com a maior compuncção.

O 8.º é o do Senhor Crucificado, chamado o *Andór da Ordem*. Deante do Christo está de joelhos S. Francisco,

com os braços abertos, em contemplação, no acto de receber as chagas no peito, pés e mãos.

Esta imagem é reputada uma obra prima de esculptura e foi feita, bem como todas as outras, pelos distinctos esculptores portuenses Manoel Joaquim Alves de Sousa Alão e seus filhos João e José.

O 9.º é o de Santa Isabel, rainha de Hungria, vestida com o habito da Ordem. Um sacco cheio de pães está pousado no pavimento do andor, significando o ardor da Santa em socorrer os necessitados. Tem aos pés a corôa de rainha.

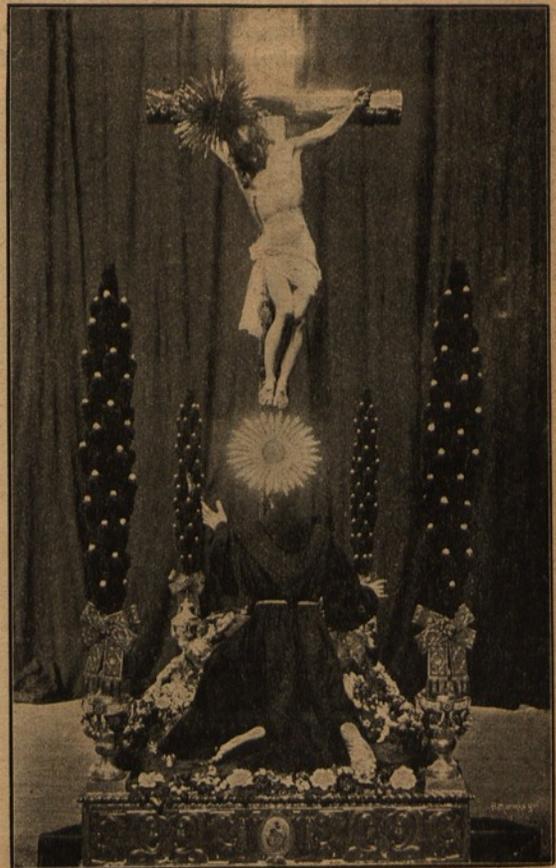
O 10.º é o de S. Carlos Borromeu, arcebispo e cardinal, vestido com os habitos prelatícios, fixando um crucifixo que sustenta nas mãos. Em signal de penitencia e humilhação, pende-lhe do pescoço uma corda, caminhado descalço e com os pés ensanguentados, pois foi assim que elle sahiu em solemne procissão de penitencia, quando a peste assolava o seu rebanho.

O 11.º é o de Santa Isabel, rainha de Portugal, vestida com o habito da Ordem, sustentando uma arregaçada de rosas, em que se transformára o dinheiro que um dia dava aos pobres. Tem aos pés a corôa real.

O 12.º é o de Santa Margarida de Cortona, vestida tambem segundo o uso seraphico, contemplando e abraçando um crucifixo, com pungente recolhimento e humilhação.

*
* *

A procissão, além dos andores que acabamos de indicar, é formada por extensas filas de irmãos com os seus habitos, tunica e capa, por numerosos anjos e figuras al-



CHRISTO



SANTA IZABEL, RAINHA DA HUNGRIA



S. CARLOS BORROMEU

legoricas e simbolicas, ostentando preciosos emblemas. O fervor religioso conserva-se intenso no norte de Portugal, mormente no Minho, porfiando todas as confrarias e irmandades em apresentar ricos paramentos do culto e alfaias, obra dos ourives do Porto e de artifices de varias aldeias circumvisinhas.



SANTA IZABEL, RAINHA DE PORTUGAL



SANTA MARGARIDA DE CORTONA

SOB O ALPENDRE

A PORTARIA d'aquelle mosteiro era um pateo tranquillo, de lages varridas, sob arcadas altas, para onde davam as primeiras grades.

N'um rodapé alto de azulejos, correndo a toda volta, figuravam-se, n'um desenho largo e ingenuo, a dois tons de um azul fresco, os mais notaveis dias da vida da santa protectora do mosteiro e freira d'aquella mesma ordem.

Ao lado, uma escadaria levava para o interior; e em baixo, no quarto da rodeira, que dava para este pateo por uma pequena porta pintada de verde, alvejava, saindo pelo postigo, uma cortina branca.

Sobre esta pequena porta estava, moldado em barro (de que é feito o homem e o mundo!) o emblema do recolhimento: — n'uma cruz descansava um coração ferido, que era vaso de um lilaz.

Este symbolo era visto por toda a parte no mosteiro: sobre a porta de cada cella, ao longo do côro entalhado nas estantes, aberto no ralo dos confessorios e nos crivos do parlatorio.

Bem ás vistas, para que todos considerassem quanto póde a fé, que n'uma sementeira de miserias mundanas faz nascer flôres!

Quantas freiras de mãos de cera, ao bordar este emblema nos véus dos calices, nas toalhas eucharisticas ou nos linhos dos *manustersus*, foi meiga picando o panno para não maguar o seu proprio coração!

Na parede do fundo d'este pateo rasgavam-se as fendas estreitas das rodas do convento. Em certa posição da roda via-se de lá para dentro um toro de columna e ao pé algumas flôres n'um canteiro de azulejos, acarinhadadas por uma grande sombra—talvez do mosteiro que se não via.

A portaria era pois o anteparo d'aquelle silencio e d'aquella sombra.

Todas as alegrias humanas, ao entrar ali, punham véu de viuvez que se convertia em véu de outros esponsaes.

Vinha-lhe de longe a fama. Dizia-se que era um refugio mais forte que os baluartes e que o mundo não entrava ahi. Corria como certo haver lá remedio para tudo, mas principalmente para os males do coração. Que muitos que na vida tinham soffrido e eram sem esperanza, no seio d'elle a achavam, vivendo em socego, curados de seus males. Sonhavam com o mosteiro os infelizes de toda a hora — os descrentes e os vencidos, e muitos vinham de longe internar-se n'elle para toda a vida. Entrava-se para ahi como os pobres entram para um hospital: — deixando no anteparo a roupa com que andam na rua ao pó e ao frio, á chuva e ao vento!

Poetas houve que, embora pizando as ruas tumultuosas das grandes cidades, se refugiavam n'elle em espirito, procurando ahi o que na vida ainda não haviam encontrado. E suas almas percorriam, então, os longos corredores do mosteiro, longos e escuros, batendo á porta de cada cella, batendo para entrar.

E emquanto com elles sonhavam, esqueciam-se das suas miserias; mas, quando um dia, após longa caminhada, ahi entravam verdadeiramente, seus sonhos desfaziavam-se de encontro á realidade vil de se defrontarem com aquellas mesmas pessoas com quem até ali tinham vivido, que enchiam o mundo de cá de fóra, e de quem vinham fugindo; e, então, aquellas paredes, que ao longe pareciam leves, pesavam sobre quem lá entrava.

Era aquillo, pois, uma illusão! Por isso tudo eram lamentações.

N'uma varanda solitaria do mosteiro, chorava uma voz de mulher, voz maguada pelos desenganos, que dizia assim:

«Ha muito que no chão caíram as flores das macieiras e emmurcheceram-se nos relvados dos jardins os jacintos de todas as côres, porque abril vae no fim e já a figueira tardia começa a deitar os primeiros gomos.»

Ha muito!...

«A noite de hontem, lá fóra, levei-a a sonhar com arvores em flor, e por isso, logo que de manhã acordei, corri a esta janella, mas n'estas arvores não vi flores e nem mesmo pelo chão as vi, porque o vento tudo varrêra para longe!»

Para longe!...

«Pensava eu que o beiral d'este telhado seria como o

da casa em que nasci, aonde d'antes! (signal de ventura), vinham fazer o ninho as andorinhas do sul.»

D'antes!...

Phantastico mosteiro! que dava socego ás almas que n'elle pensavam, e apaziguava os infelizes que se lhe abeiravam; mas ai dos que queriam ir mais alem, subindo-lhe as escadas — internando-se n'elle.

Elle era como a terra aspera das montanhas, que vista de longe parece de setim; elle era como as aguas do mar agitado que na linha da barra parecem planas e tranquilladas como as de um lago. Cousas que preciso é serem vistas de longe!

Mas quem sonhava com elle era feliz, e os que se lhe approximavam tranquillados viviam.

Ao alpendre vinham pobres de toda a parte, porque o caldo conventual que davam era farto e a todos satisfazia. Apinhavam-se á entrada sob o alpendre: se havia vento e chuva, achegavam-se mais, abrigando-se; se havia sol, a sua sombra os tapava.

Começavam a ladainha n'uma melopeia soturna, mas em que havia um fio de alegre agradecimento. Ouvia-se, ao longe, vinda do mosteiro, a voz unctuosa do orgão: e então aquelles pobres, que já não sabiam rir, esqueciam as sua arrastadas miserias, tomando-se n'esse instante de um grande optimismo, em que se achavam bons e bellos uns aos outros.

Uma ruiva, picada de sardas, e que tinha duas belidas nos olhos, foi amada commovidamente por um outro cego, que se punha a chorar ouvindo-lhe a voz. Conversavam largamente, esquecidos do tempo; e quando se despediam, a conversa estava sempre no mesmo pé, porque era das que não têm fim.

Seus rostos tomavam uma expressão que não era nada d'esta vida, porque no céu esplendente, para o qual voltavam seus olhos mortos, viam illuminar-se a imagem da creatura que elles tinham na alma: — imagem perfeita como só póde ser a que é gerada na phantasia sorridente dos amores distantes e puros.

Uma vez combinaram elles dar um passeio pela estrada fóra, metter depois pelo atalho e ir, lá para o entardecer, rezar juntos no adro da capella.

E foram. Foram sósinhos confiados um no outro, absolutamente.

Era isto pelo tempo das vindimas, em que dos casaes vem o cheiro a vinho novo, e as estradas soalhosas andam cheias de carros de bois, a chiar, sob o peso das dornas, que transbordam de cachos loiros e negros que vão de lagarada.

Os bois amarellos, sob o alto jugo enfeitado de ramos verdes de carvalho, meneiam satisfeitos as caudas, alegres tambem com a alegria que vae em roda — o chiar do carro e as cantigas da gente.

No pó escaldante, reparigas descalças queimadas do sol, o peito quasi ao léo, espadaúdas e francas, dançam pulando em volta do carro. Seus olhos rasgados de alegria são o pregão: — «quem quer! quem quer!» de seus corpos fortes como toiros e de seus peitos duros como traves de lagar.

Em cima do carro, entre a dorna bojuda e os toscos fueiros engrinaldados com flores do campo, lavradores, meioebados, sujos como ferreiros e cabelludos como satyros, vão cantarolando obscenos cantos como outr'ora na clara Grecia o côro lubrico dos dithyrambos.

Amadurecem ao calor os ultimos milhos, já o sol vermelho e fecundo fermenta os cachos nas dornas, e no leito duro da estrada o amor rude d'estes aldeões levanta rugidos tão fortes como a agua de um rio despedaçando-se n'um açude!

E no meio de tanta alegria mundana ninguem reparou n'aquelle par mais feliz do que nenhum outro, pois cada um d'esses cegos levava por seu braço a creatura linda e perfeita que, embora com olhos cegos, elles viam presentes ao pensamento.

E foram rezar, depois, á Senhora da capella.

Já piscavam no céu esmaecido as primeiras estrellas de prata.

ANTHERO DE FIGUEIREDO.

COSTA CARREGAL



RAPHAEL BORDALLO, COSTA CARREGAL E ALFREDO MARÇAL BRANDÃO

Do *Primeiro de Janeiro* transcrevemos as seguintes linhas sobre a morte do mallogrado e illustre impressor que o Porto acaba de perder :

«O Porto perdeu uma das suas mais bellas figuras — figura de generoso romantico — em Costa Carregal, o intelligente mestre-impressor morto hontem, ás 9 horas e meia da manhã. Ninguem o desconhecia aqui : ao menos pelo seu exterior de farta cabelleira loira, e o talho todo proprio do seu vestir. Mas, é claro, que a sua longa notoriedade não provinha do modo singular do traje, sim da excellencia admiravel do seu character e da belleza rara do seu espirito. Uma iniciativa larga, ajudada por uma segura actividade, fizera-o crear a officina typographica que entre nós teve mais voga : a *Typographia Occidental*, que Costa Carregal tornou falada pelas brilhantes perfeições dos seus trabalhos d'impressão. A

vasta quadra da rua da Fabrica tornou-se um centro de reunião do que ha de mais intellectual no Porto, indo alli á procura do convivio adoravel do talentoso impressor os nossos primeiros homens da litteratura, da arte e do professorado.

«Pode dizer-se que não ha no Porto personalidade de vulto que não tenha feito a visita d'essa officina, onde a alegre e luminosa alma de Costa Carregal fazia uma doce atmosphera d'intelligencia e de bondade. Alli se prepararam obras de litteratura e arte, se fizeram planos de mocidade vehemente que o generoso typographo secundou com todo o seu enthusiasmo e tambem muitas vezes com o seu auxilio material. Elle tinha quasi o delirio das iniciativas litterarias e a sua alegria era acompanhar «os rapazes» em todas as tentativas d'espiritos novos, ficando sempre, atravez de dolorosos escarmentos, de coragem juvenil e de decisão audaz. D'uma fina intelligencia para a percepção de todas as coisas, apurado na convivencia de altos espiritos, era d'um grande encanto de conversa, e a vivacidade do seu entendimento só encontrava igual nas magnificas effusões do seu coração. Porque um dos motivos do forte prestígio do seu nome era a esplendida generosidade d'esse trabalhador ; preso de manhã á noite na officina, que mal podia satisfazer ás offer-tas de trabalho, Costa Carregal morreu pobre.

«Não consta que chegasse até lá o conhecimento d'uma desgraça sem que o caridosissimo homem tratasse de a soccorrer. Os que frequentavam a officina da rua da Fabrica sabem bem como

Costa Carregal tinha sen sibilidade para todos os infortunios e coração para espalhar em larguezas de principio o resultado do seu dia d'esforço. E, quando os prudentes lhe censuravam a generosa imprevidencia, a larga face sorria com toda a suavidade dos olhos azues, e sacudindo a farta cabelleira elle dizia que alguém devia pensar nos miseros. Por isso elle morre sem um inimigo : — os proprios invejosos tiveram de recolher ante o resplendor d'esse character de diamante !»

*

Ha poucos mezes, o nosso querido amigo teve uma congestão pulmonar. Os medicos não tardaram a verificar a existencia d'uma lesão cardiaca, que avançou com uma violencia extraordinaria, resistindo a todos os cuidados da sciencia e da familia. Hontem, de manhã, a bella alma evadia-se...

VIAGENS NO PAIZ

(XX)

THOMAR

A proposito da viagem em comboio expresso á pittoresca e historica cidade de Thomar, damos hoje algumas gravuras, reproduzindo os principaes monumentos d'esta cidade que é uma das mais lindas e mais cheia de recordações historicas do nosso querido Portugal.

Teve esta cidade por fundador a Gualdim Paes, o glorioso mestre dos Templarios portuguezes^t lançando no dia 1 de março de 1160 a primeira pedra do altivo e invencivel castello que campeia ainda hoje no alto da serra sobranceira á povoação.

Tem este castello paginas gloriosissimas que enchem d'uma luz intensa os 7 seculos da sua existencia.

Grande e rapido foi o desenvolvimento de Thomar sobre a protecção dos Templarios, e mais tarde, como sede da mui nobre Ordem de Christo, tomou tal grandeza, que no reinado de D. João I chegou a ter 15000 almas.

Não admira muito este facto, ainda assim, se repararmos que era ella ao tempo o quartel general d'esses illustres cavalleiros de Christo, os quaes, expurgado o territorio portuguez dos inimigos da Fé, foram por ignotas paragens nas frageis caravellas dirigidas sabiamente pelo grande infante D. Henrique á Africa, aos Açores, Madeira, e mais tarde, ainda guiados pelo luminoso espirito do infante, á India e ao Brazil. Thomar devia sentir e compartilhar da gloria e dos beneficos fructos d'essas conquistas e descobertas.

Ainda hoje os seus ricos monumentos attestam a sua grandeza d'outr'ora e de que vamos ao correr, dar uma palida idéa da sua belleza e grandiosidade.

Começaremos pelo sumptuoso convento de Christo de que reproduzimos a *Charalla* dos templarios, a Janella da Igreja e o Claustro do cemiterio. A *charalla* que quer dizer corredor semi-circular entre o corpo da egreja e o altar mór, foi levantada por Gualdim Paes para as cerimoniaes religiosas dos seus irmãos templarios. Hoje é a capella-mór da magestosa egreja que D. Manuel, mestre da Ordem de Christo, mandou, segundo o risco do celebre architecto João de Castilho, illustre thomarense, construiu para as grandiosas e imponentes festividades dos seus cavalleiros.

Da simplicidade primitiva da *Charalla* pouco resta; pois D. Manuel, mandou a adornar com diversos arabescos, estatuas, baldaquinos e soberbos quadros dos quaes ainda restam alguns.

Esteve profanada por muitos annos esta egreja, depois de 1834, mas ha tempo foi novamente benta e ha n'ella festa no dia de natal.

Está sepultado na capella mór o grande mestre da Ordem de Christo, D. Lopo Dias de Sousa, um dos soldados mais valentes e leaes que ajudou a cimentar o glorioso throno de D. João I.

Passando para fóra da Egreja e acompanhando as gravuras, fallaremos da celebre e famosa janella que dá luz á parte inferior do côro que injustificadamente tem nome de casa do capitulo.

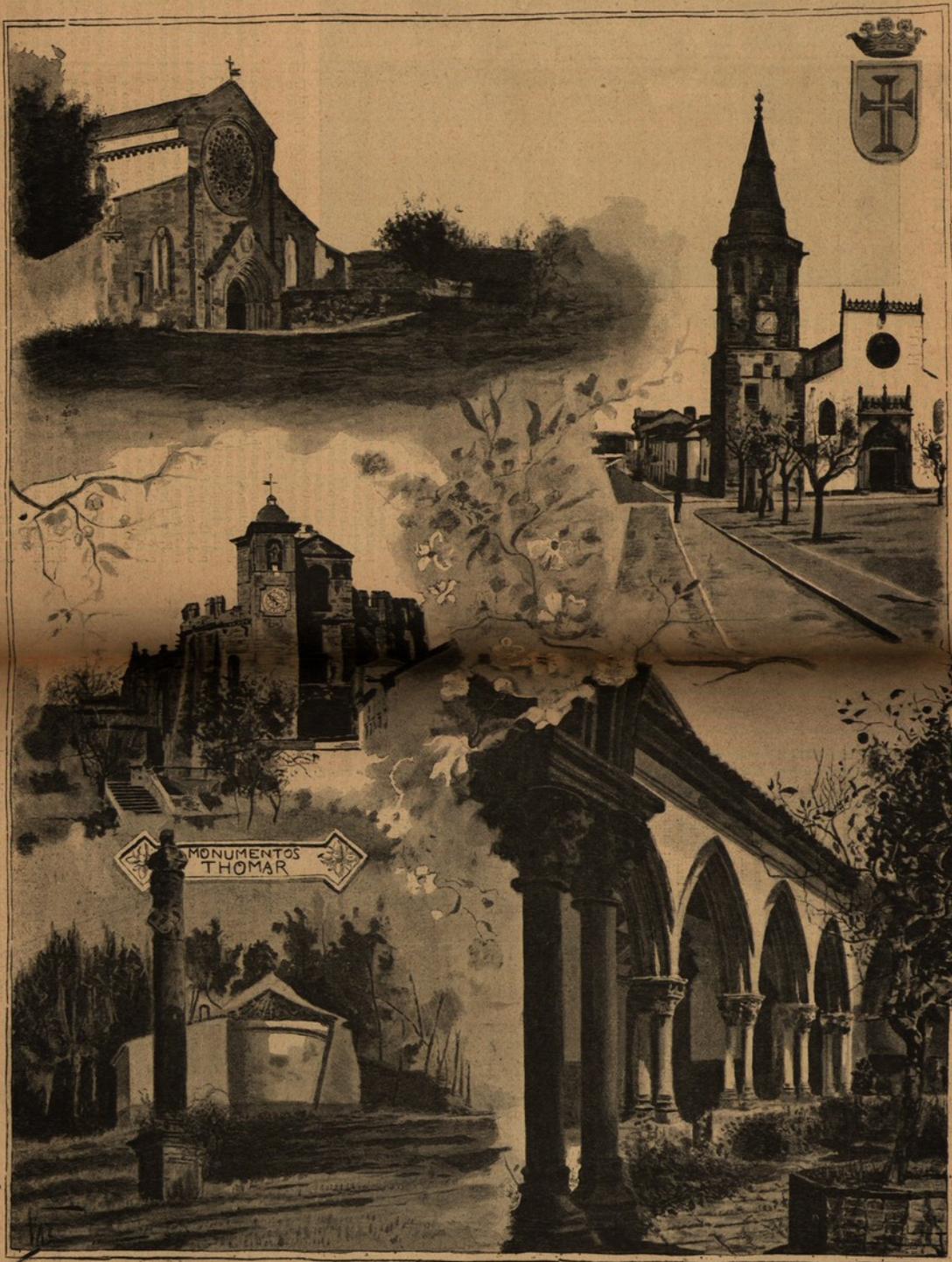
Na fachada occidental estampa-se galharda, altiva e solemneamente na posse da sua grandiosidade a inconfundivel ornamentação d'esta magestosa janella que é uma maravilhosa joia archithetonica. E para que haja



COSTUMES DE THOMAR — Mulher com tableiro

mais verdade e firmeza de traço, passamos ao grande estilista Ramalho Ortigão as côres que empregou ao tratar d'este grande quadro. «As columnas na janella da sala do capitulo são palifeiros de coral, dos mais profundos recifes do Oceano e troncos d'essa palmeira cuja sombra cobria o berço da civilização no littoral mediterraneo, providencia dos peregrinos nos oasis do deserto, á qual os arabes da Peninsula dedicavam sua festa de primavera, tendo por fundamento a disseminação da falem-a arvore santa, a arvore c'a Bblia, a arvore de Jesus, cujo ramo simbolico é attributo de paixão e de paschoa de gloria e de martyrio.

Os demais elementos decorativos são as ondas do mar, taes como ellas se apresentam na heraldica; os troncos seculares e as raizes profundas dos sobreiros dos nossos montes, extrema expressão de força na fecundidade da seiva, que prende o roble, assim como a tradição e a familia prendem a debil e errante creatura humana, ao coração da terra em que nasceu. Guiseiras, como os das mulas de tira engatadas á carreta alemtejana, esmaltam contorcidas varas de sobro e de aminho, como nos feixes de lictor da magistratura romana.



MONUMENTOS DE THOMAR, desenho de João Vaz

Solidas correntes e possantes cabos de bordo, de que pendem em discos as boias de cortiça, enlaçam a decoração, amarrando-a vigorosamente á empena por fortes argolões, como se amarraria uma nau ao caes d'um porto. Toda a composição, partindo das espadas d'um homem, que parece sustentar-lhe todo o peso, ascende n'uma trepidação de algas e de folhagens para a cruz de Christo, entre as esferas que tomára por empreza o rei venturoso de Portugal triumphante na vastidão dos mares, em todo o circulo do globo. E o poema esculptural remata por cima da janella na rosacea magestosa do templo, formada em circulo pelos pregos e pela balsa arfante da vela risada de um galeão da India. †

*

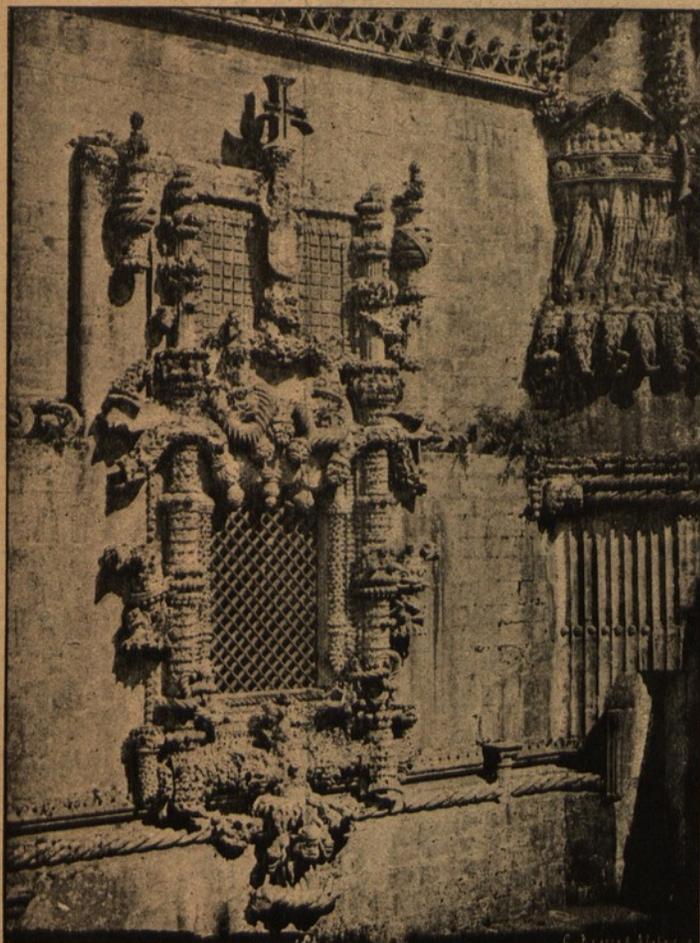
O claustro do cemiterio foi destinado desde o principio, ao fim que o seu nome indica. E' um admiravel especimen da architectura gothica do seu primeiro periodo. Foi seu fundador D. Henrique, que a mandou traçar ao mestre Fernão Alvares, cuja assignatura ainda se vê no angulo poente da arcaria, e tambem mandou, ao mesmo tempo, fazer grandes obras na *charalla* e levantar outro claustro ao nascente d'aquelle de que hoje só restam ruinas.

Jaz n'este cemiterio em tumulo proprio o triste negociador da bulla da inquisição, D. Balthazar de Faria, que atravez d'um vidro ainda hoje se vê mumificado.

Mais dois mausoleus ha n'este cemiterio. O mais bello e rico de architectura é o de D. Diogo da Gama, esmolér mór do rei D. Manuel e o outro pertence a Pedro Alvares de Freitas, administrador de Thomar.

N'este claustro ainda se pode vêr tambem a capella mortuaria da illustre familia de Thomar, Portocarrero.

† O culto da arte em Portugal



THOMAR — Convento de Christo e janella da casa do capitulo

Já n'alguns numeros do nosso semanario tivemos occasião de dar outras gravuras de monumentos da cidade do Nabão e principalmente do grandioso convento de Christo; hoje dedicar-lhe-hemos algumas palavras.

Agarrada á bella frontaria da Igreja de D. Manuel temos o claustro de D. João III, obra magestosa, d'um classico puro, e que este rei mandou fazer, depois da reforma da Ordem de Christo, para os usos ecclesiasticos dos frades de Christo. Era por este claustro que passavam as procissões da comunidade.

As suas paredes n'esses dias ostentavam riquissimas cobertas de damasco, constituindo a admiração do povo, que n'esses dias solemnes tinha permissão de ir até áquelle recinto.

No centro havia um jardim, tendo ao meio uma grande fonte, que ainda existe, mandada fazer por D. Filippe II, razão, naturalmente, por que chamam a este claustro — dos Filippes.

Descendo do pavimento médio ao inferior, devem-se admirar os bellos specimens da architectura da renascença, que ali está entaipada com a grandiosa fabrica do claustro.

Mais 4 claustros tem o convento de Christo, mas pobres em architectura — Santa Barbara, Hospedaria, Mixa e dos Corvos.

Já que fallámos na soberba fonte do claustro, diremos que não havendo agua perto do convento, teve D. Filippe de mandar fazer um grande aqueducto, que hoje tem o nome de *Pegões*, para a fazer galgar um grande valle. Vem de 3 leguas de distancia; alimentava todas as fontes do convento e chegava para gastos das suas grandes hortas.

Muito mais diriamos sobre o convento se tivéssemos espaço, mas como temos ainda de dizer alguma cousa das gravuras que illustram a nosso semanario, passaremos a tratar de Santa Maria do Olival que foi por espaço de 7 seculos *Diocesis Malus*.

Gualdim Paes ao fundar a povoação, mandou erguer d'umas ruinas d'um convento de benedictinos que houve no lado esquerdo do rio, a igreja que reproduzimos em gravura.

Quem a vê, nota logo, ao contemplal-a, uma das primitivas edificações da monarchia portugueza.

A sua simplicidade archithetonica, mostra a rudeza do tempo e a fé viva e ardente que a fez brotar das mal apagadas cinzas do antigo convento nabantino.

Foi esta igreja, cabeça da Ordem dos Templarios em Portugal, séde dos Cavalleiros de Christo e matriz de todas as igrejas que esta Ordem possuia na Europa, Asia, Africa e America.

Aqui se sepultaram os cavalleiros d'estas Ordens e ainda hoje dormem alli varões illustrissimos como Gualdim Paes, Martins Gil, Lourenço Martins, 1.º mestre da Ordem de Christo, D. Diogo Pinheiro, 1.º bispo do Funchal, etc., etc.

Jazia este glorioso templo no mais perfeito e condemnavel abandono, quando alguns benemeritos e patrioticos thomareses levaram a effeito o centenario do passamento do egregio fundador de Thomar — Gualdim Paes, e conseguiram dos poderes publicos importantes melhoramentos, que salvaram esta reliquia d'um passado glorioso, de hoje, talvez, estar por terra.

Fazemos votos para que d'hoje em diante ella seja guardada e vista com o cuidado com que se deve tratar uma herança sagrada dos nossos maiores, e que dê a prova do nosso grande amor á Patria, sem o qual, em breve, desapareceriamos do mappa da Europa.

*

Outra igreja que reproduzimos é a real capella de S. João Baptista.

Fica situada na praça de D. Manuel e é uma das mais bellas igrejas que D. Manuel mandou erguer e dos mais ricas em tradi-



THOMAR. — PRAÇA DE D. MANOEL

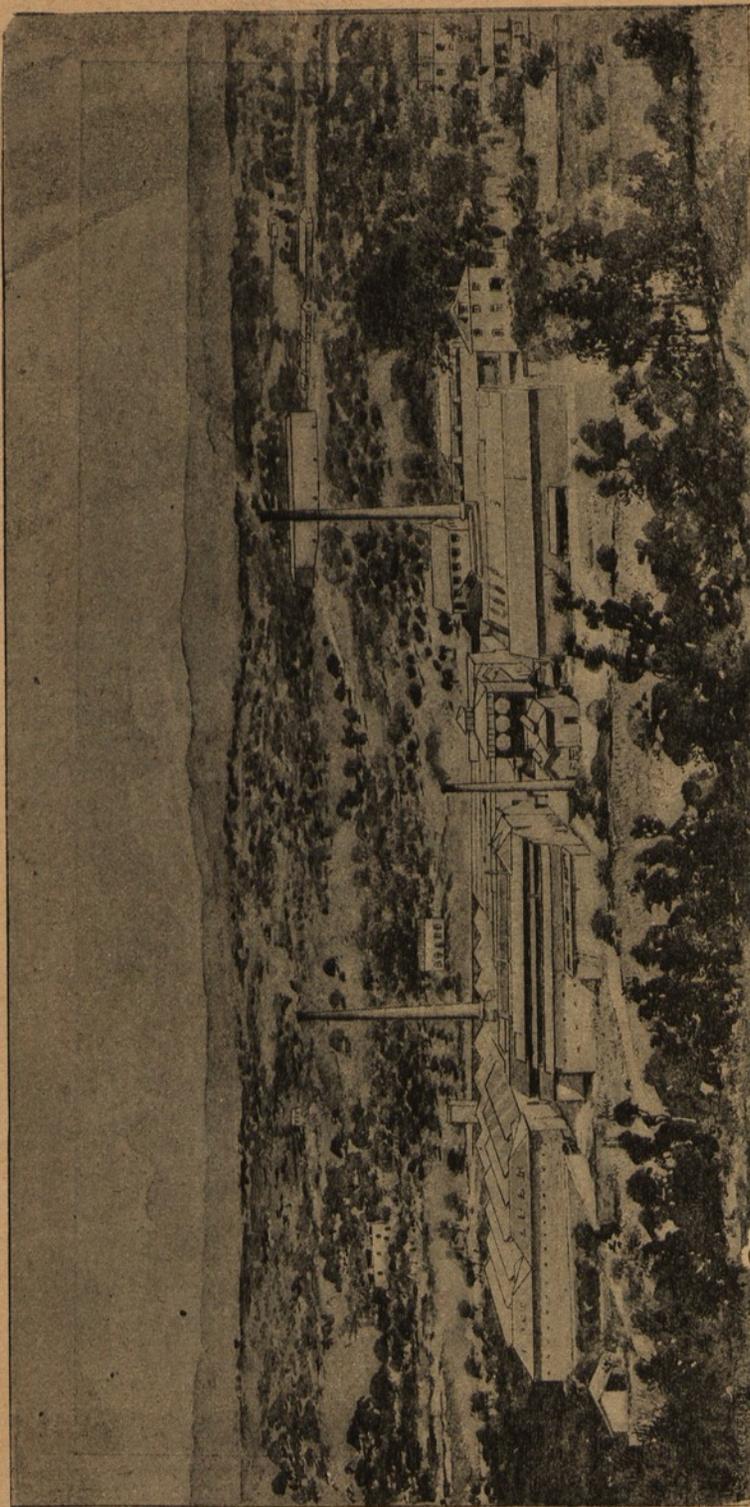
ções gloriosas, em bellezas architectonicas e galas de talha e pintura que a historica e formosa cidade de Thomar possui.

Antes de penetrarmos no templo contemplemos a porta que é um bellissimo exemplar da architectura cha-

E' a um d'estes feixes que se prende graciosamente o esplendoroso pulpito, obra de grande valôr artistico.

Os quadros que são de grande valor tambem são muito dignos de serem admirados.

E' n'esta igreja que se baptisam as crianças da freguezia, se bem que não seja aqui a freguezia, que é em Santa Maria.



THOMAR — Fabrica de fiação

O padrão de D. João I e a capella de S. Lourenço, são dois monumentos gloriosos de Thomar que recordam uma das paginas mais bellas da historia de Portugal.

Commemoram elles a junção dos dois pequenos exercitos de D. Nuno Alvares Pereira e de D. João I.

A historia é longa e não podemos ser extensos. D. Nuno Alvares vinha de Abrantes, depois de ter sahido zangado do conselho que D. João alli tinha reunido, e vinha com o proposito de dar batalha aos castelhanos. D. João soube do arrojado do seu grande amigo e mandou-lhe recado para que voltasse ou ficasse em Thomar á espera d'elle.

Voltar para traz não estava nos seus costumes e ficou. No dia 10 de agosto de 1385, dia de S. Lourenço, chegou alli D. João que junto a D. Nuno, foram, quatro dias depois, soltar, grande e eloquentemente nos campos de Aljubarrota, o grito glorioso da independencia da Patria.

Uma outra gravura que damos aos nossos leitores, é a de uma mulher vestida de festa, ao lado de um tableiro.

Todos sabem o que constitue esta celebre e famosa festa.

Os *Tableiros* são a commemoração do Espirito Santo e é composta por uma procissão, onde vão 150 a 200 fogaças, como a nossa gravura representa.

E' celebrada no dia do Coração de Jesus e attrahe grande quantidade de forasteiros á rainha do Nabão.

O mercado é ao sabbado e é muito concorrido.

Reunem-se na praça de D. Manuel. E' esta praça regularmente quadrada e orlada de bons edificios. O principal é o dos Paços do Concelho, um dos mais elegantes e magestosos de Portugal. Alli se alojam todas as repartições da camara, tribunal, cadeia, administração do concelho, etc., etc.

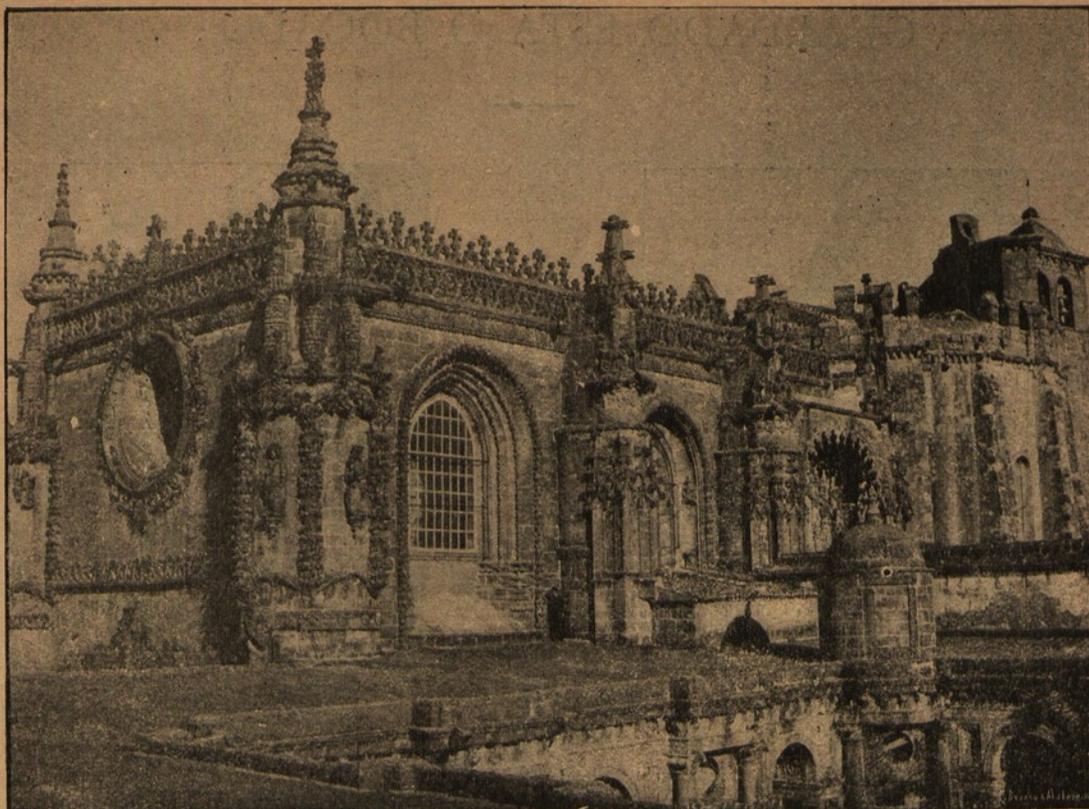
Por ultimos vamos falar da importantissima fabrica de fiação e tecidos, a principal de Thomar, e uma das primeiras, senão a primeira, em Portugal.

A fabrica de fiação e tecidos occupa actualmente 1400 operarios de ambos os sexos e foi fundada em 1723 por Jacome Batton e Verdier.

Mais tarde pertenceu a Domingos José Loureiro & Filhos. Estava em um estado muito decadente quando, em 1873, foi adquirida pela actual companhia, que desde logo lhe deu prospera vida.

mada *manuelina* e admiremos a torre que é uma das mais esbeltas e formosas que se levantam no solo portuguez.

Está esta igreja dividida, por quatro feixes de columnas que supportam cinco bellos arcos gothicos, em tres naves.



THOMAR — Fachada da igreja do convento de Christo

Em 28 de julho de 1883, foi destruída por um incêndio, mas em breve foi reedificada sob um plano mais vasto e adequado. Tem uma área de 48:000 metros quadrados, 25:000 fusos, 500 teares e produz anualmente 540:000 kilos de fazenda.

E' alimentada pelas águas do rio Nabão, que são colhidas por um grande e elegante açude de pedra, á distancia de 3 kilometros, ao norte da fabrica.

Além d'este importante motor, tem mais 4 machinas a vapor de grande força.

A materia prima vem da America, e chegada ao nosso porto de Lisboa é conduzida por vapores de fundo chato, pertencentes á companhia, que a levam á Barquinha, e d'alli para Thomar vai em carretas da Companhia de Viação.

Estamos chegados ao fim d'este artigo em que, muito

ao de leve, tentamos dar noticia dos mais importantes monumentos da formosissima cidade de Thomar, e para terminar, diremos: Thomar é bastante saudavel; tem hoje uma população de 6:000 habitantes, é comarca de 1.^a classe, tem o aquartellamento de infantaria 11, theatro, 4 clubs, 3 hotéis: o União Commercial, o Prista e o Martinho; duas philarmonicas, uma orchestra, dois hospitaes: um civil e outro militar, uma misericórdia e communica-se com o caminho de ferro por 4 estações: Barquinha, Entroncamento, Chão de Maças e Payalvo.

N'esta ultima estação ha, a todos os comboyos, carros de carreira, e de Thomar partem pela manhã carros da bem montada e dirigida Companhia Viação, para Cabaços, Figueiró dos Vinhos, Pedrogão, Sernache, Valles e Certã.

LITTERATURA BRAZILEIRA

CREDO

INTIMAS

Não vale a gloria um dia em teu regaço;
Prefiro estar contigo um só minuto,
A ter os soes, que rolam pelo espaço,
Ou da terra, ou do mar banal tributo.

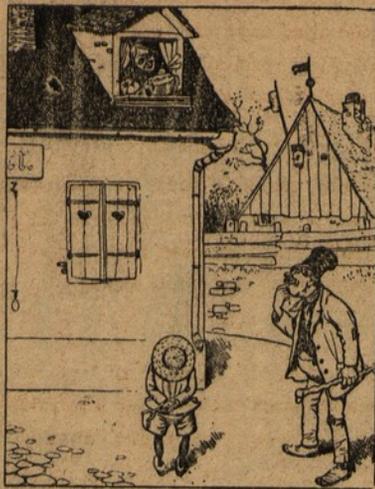
Teu collo á mão, tua cintura ao braço,
Ouço a inveja dos deuses, com que lucto;
Emquanto o céu todo estrellado enlaço
Em ti, e em ti meu ser mesclo e permuto.

Forra-me o amor todo o horizonte, todo
O valle em flor se rasga, e ouve-se o bando
Dos sylphos nós gemendo, em cio, em rodo,

Quando te envolvo em largo beijo, quando
Crendo em tudo, e em ti mesma crendo, doudo
Vejo-te dentro d'elle ebriada, e ariando...

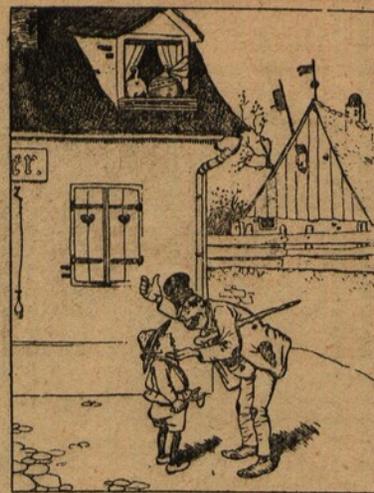
LUIZ DELFINO.

GUARDADO ESTÁ O BOCADO ...



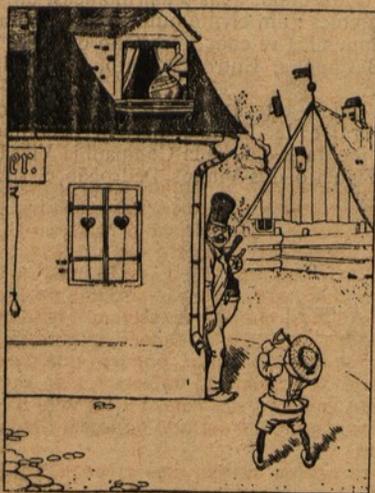
1

Tão depressa o vinho é posto
Pela velhota á janella
Logo, em baixo a namorar,
Como que a tomar-lhe o gosto,
Aparece uma guela
Disposta a qu'rel-o provar. .



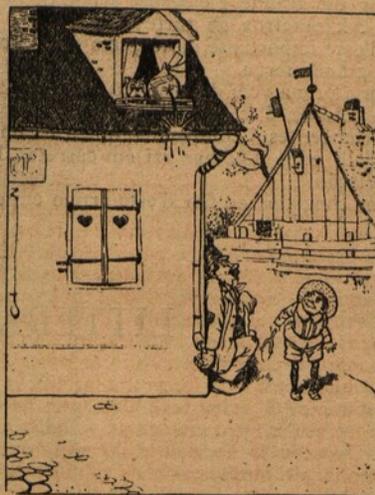
2

E, como o desejo cria
Mil invenções, o Isidro
Diz a um moço atirador
Que o acaso ali envia :
— «Parte o garrafão de vidro
E tu verás que licor !» —



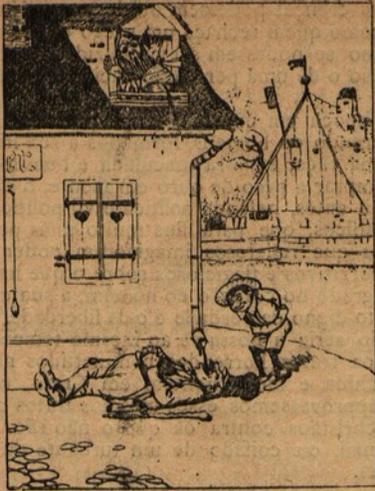
3

E dito e feito o rapaz,
Que a apontar é um maráu,
Põe-se a geito, mira o alvo,
Faz a pontaria e... zús,
Manda direito o calhau
E o Isidro põe-se a salvo !



4

Como o tiro (era de esp'rar)
Arrombasse o garrafão,
O borracho põe-se á cóca
Com a mão para aparar...
Não caíam pingos no chão,
Que é vinho e não agua chóca !



5

Bérra a velha ao vêr a bilha
Toda quebrada; e em baixo
O vinho não cae no chão,
Passa para outra vasilha...
E o môço ri do borracho
Bebendo em tal posição.

YAGO.

SONETO

Em vão perguntô a Deus porque me lançaria
N'este agitado areal onde não medram flôres :
Ninguém, ninguém responde, e a minha voz esfria
Contra os muros do céo, vestidos de esplendores.

Ha tantos annos, sempre a andar na mesma via,
Atravez de um paiz de adoentadas côres.
Em vão caminho, anciosamente, noite e dia :
O mesmo sempre ! só amarguras maiores...

E' isto então a vida? E' para isto só
Que um homem nasce? só para que a terra mova
Em salubres marés, os germens que contem?

Pois eu serei sómente uma estatua de pó
Que um vento forma e outro desfaz? Descendo á cova,
Entrarei outra vez no ventre de outra Mãe?...

D. JOÃO DE CASTRO.

UM RELANCE D'OLHOS SOBRE O JUDEU

É uma historia cheia de interesse e mais ainda de mysterio, a do israelita atravez do kaleidoscopo do livro inspirado que narra os seus inicios, desenvolvimento e ruina. Dá que reflectir ao historiographo e a todo o espirito mais ou menos pensador, e a penna surprehende-se a escavar quasi involuntariamente este tão suggestivo assumpto.

O judeu levou por muito tempo vida nomada, pastoril e familiar sob as tendas da Arabia, no seu primeiro ciclo, no ciclo patriarchal. Levou vida viajora e de constantes prodigios sob o commando theocratico de Moysés, através do deserto arido e adusto, dessedentando-se á rocha ferida pela vara do grande legislador. Foi o primeiro povo a constituir-se em verdadeira democracia, no governo do povo pelo povo, sob a judicatura de Gedeão e seus successores. De Saul a Joachás, a organização politica d'aquella nação foi uma longa monarchia, já moderada, já exorbitante. O judeu teve diamantes de esplendor supremo no seu sceptro e algemas pesadissimas nos seus pulsos. Guindou-se ao delirio do enthusiasmo no canticó triumphal de Moysés, o mais sublime da Biblia, e chorou proscripto, com Daniel, «sobre os rios de Babilonia». Conheceu as terriveis agruras do exilio e, recusando-lhe as alegrias dos cantos que só os echos da patria deviam repercutir, depoz a harpa nos salgueiros do rio estrangeiro. Alternou entre a poderosa autonomia de um Estado independente e as subservencias fremen-tes de um degredo; entre os desafogos de uma liberdade prospera e as humilhações profundas de uma suzerania passiva.

No seio d'este povo escreveu-se um livro, que ficou sendo o Livro. Hoje, sem patria nem, portanto, patriotismo; sem rei, nem lei, nem grey organizada, é ainda o judeu o depositario cioso da Biblia, livro assombroso, que é uma epopeia e uma historia, uma prophécia e um código moral, um dythirambo divino e uma narração pro-

fundamente humana, a chronica de uma nação, que encerra os elementos das chronicas de todas as nações. Qualquer que seja, segundo as crenças respectivas, a idéia que se tenha sobre o caracter d'esse livro, não é licito a ninguem deixar de abrir com veneração o velho *chronicon* semitico, ou le se fundam com a noção espiri-tualista da unidade de Deus (em pleno polytheismo dos povos contemporaneos de então) os typos classicos de uma virtude austera e desprezenciosa, e com o altissimo lyrismo do *Cantico dos canticos* o realismo admiravel-mente puro, verdadeiro e singelo das scenas primordiales da vida humana, desde o dialogo de Rebeca com o emis-sario de Abrahão, até á benção sublime de Jacob, lan-çada sobre os filhos, que lhe rodeiavam o leito da morte.

Nenhum povo deixou nos annaes da humanidade um sulco mais luminoso e fundo, por isso que d'esse sulco brotou a haste da redempção universal, nem soube man-ter por tanto tempo a sua persistencia vital na tela das nações, abrangendo um periodo collossal de quatro mil annos e além.

D'este povo nasceu um dia uma creança. Foi-lhe dado o nome de Jesus. Volvidos uns 33 annos, certo agiota, aproveitando habilmente a amizade de Jesus para uma transacção commercial com os que lhe votavam um ran-cor mortal e gratuito, vendeu lhes o Nazareno por uma bagatella. Mas os ignobeis trinta dinheiros do baixo agiota compraram effectivamente uma vida que o universo em peso seria de nenhum valor para pagar.

Deu-se então uma coincidência estranha... Quasi pela mesma época em que o trafico era realiado e o Justo da Judea victimado, os judeus, que perduraram quatro mil annos, pelo menos, como povo e em grande parte como tetharchia, cessaram de repente de existir. Aquelle Tito «que julgava ter perdido um dia quando n'elle não executava alguma acção boa», lançando sobre a cidade deicida a torrente da horda romana, nem lhe deixou o

madestissimo titulo de colonia feudataria de Roma, mas sobre a *razzia* da cidade acaudalada pelo seu exercito escreveu com a ponta da espada, no solo pejado de escombros, o *hic jacet* de uma nação varrida da face da terra. E quando o rabino, o semita, o assassino de Jesus, descia a espalda da montanha maldita, não era mais o descendente de Izaak e de Jacob, vergando ao peso secular de uma promessa gravida da salvação de todas as gentes; era o eterno Ashavero que começava a sua peregrinação interminavel através das nações e dos seculos.

Como se fosse supernumerario no cadastro da humanidade, não achou desde então acolhida em parte alguma. Nem se confunde nem se funde, tão incapaz de viver como de morrer. A sociedade rejeita-o, mas a historia registra-o; fornece ao christianismo um documento sempre actual de alta valia.

Chegou-se, todavia, a rechaçar o judeu de um para outro paiz, como se os Estados se divertissem a jogar a péla com a desgraça. E' certo que soffreu terribes tratos na idade média, e tão terribes que a imparcialidade historica e o sentimento christão do humanismo não pôde absolvel-os. Compreendendo tudo quanto ha de mysterioso na existencia sempre anormalissima do rabino como raça dispersa, insolidaria, desagregada e amorpha, compreendendo toda a antipathia que poderam e podem ainda hoje inspirar ás sociedades modernas popularisadas pela civilisação christã, os representantes subsistentes do miseravel sinhedrio que processou e *condecorou* com a cruz infamante a mais pura e santa, a mais sympathica e desemparelhada personalidade da historia, reprovoo, ainda assim, com toda a sinceridade da minha alma e com a intensidade convicta dos meus sentimentos humanitarios, hauridos no meu livro divino do Evangelho, as hecatombes, os ostracismos, as exacções estupidas de que o judeu foi objecto e victima, por parte dos governos, principalmente em Hespanha e em Portugal, pelos annos de 1484, sob o reinado de Philippe I, e de 1498, sob D. Manuel o *Venturoso*, sem falar no reinado de D. João III.

Reprovo tanto mais essas perseguições excessivas quanto foram commettidas em nome da religião de Jesus,

como se as crenças podessem ou devessem jámais violentar-se, como quem rechaça um prégo com outro prégo, ou como se podessem ser produzidas por outro factor que não o de uma persuasão pacifica, ammadurada e livre.

Infesta epocha em que os Estados pensaram servir a Deus torturando os homens, formados á sua imagem, e em que uma raça, embora maculada e bem maculada, teve de comprar a peso de ouro em monte, o direito de respirar. Ou antes, nefanda politica e vil politica de governos tyranicos, que para fins muito mais politicos e interesseiros que religiosos imaginaram poder virgular decretos coercitivos e flagiciosos sobre o que ha de mais intimo e sagrado no coração do homem, a sua crença. O unico tributo digno da verdade é o da liberdade. Enorme contradicção seria a nossa se ao mesmo tempo que reprovamos os tratos horrendos commettidos na China, na Cochinchina e ainda hontem em Creta, contra os christãos, approvassemos esses mesmos tratos commettidos por christãos contra os que o não são. O mal é sempre o mal, ou coifado de um turbante ou de uma corôa de rei.

Ainda bem que os pontifices romanos protestaram por muitas vezes e com a maxima energia contra semelhantes exacções. Seja-me sufficiente citar as queixas vehementes dirigidas por Sixto IV e Alexandre VI contra Torquemada, e as de Clemente VII contra D. João III, que são um monumento de cordura e espirito evangelico.

A desnacionalisação merecida do povo judeu, por toda a parte exilado e desdenhado, basta á historia e á justificação de uma Providencia; a perseguição só pôde servir instinctos ferozes ou interesses partidarios, nunca, porém, a causa nobilissima da verdade e da justiça, que se architecta com luz, amor e paciencia, que não com instrumentos de tortura. Antes que a ponta do ferro assasino encontre o coração da victima encontra e despedaça a pagina biblica onde está exarado o codigo do amor para com todos os filhos de Deus.

PADRE SENNA FREITAS.

INTERIORES DE ARTISTAS



ATELIER DE COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO

FERNANDES COSTA

O ANNO POLITICO

(1896)

Primeiro anno de publicação

Um volume de 420 paginas, brochado, 800 rs., encadernado, 1\$000 rs.
Pelo correlo, mais 50 réis

O Anno Politico é o estudo minucioso, feito semana a semana, dos acontecimentos politicos mais salientes, que interessaram a sociedade portugueza, no periodo a que é referido.

Não é uma exposição noticiosa de factos; é uma coordenação systematica de idéas, relacionando os successos no mesmo corpo de doutrina, e apresentando-os nas dependencias mutuas, que forçosamente tem entre si.

O Anno Politico, surprehendendo os acontecimentos no momento em que surgem, pela ordem da sua successão, vae fazendo a historia palpitante e viva de um periodo social caracteristico, e acompanhando passo a passo a sua lenta e interessante evolução.

Escrepto com plena imparcialidade, sem nenhuma preocupação partidaria, sem pôr a mira em qualquer objectivo, que não seja o bem publico, **O Anno Politico** aprecia e pondera os factos segundo as intenções mais justas, reprehendendo-os ou louvando-os, quaesquer que sejam os seus responsaveis, mas nunca excluindo a cortezia da fórma nem a correção dos termos, nunca sacrificando á severidade, por maior que ella tenha de ser, o respeito e as atenções com as pessoas. E reciprocamente.

No meio da complexidade de phenomenos, cujo emmaranhado conjuncto constitue a crise geral, que o nosso paiz está atravessando, subdividida em uma multiplicidade de crises parciaes, **O Anno Politico** procura abrir caminho, fazer luz, nortear os espiritos, de modo que todos possamos ter consciencia da verdadeira situação publica, e animo para congregar esforços, afim de se remediar o muito, o quasi tudo, que indubitavelmente tem remedio.

O Anno Politico, elaborado e deduzido sem prevençõ de nenhuma especie, isto é, não querendo vêr as cousas nem melhor nem peor do que são, deixa transpirar das suas paginas, para quem o souber lêr, conclusões animadoras. Accusa, em verdade, imprevidencias e desacertos de homens, defeitos e fatalidades de temperamento e de raça; mas confia plenamente, e sabe e diz porque o faz, nos instinctos e nas virtudes d'esta, na sua tenacidade e no seu esforço, redivivos sempre ante as crises maximas, e tem consciencia de lhe estar reservada na historia, continuadora do passado inextinguivel, uma futura e grandiosa missão.

Por isso, **O Anno Politico** não se prende com a politica pequena de um Portugal pequeno, que pequenos portuguezes só vêem; **O Anno Politico** alarga as suas vistas, tanto quanto pôde, por mais vastos horisontes, e chama as atenções das almas portuguezas para a maior politica, que compete, por direito e por dever, a um Portugal maior.

Assim, n'**O Anno Politico** só se trata de politica verdadeira; de politica nacional e bem intencionada; de politica experimental e scientifica, propria de politicos e não de policantes. Ao mesmo tempo, politica prática, de possivel applicação, de presuppõto bom senso e parece-nos que de bom conselho.

O Anno Politico é um livro sincero, offerecido ás meditações, á observação, a critica e á consciencia de toda a sociedade portugueza.

Chama a atenção d'esta para a Politica; procura despertal-a da sua inercia, da sua culpada indifferença, interessal-a nas grandes preocupações publicas, lembrar-lhe os seus direitos e os seus deveres, avivar-lhe as virtudes civicas, convencel-a, emfim, a ella que é o povo, de que, sem educação politica, não é uma sociedade intelligente, uma sociedade civilisada, livre e soberana. E' um rebanho passivo, sempre á mercê de todos os exploradores e de todas as explorações.

INDICE

Introdução. — Revista geral politica do anno anterior.

Janeiro. — Terminação feliz da nossa guerra em Africa — Morte de João de Deus. — O poeta e o politico — Interpretação sociologica das homenagens a João de Deus — Regresso dos expedicionarios da Africa — Politica e festejos publicos.

Fevereiro. — Interesses politicos e recompensas militares — A espectativa nacional em materia politica — Horisontes turvos — A Imprensa e a Lei Nova — O passado do gabinete — Em'volta da tribuna parlamentar.

Março. — Portuguezes na India e francezes em Portugal — A partilha d'Africa e os povos modernos — Chegada dos prisioneiros d'Africa — Colonias militares agricolas — Relatorios de fazenda e relatorios de campanha — Liquidações politicas — O livro do sr. conselheiro Fuschini.

Abril. — Hera...ça politica e habilitação de herdeiros — As oito fórmulas da pilula ministerial — Impostos novos, crises permanentes e miserias antigas — Politica estrangeira e politica domestica.

Mai. — A novissima lei eleitoral — Aquillo que se chamou parlamento — Guilherme II e Mousinho d'Albuquerque — Marinha e assumptos correlativos — A colonisação do Alemtejo — El-rei D. Carlos, lavrador alemtejano — Marinha de guerra e exercito do ultramar — O Portugal maior.

Junho. — Nós e a França — Nós e a Inglaterra — Noções confusas de governo e desgoverno — O ultimo ataque — Não está tudo perdido — A volta da India — Imminencia de um partido tricephalo — Liquidações actuaes.

Julho. — Realidades e apparencias — Palavras a El-rei — A acção pessoal e constitucional do Poder Moderador.

Agosto. — Portugal e o parlamentarismo egypcio — A pasta da guerra e as reformas dos serviços militares.

Setembro. — Questões militares na ordem do dia — Influencias portuguezas na alma brasileira.

Outubro. — A crise politica e a sua razão de ser — Perspectivas eleitoraes, parlamentares e partidarias — O capitulo das interrogações politicas... sem resposta.

Novembro. — Quem nos deve governar — O paiz moderado — A formação dos partidos novos — Analyse da situação politica — Como sahir d'ella.

Dezembro. — O sophisma representativo — Um partido em busca de uma attitude — A Cuba hespanhola e as nossas futuras Cubas — Latinos e anglo-saxonios — O circulo do anno — Alegrias do começo e tristezas do fim — Conflictio luso-alemão — os grandes e os pequenos.

Pédidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

NOVIDADE LITTERARIA

CORAÇÃO DOENTE

ROMANCE DE

LOURENÇO CAYOLLA

Um volume, 500 réis. A' venda na Livraria do Editor A.
M. PEREIRA.

Impressionistas

PROSAS VARIAS

DE

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO

UM VOLUME BROCHADO 500 RÉIS

A' venda na Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54

GUILLARD, AILLAUD & C.^a

242—RUA AUREA, 1.^o—LISBOA

A apparecer n'esta semana:

PARTINDO DA TERRA

POR

ANTHERO DE FIGUEIREDO

Um volume brochado, 700 réis

A' venda em todas as Livrarias

Branco e Negro



ECCE HOMO — (Quadro de Guido Reni)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 55

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell , etc.
Illustrações de toda
a classe de obras.
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º ; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

METRONOMOS «ECLAIR»

A ultima novidade musical

O uso do Metronomo, tão interessante para o estudo de qualquer obra musical, tem sido relativamente restricto, em causa do seu preço e da complicação do seu machinismo, que a cada momento se deteriora, pondo o aparelho fóra de serviço. No **Metronomo «Eclair»** não ha machinismo, as oscillações são mathematicamente exactas, o que raras vezes se dá nos antigos, e além d'isso é absolutamente silencioso, portatil, elegante e barato.

Preços dos diferentes modelos

Cobre bronzeado.....	1\$500 réis	Nickel.....	2\$500 réis
Cobre polido.....	2\$000 »	Electro.....	3\$000 »

Estojes forrados de velludo e setim, proprios para offerecer os metronomos como brinde, réis 1\$200

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 55

LISBOA, 18 DE ABRIL DE 1897

2.º ANNO

SEMANA SANTA EM SEVILHA

«NEM em Roma, capital do orbe catholico, ha Semana Santa como a de Sevilha», costumam dizer os sevilhanos, no seu entusiasmo pela terra que lhes foi berço e na sua exaggeração de verdadeiros meridionaes; mas isto converte se realmente em verdade para quem assiste aos cultos solemnes e ás festas de Sevilha, que dão brado em todo o mundo.

Os comboios chegam á formosa cidade andaluza cheios de forasteiros, que occupam os hoteis e casas particulares; chegando alguns a passar as noites ao ar livre, ou abancados até altas horas ás mezas dos cafés, por falta de pousada.

Sevilha, na primavera, é a cidade mais perfumada e cheia de encantos da terra.

Prodiga em flôres, a capital da Andaluzia conhece o culto que por ellas tem as mulheres d'aquelle paiz de alegria e de luz, e produl as em abundancia, exhalando aromas e metizes.

A vida da flôr é ephemera, mas ali é invejavel, cheia de poesia como em nenhuma outra região. Logo que desabrocha, passa a constituir o principal enfeite das cabecinhas gentis das sevilhanas.

N'essa terra de Maria Santissima, fizeram pacto de viver sempre unidos a mulher e a flôr. Esta paga os cuidados que aquella lhe dedica, e desabrocha radiante para contribuir para os seus triumphos e para satisfazer as suas illusões.

Com flôres na cabeça vae a cigarreira á fabrica, airosa em seu andar; com flôres na cabeça espera a namorada *su novio*, que assim encontra um pretexto a mais para requestal a; com flôres na cabeça assiste ás procissões, ás *veladas*, aos toiros, á grande Feira, despertando enthusiasmos e desejos.

A flôr presa nos cabellos não é adorno exclusivo da mulher joven ou formosa. Não ha distincção de edades nem de rostos, nem de fortunas. A sevilhana rende homenagem ás tradicções e aos seus sentimentos delicados; nasceu entre flôres e entre ellas quer que a sua vida de lise.

Assim tambem a cantam os poetas e os pintores a trasladam á tela; assim a descreve a fama — com flôres na cabeça ..

*
* * *

A Feira de Sevilha tem, durante o dia, tres aspectos diferentes. A Feira da manhã não é a mesma do meio dia, nem esta nem aquella são a da noite.

Logo ao romper do dia começa a chegar por todos os caminhos gente a pé ou a cavallo, n'uma alegria doida, dispستا a foliar á larga e a desforrar-se de horas mais amarguradas da vida. Ninguém vestiu ainda as suas melhores galas porque não chegou o momento de as mostrar. Trata-se de ver o mercado, — uns por conveniencia, outros por passatempo; de dar um passeio hygienico até sentir os primeiros symptomas do cansaço e regressar depois a casa, não sem ter primeiro recuperado as per-



PARTIDA PARA AS FESTAS

didias forças com os farneis que levam ou na classica *casilla de buñuelos*.

Vae mais alto o sol e o publico vae desertando; os contractadores de gado vão até aos pastos; os capatazes preparam a tradicional *caldereta*; um ou outro *gitano* regateia n'uma barraca o preço de um qualquer objecto... e as horas que se seguem são quasi exclusivamente dedicadas a compras e vendas.

Para a tarde quando o calor ardido do sol começa de enfraquecer, a *calle* de S. Fernando toma um aspecto desusado.

E' a povoação inteira de Sevilha que se dirige ao prado e se espraia pela Feira, povoando barracas e theatros, dando animação, vida, côr e ruido á grande festa popular.

Nada mais phantastico e impossivel de descrever do que o aspecto da feira ao vir da noite. E' então que ella produz o mais fascinador encanto... Accordes melodiosos, vivissimos jorros de luz, rostos feiticeiros que sorriem constantemente, esbeltos corpos que se me- neiam ao som da *seguidilla*.

Vista de longe, a paysagem suggere-nos a ideia de que estamos presenciando o resultado d'esse portentoso conjuncto que Edisson nos offerece com os dois maravi-



A CAMINHO DO MERCADO

lhosos inventos combinados, — o phonographo e o cosmorama.

Esta feira de Sevilha data de Affonso X, que, conquistada a cidade andaluza aos arabes, lhe outhorgou duas *feiras francas*, que haviam de fazer-se: a primeira em fins de março ou meados de abril, e a segunda pelo S. Miguel. Com o decorrer dos annos estas duas feiras cahiram em desuso e nunca mais se fizeram. Em 1847, a municipalidade de Sevilha tornou a resuscitar a feira de abril, que dura tres dias — 18, 19 e 20 — e de então para cá, tem soffrido progressivos melhoramentos até chegar a ser o que é hoje.

Chegado o dia 18 de abril abre-se a feira formada de barracas de lona listadas de azul e branco, com apparencias de acampamento, e de *casetas* de madeira lavrada. A um lado estão as barracas de brinquedos, encanto das creanças, cujos olhos se não cançam de admirar nem as suas boccas de pedir; do outro, as *vistas*, os theatros de fantoches e as barracas dos saltimbancos, que produzem um ruido ensurdecedor com seus desafinados instrumentos; mais além, o prestidigitador que engole espadas e deita pela bocca uma alluvião de fitas de côres variadas e come estopa a arder; n'outro ponto o *carroucel* chamado *tio vivo*, cuja marcha giratoria e vertiginosa é acompanhada pelo tambor e o assobio; aqui, as fêras domesticadas; alli as figuras de *jeçera* e os *pim-pam-puns*; e por ultimo

os cafés e restaurantes, os estabelecimentos de bebidas, as barracas onde se *gisa menudo y caracoles*, segundo reza a taboleta, e as alegres e açeiadas *buñoleries*, adornadas com percaes de côres berrantes.

Por traz das *casillas* estabelece se o mercado: mugem os bois, relinham os cavallos, balam as ovelhas, fechadas nos seus redês; grunhem os porcos, zurram os burros, ladram os cães e silvam as machinas agricolas, postas em movimento para que se estude o seu engenhoso machinismo.

A' tarde, ha as corridas de toiros; a praça está á cunha, e reina n'ella a singular animação da festa hespanhola por excellencia. Occupam as *barandillas* as sevilhanas e as forasteiras, como ramalhetes de flôres vivas. Dos camarotes pendem os chales bordados de Manila, de côres bizarras e ondeiantes e caprichosos passaros inventados pela imaginação dos industriosos chinas; na cabeça das sevilhanas brilham as brancas mantilhas. Acabada a lide, a multidão invade o *Real de la feria*, esperando a noite para vêr as illuminações e os fogos artificiaes.

Já noite feita, as barracas dos casinos e sociedades, e cada *casilla*, convertem se em salões de baile; sôam or-



A FEIRA DO GADO

chestras, pianos, guitarras e castanholas; a alegria é communicativa e ruidosa. Um namorado canta, com os olhos fitos na mulher dos seus pensamentos :

He de mandar que me entierren
sentado, quando me muerá,
para que así diga alguna :
se murió, pero me espera.

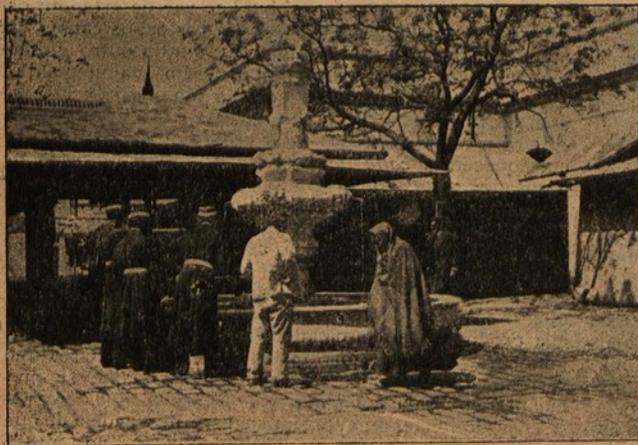
Ella, deixando assomar aos olhos o amor que a abraza, anhelante e cheia de rubor, responde-lhe com esta copla :

A Jesús, triste le rezo,
y sabes lo que le pido?
que el día que tu te mueras
también me muerá contigo.

*
*
*

A *Praça de touros* de Sevilha pertence á *Maestranza* que a mandou edificar ha mais de um seculo.

Nem como amphitheatro nem como architectura tem nada notavel; a sua forma é a de um polygono de 3o lados; tem 5o camarotes,



FORTE DO MERCADO

sem contar o da presidencia, e póde conter 10:000 pessoas; o circulo que formam as barreiras mede 82 varas de diametro; tem quatro portas; a do Principe, é a unica que merece menção especial pela sua construcção: é formada por dois corpos, o primeiro de ordem jonica e o segundo com duas columnas corinthias que sustentam o arco dos camarotes.

A *Giralda* é um dos monumentos que o forasteiro não deixa de visitar; ir a Sevilla e não vêr a *Giralda* equivale a ir a Roma e não vêr o Papa.

A *Giralda* é uma torre que tem 350 pés de altura, mas quando foi edificada, no anno 1000, pelo mouro Hever tinha apenas 250; seis seculos depois foi levantada mais 100 pés; a sua fórma é quadrada e cada um dos seus lados tem 50 pés de largo; sóbe-se á torre por 35 escadas; no seu primeiro corpo estão collocados 24 sinos; os 100 pés accrescentados no seculo XVI estão divididos em tres corpos: o primeiro é de ordem dorica, tendo ao centro o sino do relógio executado por frei José Cordero; o segundo e o terceiro são jonicos; sobre a cupula do ultimo está collocado um globo de bronze e uma estatua do mesmo metal conhecida pelo nome de *Giraldillo*: representa a Fé, tem 14 pés



NA FEIRA

O *Alcazar* é tambem um dos edificios afa mados da bella cidade andaluza. Ayat, caudilho mór de Sevilla, entregou ao rei San Fernando o palacio dos reis mouros em 1248, assim como as outras praças fortes. O *Alcazar* foi construido pelo rei Abdalasis.

Logo que o edificio cahiu em poder dos castelhanos estes fizeram lhe importantes melhoramentos. Em 1353 o rei D. Pedro mandou fazer grandes reparações que duraram até 1364. Estas reparações aformosearam de uma maneira notavel o edificio, ao passo que o enriqueceram com as preciosas habitações que o rei alli mandou construir para seus aposentos. Apesar das selvagerias que se fizeram n'este edificio ainda alli se vêem preciosos restos da architectura arabe. Quasi todo o corpo alto do edificio é do tempo de Carlos V; no reinado de D. Filippe II construíram-se os salões que estão sobranceiros aos banhos de D. Maria Padilla.

No anno de 1813 mandou se cair todo o palacio occultando-se assim uma infinidade de bellezas; em 1833 tratou-se de remediar o mal sem resultado algum, e posteriormente, D. Joaquim Dominguez Bécquer conseguiu fazer desaparecer a cal, e dirigiu a restauração conseguindo fazer apparecer de novo, com todo o seu esplendor, a

antiga belleza. Os jardins são magnificos e surprehendentes os jogos d'aguas das suas ruas.



NA FEIRA (defronte das barracas)

de altura e peza 28 quintaes. A *Cathedral* é talvez o edificio mais importante no seu genero em toda a Hespanha; é de architectura gothica e a sua construcção foi principiada em 1403. Ignora-se quem foi o architecto que traçou os seus planos, sabendo-se unicamente que durante o periodo da sua construcção — de 1403 a 1507, — epocha em que se collocou a ultima pedra do zimbório, dirigiram as obras Juan Norma e Alonso Rodriguez.

O edificio da igreja tem 254 pés de largo e 379 de comprido, formando os seus angulos rectos e todos desiguaes um quadrilongo. Tem sete naves contando com as das capellas, sendo as do meio as mais altas, que medem 134 pés. A altura da abobada é de 144 pés. As columnas são 68. Chama extraordinariamente a attenção a simplicidade dos ornatos interiores do templo, sendo ao mesmo tempo de um gosto exquisito; tem 93 janellas, com vidros de côres; as portas da igreja são nove, sendo a principal a da banda do poente. Todos ellas estão adornadas de estatuas e medalhões de barro cozido trabalhado por Lope Martins.

O pavimento do edificio é de pedra marmore.

A capella-mór occupa duas abobadas na nave principal. São dignas ainda de vêr-se o côro, a casa capitular, a sacristia e as capellas, que são 28.



O «TIO VIVO»

Uma das grandes curiosidades do forasteiro que vai assistir ás magníficas festas de Sevilha, são as confrarias, que são quinze a vinte, compondo-se muitas d'ellas de tres *pasos*, e ostentando venerandas effigies feitas por esculptores afamados. Nazarenos de todas as cores, negros, verdes, brancos, azues, abrem caminho por entre as alas compactas do povo.

Na noite de quinta para sexta feira santa saiem as confrarias da madrugada; e é sorprendente o espectáculo da que vem de Triana, ao passar a ponte sobre o Guadalquivir, reflectindo-se nas serenas aguas do rio as luzes dos cirios e as velas dos *pasos*. A de San Lourenzo traz n'um d'elles a maravilhosa effigie do *Christo del Gran Poder* com a cruz ao hombro, e apenas se distingue o resplendor das lampadas que a illuminam, uma voz, rompendo o religioso silencio, entõa a seguinte *saeta* :

Miralo por donde viene
el mejor de los nácios,
trayendo la cruz á cuestras
y el rosto descolorido.

Os *olés*, e os vivas premeiam a habilidade do cantor



THEATRO NA FEIRA

nocturno, servem de estímulo, e não falta outra voz que responda :

Virgen de la Soledad,
Madre del Verbo Encarnado,
tiende tu manto de paz
sobre el pueblo sevillano.

Mas a]mais celebre das confrarias da madrugada é a de San Gil, a da Virgem da Esperança, padroeira do bairro de Macarena. A multidão, á luz do gaz e á luz da lua, agglomera-se nas ruas e praças. Ao primeiro *paso*, com a *Prisão e sentença de Christo* succede-se o da Virgem. A divina Senhora resplandece com os fulgores da pedraria e das vélas; e o manto verde, recamado d'oiro, arrastaria pelo chão, se o não levassem apanhado numerosas devotas que caminham descalças, cumprindo votos ou promessas.

A madrugada rompe; os madrugadores juntam-se aos noctambulos, e á medida que o dia apparece a multidão engrossa, dirigindo-se para a igreja de San Gil, para vêr a entrada da excelsa padroeira dos macarenos.

Perturba-se, á volta, a ordem da confraria: os *armados* levantam a viseira dos seus capacetes; os cirios apagam-se ante a luz do sol, e mais de um christão, com a tunica apanha-



BUÑOLERAS

da ou a lança em funeral, aceita nas tabernas do caminho alguns copos do *doirado manzanilla*. Cresce o entusiasmo pelas ruas do bairro, e prodigaliam-se avivas sem conto á Rainha dos Anjos. A's portas do templo voltam o *paso*, de maneira que Virgem mostre o rosto ao seu povo amantissimo, e entre saudando-o repetidas vezes, graças ás destras manobras dos robustos moços, que suffocam sob o pezo do andor. Então o delirio não tem limites; fervem as acclamações e os ternos requebros á Maria Santissima; os homens enrouquecem e as mulheres choram copiosamente.

Uma voz domina o tumulto e canta esta *saeta* :

Madre mia de la Esperanza,
no pases po'el hospital,
que te van á meter dentro
y no te veremos más.

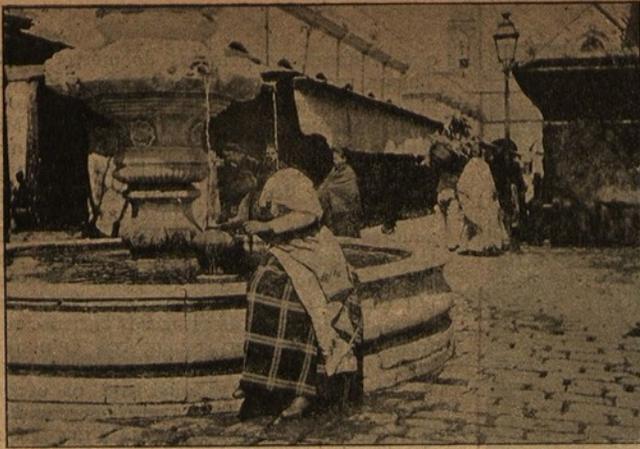
E' da tradição que a prodigiosa effigie pertenceu á igreja do Hospital de Sangue, e que foi cedida, em troco de um relógio, á parochia de San Gil, com a condição de que, se alguma vez entrasse n'aquella ao darem as dez da manhã, voltaria ao seu primitivo refugio; e d'aqui o receio dos macarenos.

A Mãe dos Desamparados saúda seus filhos com suaves inclinações, e elles, por sua vez, cantam em despedida :

La Virgen de la Esperanza
lleva el pañuelo en la mano :
échale tu bendición
á este pueblo sevillano.



CIGARREIRAS



NO MERCADO (Plaza d'abastos)

Mas isto não basta ; é preciso que a benção seja especialissima, e então não falta quem se arroge a representação do bairro e então a ultima copla :

Madre mia da Esperanza,
madre del divino Verbo,
échales tu bendición
á estes pobres macarenos !

E desaparece a Virgem Santa, e a multidão dispersa para poder aproveitar algumas horas da manhã da sexta-feira santa visitando os monumentos, onde já o sagrado corpo do Redemptor do mundo.

* * *

Damos agora a palavra ao visconde de Benalcanfôr, que descreve assim a formosa capital da Andaluzia :

«Aqui sim, sente-se bater o coração da Andaluzia. Tradições, lendas, histórias, monumentos, pintura, belleza e *salero*, arte e poesia, tudo se encontra na formosa e opulenta cidade de S. Fernando.

Sevilha, ao mesmo tempo que é um livro severo aonde se lêem as memorias do passado, um museu riquissimo onde se admiram as mais bellas creações do genio andaluz, representa a vivacidade e a alegria hespanhola em toda a sua petulancia.



CIGANAS DOS BAÑUELOS

Dentro das naves da cathedral, uma das moles mais agigantadas que o fervor das crencas catholicas levantou no mundo; debaixo d'aquellas arcarias aonde parecem pequenas as pompas das procições que as atravessam, manifesta-se a grandeza d'essa religião invencivel, que assentou as suas basilicas nos alicerces regados do sangue dos apóstolos e dos martyres, convertendo as arade marmore do paganismo e as columnas de porphydo das mesquitar em outras tantas magnificencias destinadas á adoração do verdadeiro Deus.

Como estudo architectonico, a cathedral de Sevilha goza do privilegio de resumir a historia, gravada em pedra, de todas as phases que atravessou a architectura em Hespanha, desde os arabes até os nossos dias. Arabiga em parte da sua torre da Giralda ; ogival no conjunto de sua vasta mole; mistura da germanica e da greco-romana no periodo de transição de uma para outra, por exemplo na capella de S. Fernando; greco-romana dos melhores tempos na sala capitular e greco-romana da decadencia na igreja do Sacratio, a architectura da cathedral de Sevilha é tão variada como as diversas evoluções da arte, de que foi teatro a Hespanha.

Sob o aspecto das artes plasticas e da pintura, que museu opulento, que repositório immenso ! Diante de



PRAÇA DE TOUROS

nós, deslumbrando-nos com a transparencia azulada dos seus céos, com suas tunicas ondeantes, com a idealidade vaporosa e casta das suas Virgens, perpassam as creações immortaes de Murillo.

Aqui Zurbaran, já com as vestes roçagantes e a magestade pontificia do seu admiravel S. Pedro, com os bureis e as estamenhas dos seus ascetas e dos seus frades inimitaveis. Allí João das Roelas, o grande pintor tonsurado, com o seu quadro imponente de S. Thiago que rompe sulcos de morte por entre a mourisma enraivada na batalha de Clavi o, um primor de expressão dramatica, de colorido, de combinação de grupos, de harmonia geral nos accessorios.

Mais adiante, Valdez Leal, Alonso Cano, Luiz de Vargas e o divino Morales, cujas figuras de meio corpo da Virgem e de seu Santissimo Filho morto nos braços, um *Ecce Homo*, uma Dolorosa e S. João (para não citarmos outras) justificam de todo o ponto o epitheto com que o seu raro engenheiro de artista é celebrado nos fastos da pintura.

Se de tantos quadros preciosos volvemos os olhos ás riquezas de escultura que abundam em cardumes, vêmos como que palpitan as poderosas musculaturas dos evangelis-



NA FEIRA

tas, as fôrmas graciosas de Santa Justa e de Santa Rufina de Montanhez, o S. Fernando e o devoto S. José de Roldan, e innumeras estatuas de artistas insignes, de Fernandes Aleman, de Miguel Florentino e Cornejo.

Como chegamos a esquecer de todo as desventuras e o abatimento da Hespanha contemporanea junto de tantas maravilhas da arte, quer palpitem nas telas prodigiosas de Zurbaran, de Alonso Cano e de Murillo quer se modelem nas fôrmas colossaes das estatuas de Montanhez e de Roldan!

Apertam connosco porém as poucas horas de que podemos dispôr. Saíamos d'este recinto conjuntamente artistico e devoto, digamos adeus á urna de ouro que encerra as cinzas de S. Fernando, despedindo-nos ao mesmo tempo das magnificencias da sacristia. Ha n'ella uma custodia de prata riquissima, que necessariamente foi muito cubiçada pelos cantonaes durante o seu ephemero predomínio, um tenebrario para regalar os olhos a qualquer communista que o visse, e vestimentas capazes de atirarem ao chão com os conegos velhos que as envergarem em dia duplex, tal é a grossura do ouro que as sobrecarrega.

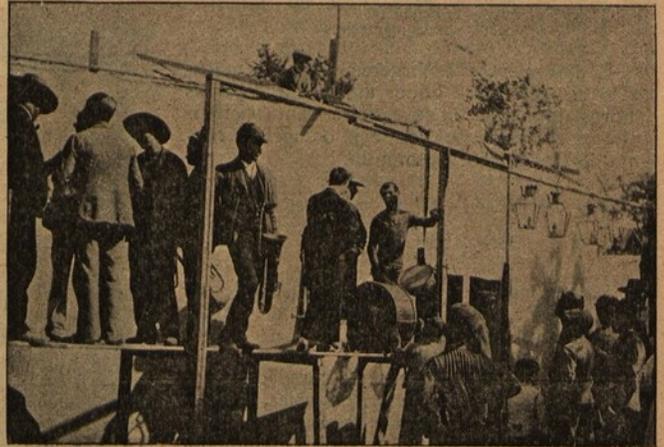
Que pena temos dê não vêr com vagar a casa de Pilatos, o pateo mourisco do Marquez de las Motillas, e o Alcaçar com as suas lendas tecidas de lances tragicos e de aventuras de amor! Faltanos de todo o tempo para interrogar aquellas paredes



NA CALLE DE LAS SIERPES

que abafaram os gemidos do mestre de S. Thiago morto traiçoeiramente ás mãos dos pagens e homens de armas de D. Pedro o Cruel, amante e marido clandestino de D. Maria Padilha. Contentemonos com os bellos mosaicos e os artozoados riquissimos de ouro que pendem dos tectos não menos opulentos d'aquellas salas, das quaes a dos embaixadores é uma bella amostra do estylo e do luxo oriental. Passeêmos fóra d'este lugar para contemplarmos de fugida os jrdins famosos, por onde divagaram primeiro as sultanas dos califas e mais tarde as princezas christãs, cuja formosura e amores romanescos enlouquecem ainda agora a quem percorrendo aquellas ruas de laranjeiras, olha para os escondrijos e labyrinthos onde tantas bellezas doudejaram, se é que não mente a linguaeira da chronica.

Se as taes sultanas e as taes princezas não fizeram das suas, não foi de certo por que lhes faltasse theatro convidativo. Aquellas sombras, aquelles recessos, aquellas fontes de marmore, aquelles banhos em que se adivinha o Oriente com o poder dos seus philtros invenciveis, o todo d'aquella mansão cercada de silencio apenas que-



ANNUNCIANDO O ESPECTACULO

brado timidamente, pelo murmurio das aguas e pelo ramalhar dos arbustos, estão depondo expressivamente a favor da chronica.

Cá fóra a scena é inteiramente outra.

Sevilha é a patria da animação, dos cafés, das palestras, das mulheres bellas, que passeiam pela rua dos Sierpes seus sorrisos e suas graças provocadoras.

Vendo-as, ocorre nos logo a idéa de procurar uma Rosina, embora para a possuir seja necessario lograr o bonacheirão do respectivo D. Bartholo; mas quem poderá requestar Rosina sem os trajes poeticos e a escada de sêda de Almaviva, o galanteador sevilhano por excellencia?

A rua das Sierpes é a mais animada de Sevilha, principalmente á noite. Apesar de estreita, bordam-na lojas elegantes, cafés sumptuosos. Em Hespanha, e nomeadamente em Sevilha, vive-se muito nos cafés. A rua das Sierpes comprida, estreita, reluzente dos milhares de lumes dos seus estabecimentos, afigura-se ao viajante como que uma extensa cobra luminosa a contercer as suas roscas no meio da amplidão nocturna da capital da Andaluzia. Effectivamente, sahindo-se d'aquelle recinto illuminado, parece que nos mergulhamos n'um oceano de trevas.

O theatro principal, propriedade do nosso

amigo o sr. D. José de Caso, é um bello edificio aonde as prescripções do luxo se casam perfeitamente com todas as exigencias do conforto.

A sociedade, que o frequenta, é tão distincta como intelligente e apreciadora dos bons artistas. N'aquella sala tem soado a voz dos mais notaveis cantores do nosso tempo, entre os quaes podêmos enumerar a Fricci, a Sass, Tamberlick, Fancelli, Stagno, e outros muitos de fama europêa.

Como todas cidades onde a vida elegante é uma realidade, Sevilha possui um passeio para cavalleiros e para carruagens á beira do Guadalquivir. De um lado os laranjaes immensos do duque de Montpensier; do outro as margens do poetico rio tão celebradas pelos poetas arabes e pelos vates christãos.

Das quatro ás seis horas, as carruagens, os tilburys e os landaus succedem-se sem interrupção, dando ensejo este passeio quotidiano á mais tentadora exposiçáo de olhos negros, que se pôde imaginar.

Pallidas, com os cabellos negros levantados em bandós opulentos, os olhos rasgados em córte de amendoa, a estatura alta, gentil, quebradas na cintura, ao mesmo tempo fortes e flexiveis, os pés

dos, infundem asco e terror a quantos percorrem aquelles infernos do Dante. Quem esperaria encontrar taes vultos na poetica cidade que se revê ao espelho crystallino do Guadalquivir, que se alumia com os clarões refulgentes do genio de Murillo, e sobredoura as grimpas aereas da Giralda mourisca com o diadema christão de S. Fernando?

A proposito da Giralda: o panorama que se desfructa d'aquellas alturas é incomparavel. Veigas; planicies; olivae dilatados; as sinuosidades do Guadalquivir a espreguiçarem-se por entre campos verdes de esmeraldas; os espinhaços das serras a negrejarem ao longe; accidentes interrompidos de valles e de regatos; contrastes lindissimos de luz e de sombras, eis o premio concedido á paciencia do viajante, que, como eu, se resigna a subir toda a extensa rampa, aliás suave, que se enrosca por dentro da alterosa torre arabiga.

* * *

Alexandre Dumas, no seu livro de *Viagens*, falla assim de Sevilha:

«Perdão, minha senhora, porém no numero das curiosidades de Sevilha, esquecia-me mencionar a fabrica do tabaco.

E' um immenso edificio, d'onde sahem as tres quartas partes dos charutos, que se fumam em Hespanha. Con-



EM SABBADO D'ALLELUIA

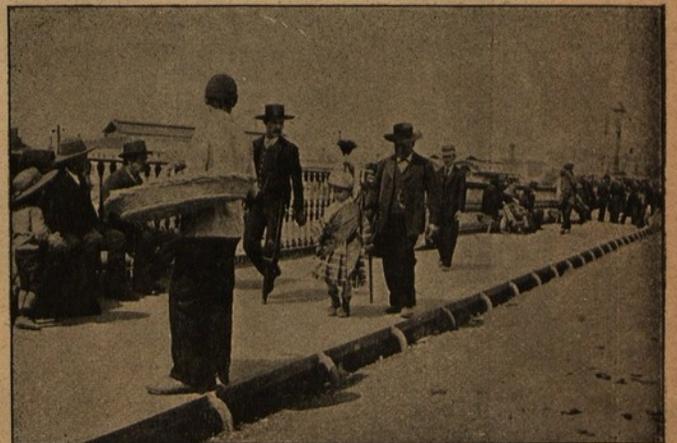


HERMANOS A CAMINHO PARA A PROCISSÃO

pequenos, tentadores, buliçosos, perspectiva de bolero imminente, as senhoras de Sevilha realisam as n ais sanguineas esperanças de ebleza e de sedução que possam alimentar-se a respeito das andaluzas. Naturezas sinceras, organizações extremamente francas, repugna-lhes a ellas a indiferença nas cousas do coração. Ou amam com phrenesi, ou detestam com odio.

E que olhar dominador, soberano não é o seu! Encaram os homens do alto da sua gentileza com a mesma sobrançeria com que a Giralda ergue a sua grimpá airoza sobre a casaria de Sevilha. Diante d'ellas fica-se em extasis, na posição do famoso Santo Antonio de Padua, a obra prima de Murillo, com a differença de que as bellas sevilhanas não descem até nós movidas dos nossos rogos, como no quadro do grande pintor desce o Menino Jesus, de nuvem em nuvem, até descançar nos braços do famoso santo, que parece cahir n'um desmaio de beatitude.

E ainda bem que estas esplendidas formaturas indemnizam o viajante do aspecto terrivel das gitanas do bairro de Triana, muitas das quaes, acobreadas, negras, sinistras como grupos de furias mythologicas, destacando do fundo dos seus casebres immu-



NA PONLE DE TRIANA



BANCADA DO CORO DA EGREJA DE S. MARCOS — (Hespanha)

tam-se cincoenta e tres administradores ou directores, cincoenta e um subalternos, e mil e tresentos jornalheiros, ou antes mil e tresentas jornalheiras.

Fallei-vos, minha senhora, d'aquellas lindas raparigas que arrancam os pistillos ao assafrão, e que se offerecem risonhas aos viajantes, com os seus olhos pretos, dentes brancos, e os dedos amarellos. Pois bem, a bulha, que ellas faziam, era nada em comparação da fabrica do tabaco.

Imaginae, minha senhora, mil e tresentas bellas raparigas de dezeseis a vinte e cinco annos rindo e fallando muito, e pela minha fé, peço-vos perdão e ao sexo a que tendes a honra de pertencer, em geral, estavam fumando como velhos granadeiros, mascando tabaco como velhos marinheiros.

Com effeito, a administração, além dos seus ordenados de cinco a seis reaes por dia, deixalhes tomar tanto tabaco quanto pódem consumir lá dentro.

Comprehendeis bem, minha senhora, que este estado, exercido por mil e tresentas raparigas, cria uma especialidade na povoação. Diz-se *las cigareras* de Sevilha, como se diz *las manolas* de Madrid e as costureiras de Paris. Com uma unica differença :



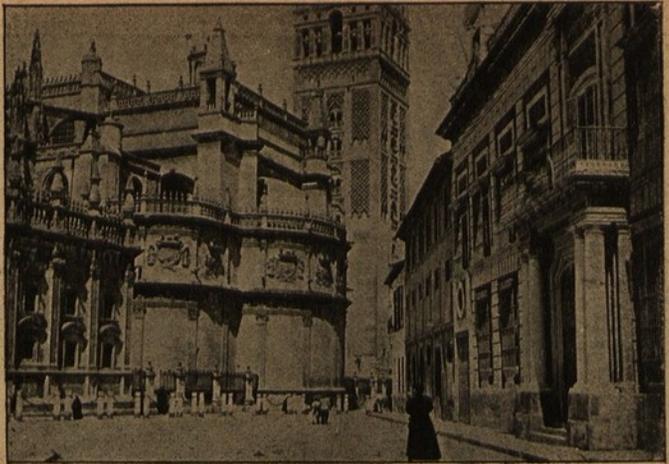
EM SEXTA-FEIRA DE PAIXÃO

Las cigareras de Sevilha, por causa da facilidade, de encontrar um enterro, que se dirigia para a igreja de Santo Izidoro.

alguma cousa das mercadorias que manipulam, *las cigareras* são muito procuradas pelos officiaes inferiores e pelos contramestres, e quasi sempre, nas touradas, — comprehendéis bem, minha senhora, que *la cigarera* nunca falta a uma tourada, — vêem-se, com o charuto no canto da bocca, pelo braço d'um militar ou de um marinheiro, fumando um grosso charuto, que passa, apressemos a dizel-o, ao seu amante, logo que fumou metade.

Voltando á hospedaria, passámos pelo hospicio da Caridade; é na igreja d'este hospicio que estão fechadas as duas obras primas de Murillo: Moysés batendo no rochedo, e a Multiplicação dos pães. Conheceis aquelles dous quadros pela gravura, e temos, no Museo, Murillos que podem dar-vos idéa do colorido.

Porém o que não conheceis, são os quadros de Valdès, que se encontram na mesma igreja. Young, que fez aquellas tristes noutes, que sabeis, e Orcagna, aquelle grande pintor-poeta, que esboçou nas paredes do Campo Santo o seu triumpho da Morte, eram dous caturras em compensação de Juan Valdès.



A GIRALDA E A CATHEDRAL

Não procurarei fazer-vos conhecer Juan Valdès.

Tenho pouco gosto para todos aquelles mysterios d'além do tumulo, que elle nos revela, e toda aquella povoação de bichos, de lagartos, e de lesmas que tem os seus germens na nossa pobre poeira humana, e que brota em nós depois da morte, parece-me muito bem onde está ordinariamente, isto é, coberta com seis pés de terra, para que faça penetrar até lá um raio de sol.

Por quem foram edificadas esta igreja e este convento? Dou-vos cem vezes, dou-vos mil vezes para o adivinhardes, minha senhora, como disse a illustre marquezia, prima de Bussy-Rabutin.

Por D. Juan de Marana.

Sim, minha senhora, por aquelle D. Juan, que conheceis; aquelle que se traduz no theatro da Porte Saint-Martin, e que fez tão boa figura sob as feições de Bocage.

Eis em que occasião esta fundação teve logar.

Uma noute, D. Juan sahia — seria muito embaraçado, minha senhora, se quizesse dizer-vos d'onde sahia D. Juan, se, a proposito de Cordova, não vos tivesse fallado da casa de Seneca em particular, e das estalagens em geral.

Don Juan sahia d'um muito máo sitio, quan-



UMA PRAÇA DE SEVILHA

D. Juan era muito curioso, principalmente quando estava embriagado, e n'aquella noute D. Juan tinha querido comparar os vinhos d'Italia aos vinhos de Hespanha, e depois de grande incerteza, tinha acabado por declarar, bebendo d'uma garrafa de vinho de Chypre, que os vinhos gregos eram os reis dos vinhos.

D. Juan, cuja curiosidade estava exaltada n'aquella noute, perguntou pois aos homens, que levavam o enterro, como em vida se chamava o peccador, que iam enterrar.

«Chamava-se o senhor D. Juan de Marana,» responderam estes.

Compreheideis, minha senhora, que a resposta tocou o nosso *hidalgo*, que se julgava real e bem vivo, e que tinha muitas rasões para isso.

Por isso não se deixou convencer com aquella resposta; deteve o enterro, e pediu para ver o morto.

Era cousa facil, em Hespanha como em Italia, ainda hoje; enterravam-se n'aquella epoca os mortos com a cara destapada.

Os homens obedeceram, poseram o fardo no chão; Juan inclinou-se para o cadaver, e reconheceu-se perfeitamente.

O caso fez-lhe passar a embriaguez. D. Juan vio n'este acontecimento um aviso do ceo, mais serio que os que até alli tinha recebido. Seguiu o cadaver á igreja, que achou illuminada a *giorno*, e servida por uma multidão de frades d'uma palidez estranha, que não faziam bulha alguma, quando andavam, e cujas vozes cantavam o *Dies ire dies illa*, com um tom, que nada tinha de humano.

Juan começou a cantar com elles; porém pouco a pouco a voz parou-lhe na garganta. Cahio sobre um joelho, depois sobre os dois, depois emfim com a cara no chão, e no dia seguinte acharam-o desmaiado sobre a lousa de pedra.

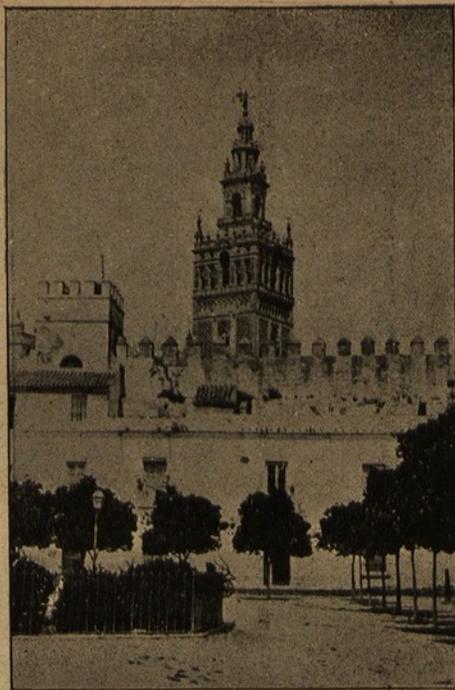
Quinze dias depois D. Juan fez-se frade, e fundou o hospicio de caridade, a que legou todos os seus bens.

E' verdade que D. Juan tinha já o espirito abalado por uma aventura não menos admiravel do que esta.

Uma noute, que elle passeava no caes, onde se levanta a Torre d'ouro, e que o seu charuto se tinha apagado — D. Juan tinha todos os defeitos, minha senhora, e por consequencia era um fumante excessivo, — uma noute pois que o seu charuto se tinha apagado, avistou do outro lado do rio, largo n'este sitio, como o Sena em Rouen, avistou um individuo, cujo charuto chammejante brilhava a cada aspiração como uma estrella.

D. Juan, que de nada duvidava, e que, graças ao terror que tinha inspirado, tinha o costume de ver obedecer todos os seus caprichos, D. Juan chamou o fumante, e ordenou-lhe que passasse o Guadalquivir e que lhe trouxesse lume.

Parou este; sem ter tanto trabalho, alongou o braço para o lado de D. Juan, e estendeu-o de modo que o braço atravessou o Guadalquivir como uma ponte, e veio trazer a D. Juan, para n'elle accender o seu, um charuto; cheirava a enxofre, que mettia medo.



A GIRALDA

Porém D. Juan não teve medo, ou pelo menos fingiu não o ter; accendeu o seu charuto ao do fumante, e continuou o seu caminho cantando *los toros de la puerta*.

Este fumante era o diabo em pessoa, que tinha apostado com Plutão que metteria medo a D. Juan, e que voltou para o inferno furioso por ter perdido.»

*
*
*

O touro parece ser o inimigo nato do hespanhol.

Ainda mesmo em creança, o hespanhol de qualquer provincia que seja, em lugar de fugir d'elle, o irrita e o provôca. Assim que um mancebo se destina ao circo, quer seja como *picador*, quer como *chulo*, quer como *barderillero*, é pois com um grande conhecimento dos costumes do animal que elle então se apresenta. Desde a sua infancia estuda o adversario contra o qual tem de se medir um dia. O que elle vae fazer para um theatro rodeado de espectadores, já o tem feito vinte vezes entre os bastidores, se assim se pôde explicar. Fernando VII, que adorava as corridas de touros, tinha creado em Sevilha um conservatorio de tauromachia.

O desprezo dos touros é tal entre os hespanhoes, que vi duas creanças correr para um touro, que acabava de ser derrubado pelo senhor de Aquila, um puxar-lhe o rabo, e o outro dançar sobre este rabo estendido como sobre uma corda.

Duas horas depois d'este espectáculo, estou certo que cada um de nós teria tomado uma lança e ter-se-hia feito *picador*, se não fosse detido, não por medo do touro, mas pelo receio da sua aptidão para tentar um exercicio a que não estava acostumado.

N'uma tourada a que nós assistimos, duas ou tres vezes, os touros perseguidos desbarataram a muralha viva, que lhes formava um lado do circo, porém á sua vinda a muralha abria-se com grandes gritos, deixava o touro o cavallo e cavalleiro, e se fechava detraz d'elles.

Foi então, minha senhora, que eu considerei o grande sangue frio de todos estes homens, que nos vinte circos d'Hespanha, luctam contra os touros vinte vezes por anno.



TYPOS SEVILHANOS



Invocação a Christo

Alma etherea, immortal, que vives no infinito,
enchendo a immensidade : a Leste, a Norte, a Sul...
— e onde se esconde todo o coração afflicto,
— e onde se esconde todo o sonho casto e azul...

Alma feita de luz — divina, omnipotente —
luz que desce do céu, — luz que desce do Alem —
para guiar o mundo á patria resplendente,
ao paraíso do Amor — santa Jerusalem...

Tu, que foste a bondade, a virtude, o carinho,
e que ensinaste a crer e que ensinaste a orar...
Tu, que pozeste um sonho ignoto em cada ninho,
e em cada berço uma ave, ingenua, a cantar...

Tu, que disseste ao pobre, ao pobre que gemia
na miseria cruel, na inconsciencia vil :
— «A ti, que soffres hoje, ha de raiar-te o dia
que seja sempre um doce e primoroso Abril...»

Tu, que disseste á Dôr — «Desapparece» — e ao riso :
«— Vem e toma o logar da Dôr nos corações! —»
E que mostraste a porta ideal do Paraíso
feita de pedraria e de constellações...

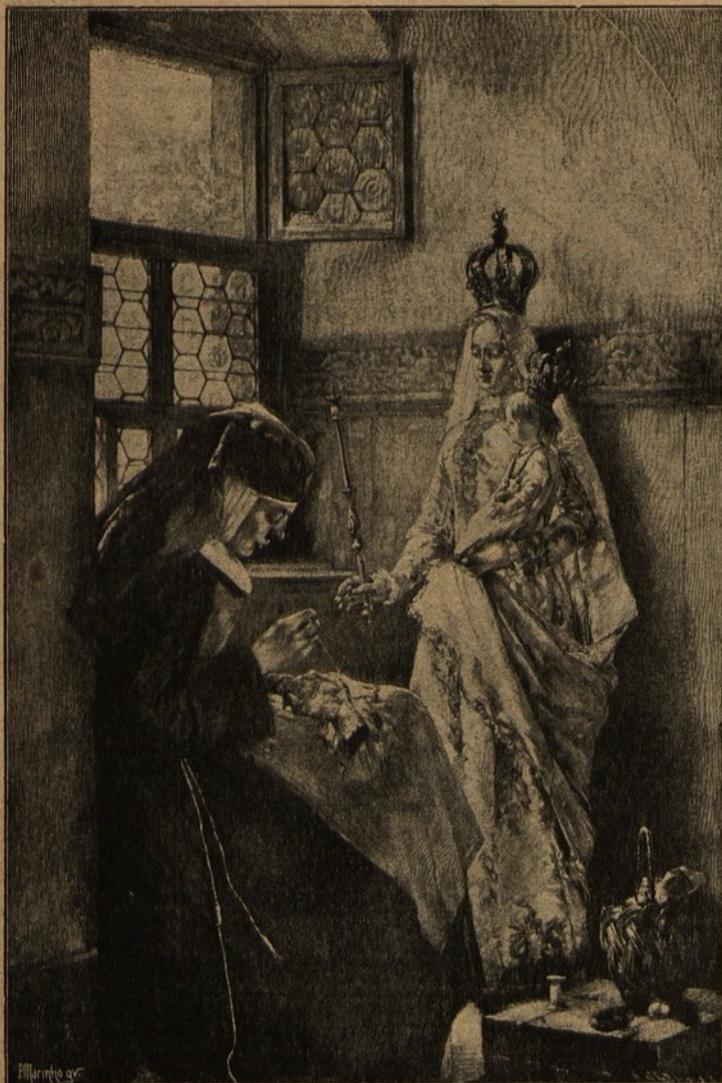
Divino Redemptor do povo escravizado
aos pés da tyrannia, estúpida e feroz,
e a quem elle inda, ao vêr se outra vez algemado,
eleva, esperançoso, a supplicante voz...

Tu, que morreste, emfim, para livrar a terra
de se abysmar na sombra e na dissolução,
põe termo d'uma vez, ó Christo, a tanta guerra,
que brilhe emfim o sol, Jesus, do teu Perdão!



UMA PROCISSAO EM VENEZA

O MANTO DA SENHORA



ERA costume, cada anno, uma freira fazer um vestido novo para a Senhora.

N'este suave trabalho, delicado e subtil, empregavam ellas seus cuidados mais desvellados, em que ia todo o seu amor e toda a sua fé. E era vêr qual se desfazia mais em primores de imaginação, combinação de tons, prégas e rebuços; e o manto, então, quanta attenção não era precisa para o fazer!

Chegou, por fim, a vez de soror Sophia. Era esta monja de uma grande severidade de costumes apesar de muito moça, e linda. Diziam que uma tragedia de amor a levára a recolher-se a Deus; e caso é que os seus olhos de um verde doce e flurido, testemunhavam toda a melancolia da sua alma. Seu sorriso era tão meigo, que ao vê-lo desabrochar nas suas faces pallidas, dava vontade de chorar; e a sua voz tinha um timbre tão claro e luminoso que as proprias aves, que cantavam nas ramarias da cêrca, se callavam para a ouvir. Que insondavel mysterio levaria aquella mocidade a refugiar-se na Casa do Senhor? Que tenebroso abysmo se cavaria a seus pés — abysmo cheio de sombras — que ella não podesse transpôr sem ter de voar para Deus?

Ninguem o sabia. Ia para um anno que ella entrára no convento e já em volta d'ella se formára uma lenda piedosa que lhe aureolava os cabellos castanho-claros com um resplendor de Santa.

*

Na sua cella, que era de uma rigidez e de uma simplicidade biblicas, soror Sophia tecia com as suas mãos esguias e patricias, o bello manto da Senhora. A sêda molle, de um tom avelludado e doce, corria entre seus dedos, como uma agua corre entre dois prados; a agulha, ao reflexo do sol coado pelos vidros de côres, luzia como ouro; e dos seus olhos, pregados na tarefa piedosa, um brilho irradiava, com alguma coisa de divino, que infundia respeito.

Corrêra logo pelos claustros do convento que o manto da *monja dos olhos verdes*, era o mais bello que alli se tinha feito; de modo que foi uma romaria constante para a cella, e extases e espantos incessantes.

Soror Sophia nada via porque seus olhos se não despregavam da sagrada obrigação que a Regra impunha. E enquanto a procissão das monjas se esvaia pelos longos corredores silenciosos, n'uma uncção de respeito pelo divino lugar que as suas sandalias pisavam, a freira triste tecia, tecia sempre o manto da senhora...

Já o sol ia longe e as meias sombras se espalhavam pelos cantos da cella quando Soror Sophia acabou o manto da Senhora. Ergueu-se. O seu rosto pallido rutilava e o da Santa sorria na sua beatitude. Os seus olhos contemplaram longamente o sagrado trabalho; e alguma coisa lhe fez bater o coração porque ás faces lhe affluir todo o sangue. A senhora tinha a sua estatura e a sua elegancia esculptural; poz-lhe o manto nos hombros e a cauda de seda azul cahiu, arrastando na peanha as suas pregas molles. Depois, com a hesitação de quem premedita um crime, ajoelhou o orou muito tempo com os labios collados no sobrado.

Tinha descido a noite; e a cella estava toda em trevas; só a corôa da Santa brilhava com o fulgor da sua pedraria. Soror Sophia levantou-se; vacillavam-lhe as pernas; os seus labios murmuraram:

— Perdoae-me, Senhora!

E pegando outra vez no manto, beijou-o com fervor e pôl-o nos seus hombros. Subito um côro celestial reboou pelas naves e claustros; e a comunidade, que corrêra á cella da *monja dos olhos verdes*, d'onde a musica parecia irradiar, pôde ainda vêr a sombra vaga e intangivel de Soror Sophia subindo, envolta no manto azul, enquanto a Santa sorria na sua beatitude, mais divinamente do que nunca.



JUDAS VENDENDO O SEU DIVINO MESTRE



ENTERRO DE SANTA LEOCADIA — (Quadro de C. P. Galhardo)

N.º 7—JETTATURA, de Theophile Gauthier, tradução de Luiz Cardoso, 1 volume de 170 paginas.

N.º 9—O CANTEIRO DE SAINT-POINT, de Lamartine, tradução de Annibal Azevedo, um volume de 180 paginas.

50 RÉIS O VOLUME
(60 RÉIS NAS PROVINCIAS)

NOVA COLLEÇÃO PEREIRA

São um volume a 10
e outro a 25 de cada mez

N.º 8—CASA COM ESCRITOS, de Carlos Dickens, tradução de José Sarmiento, 1 volume de mais de 170 paginas.

N.º 10—ROSA E NINETE, 1 volume, de A. Daudet, tradução, de Henrique Marques.

Pedidos á livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

NOVIDADE LITTERARIA

CORAÇÃO DOENTE

ROMANCE DE

LOURENÇO CAYOLLA

Um volume, 500 réis. A' venda na Livraria do Editor A. M. PEREIRA.

Impressionistas

PROSAS VARIAS
DE

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO
UM VOLUME BROCHADO 500 RÉIS

A' venda na Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

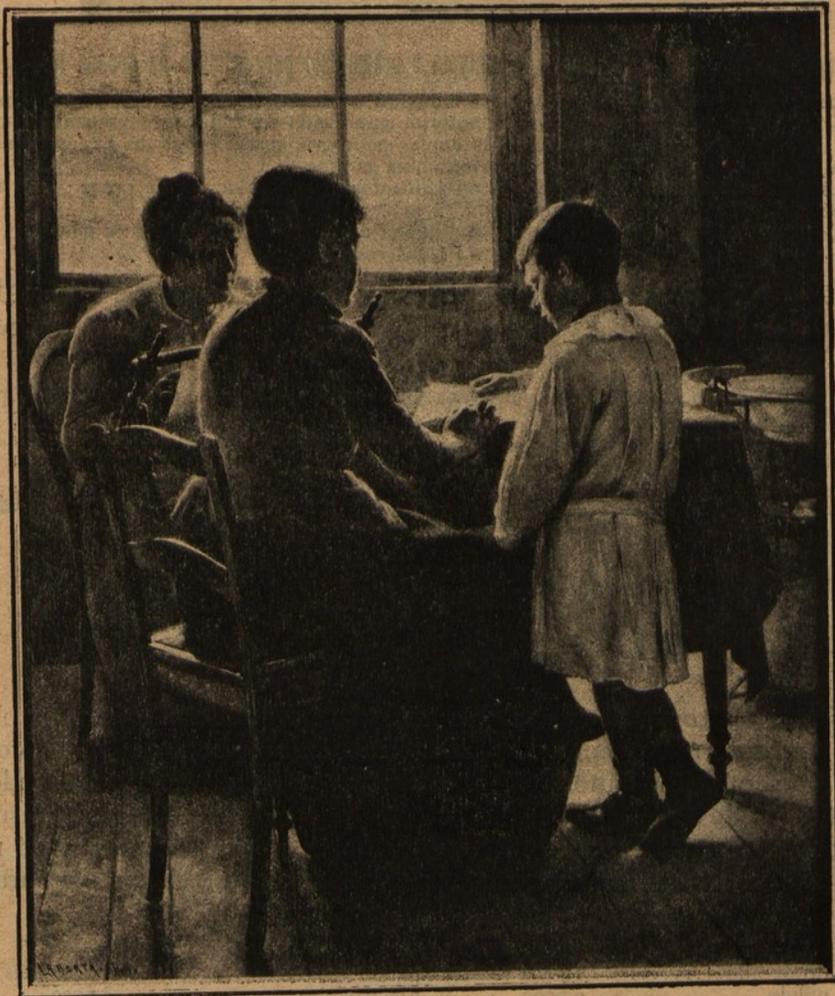


Publica-se **pontualissima-**
mente duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas
que se publica em lingua portugueza,
e o unico dirigido e redigido por uma
senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria
de ANTONIO MARIA PEREIRA —
Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Branco e Negro



A LIÇÃO — (Quadro de Marques d'Oliveira)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 56

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Leseños á penna.
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
Illustrações de toa.,
a classe de obras
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
anuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura oferece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do q. e se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se qu'esquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

METRONOMOS «ECLAIR»

A ultima novidade musical

O uso do Metronomo, tão interessante para o estudo de qualquer obra musical, tem sido relativamente restricto, em causa do seu preço e da complicação do seu machinismo, que a cada momento se deteriora, pondo o aparelho fóra de serviço. No **Metronomo «Eclair»** não ha machinismo, as oscillações são mathematicamente exactas, o que raras vezes se dá nos antigos, e além d'isso é absolutamente silencioso, portatil, elegante e barato.

Preços dos diferentes modelos

Cobre bronzado.....	1\$500 réis	Nickel.....	2\$500 réis
Cobre polido.....	2\$000 »	Electro.....	3\$000 »

Estojes forrados de velludo e setim, proprios para offerecer os metronomos como brinde, réis 4\$200

UNICO DEPOSITO

CASA LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 56

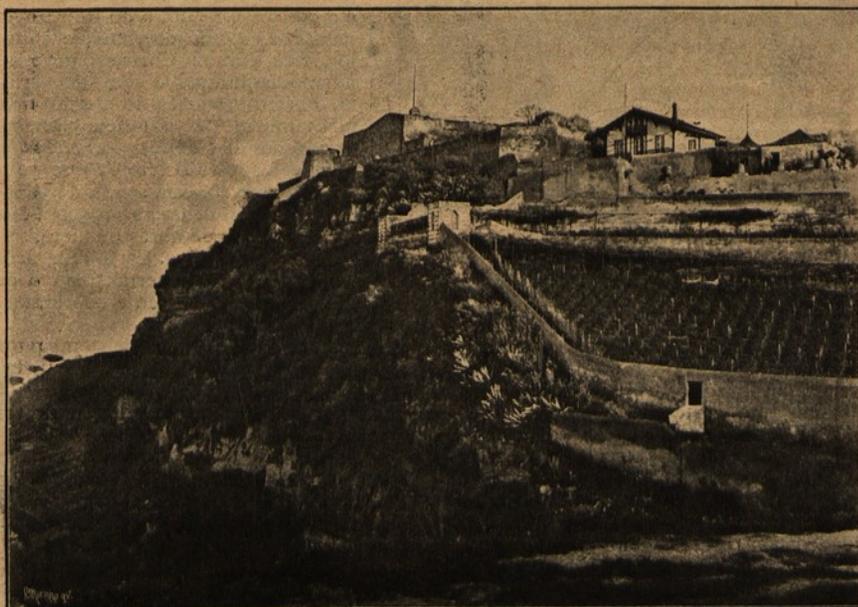
LISBOA, 25 DE ABRIL DE 1897

2.º ANNO

VIAGENS NO PAIZ

(XXI)

ALMADA



ALMADA — UMA VISTA DO CASTELLO

ALMADA, em frente de Lisboa, assente na margem esquerda do nosso formosissimo e poetico Tejo, d'onde se descortinam os mais vastos e surprehendedentes panoramas que o touriste pôde encontrar por esse paiz fóra, é, sem duvida, uma das mais pittorescas villas da vasta provincia da Extremadura.

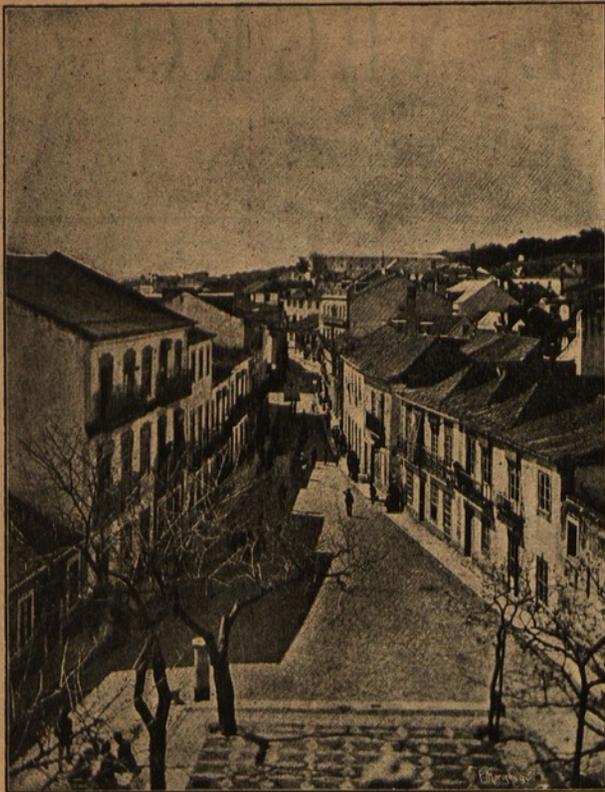
Sobre a sua fundação e etymologia, correm as mais desencontradas das opiniões, porém, a que nos parece mais verdadeira, é de ter sido edificada pelos mussulmanos quando occuparam a Peninsula no seculo VIII, pois em 1860 n'umas escavações que se fizeram no passeio do Castello, encontraram-se subterradas muitas talhas mouriscas, nas quaes os mouros costumavam guardar, em tempos de invasões, os cereaes e outros productos agricolas. A etymologia mais acceitavel, para não estarmos a citar a opinião de abalisados escriptores, é a do immortal historiador Alexandre Herculano que diz, no seu bello monumento a Historia de Portugal, que Almada vem de Almadan, nome este que se dava ás palhetas d'ouro que o solo do mar lançava nas suas praias. D. Diniz, o rei poeta, tinha uma corôa e um sceptro feitos d'ouro aqui achado e D. João III um sceptro de igual precedencia.

Almada que foi conquistada aos mouros pelos solda-

dos do notavel guerreiro D. Affonso Henriques no dia 24 de junho de 1147, teve diversos foraes dados respectivamente por D. Affonso I em Coimbra em março de 1170; D. Affonso II em Santarem em dezembro de 1217 que confirmou o primeiro e D. Manoel em Lisboa a 1 de junho de 1513. D. Sancho I tambem lhe deu foral e fez doação d'ella aos cavalleiros da ordem de S. Thiago, por carta assignada em Lisboa no mez de agosto de 1190. Mais tarde, em 1297, D. Diniz incorporou-a nos bens da corôa, dando em troca aos alludidos cavalleiros as villas de Almodovar, Aljezur e Ourique.

Em 1190, quando o terrivel Jacob, imperador de Marrocos, entrou em Portugal com um poderoso exercito commandado por elle. pelos reis de Sevilha e Cordoba, Almada foi, como muitas outras povoações, saqueada e destruida ficando em um montão de ruinas, pelo que teve de ser reedificada por mandado de D. Sancho I, que então governava os destinos d'este outr'ora tão floresente paiz.

D. João I de Castella, que em 1384 invadiu Portugal com uma grande parte do seu exercito, com o fim de se apossar do throno, ao qual se julgava com direito, por morte de D. Fernando, pôz a Almada, durante mez e meio, um apertadissimo cerco em que os habitantes de-



ALMADA — RUA DIREITA

ram provas de muita abnegação e patriotismo, pois escasseando os poucos alimentos de que dispunham, viram-se na necessidade de amassar o pão com vinho, porém, só se renderam quando o Mestre de Aviz lhes mandou dizer por um filho d'esta villa que atravessou o Tejo a nado, que se entregassem, e se assim não fosse, por certo preferiam morrer pela patria a entregar Almada aos castelhanos.

Mezes depois, quando D. João I de Castella se viu forçado a abandonar a idéa da conquista de Lisboa, porque os seus soldados iam rareando, ainda não contente com o renhedisimo assedio que pôz a Almada, não podendo deixar aqui guarnição sua e para mais revoltar os seus heroicos habitantes, confiou a estes a defeza da villa, mas levando como refens os filhos dos seus principaes moradores, creanças de 3 a 4 annos de idade, e assim «os almadenses imitavam o sacrificio de Bruto, e entregavam á colera e á vingança do rei de Castella os tenros e innocentes filhos.»

Esta villa que pertenceu aos inglezes, a D. Leonor Telles e á casa de Bragança, honrou se por vezes com a visita de alguns nosos monarchas.

* * *

Almada é cabeça de comarca e de concelho e compõe-se de trez freguezias com 15:030 habitantes.

Possue alguns edificios dignos de menção, d'entre os quaes destacaremos os seguintes: A igreja do convento de S. Paulo, celebre pela sua importancia historica, de cujo interior o *Branco e Negro* publicou ha dias uma esplendida photogravura, foi fundada em 1562 pelo insigne theologo e linguistico

D. frei Francisco Foreiro, lente de theologia da universidade de Coimbra, pregador regio da côrte de D. João III e reformador do Missal e Brevariario Romano, fallecido no seu convento em 10 de janeiro de 1581 e jaz n'uma tosca sepultura ao centro da capella-mór.

Este templo é notavel não só pela obra de talha dos seus altares, como tambem pelos magnificos azulejos que o ornamentam representando factos allegoricos da vida de S. Domingos, a cuja ordem pertencia.

Destruido pelo memoravel terremoto do dia 1 de dezembro de 1755, no momento em que a igreja se achava repleta de fieis que ficaram sepultados nos escombros, foi pouco depois reconstruido.

N'esta igreja dormem o somno eterno dois homens celebres nas armas e letras patrias: D. Alvaro Abranches da Camara, um dos vultos mais prestigiosos da gloriosa revolução de 1 de dezembro de 1640, e D. Francisco de Almeida Mascarenhas, distincto escriptor, licenciado em canones pela Universidade de Coimbra e socio da academia Real das Sciencias

N'elle viveu durante alguns annos o elegante chronista e primoroso escriptor Fr. Luiz de Sousa. Na igreja de S. Paulo estão erectas duas irmandades — a de Nossa Senhora da Assumpção e a de Nossa Senhora do Rozario que em tempos passados possuio objectos de culto de grande valor, taes como: Corôas d'ouro com diamantes, um riquissimo pallio com seis varas todas de prata, quatro castiçaes do mesmo metal e uma peanha tambem de prata em cima da qual era collocado em dias de festa o Santissimo Sacramento.

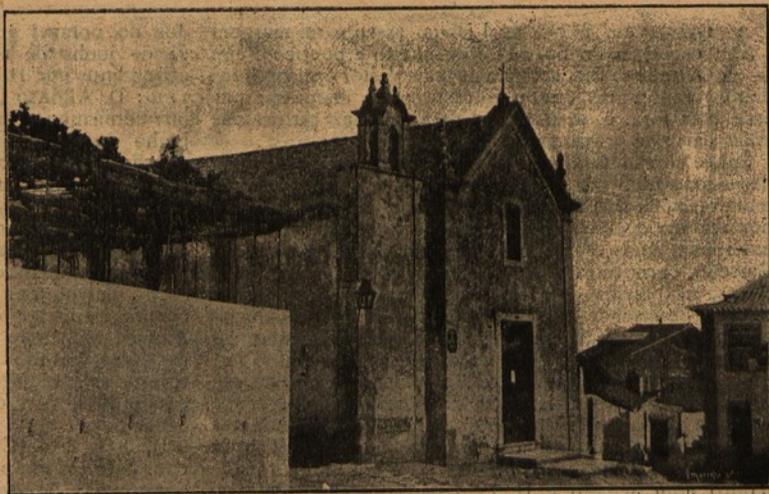
Este magestoso templo que se achava já bastante arruinado, está sendo actualmente reparado por um troço de operarios sob a direcção do illustre conductor de obras publicas, sr. Liberato Telles de Castro e Silva. Estas reparações foram mandadas fazer pelo governo, para o que muito contribuiu o nosso amigo e conterraneo sr. Antonio

Dionizio Parada.

O convento e quinta que é bastante pittoresca pelo copado do seu arvoredado secular, foi, pela extincção das ordens religiosas em 1834, vendido ao sr. Palyart, que o deixou por herança ao seu actual proprietario sr. Oliveira Ferraz.

Proximo, no amplo campo de S. Paulo, fica a praça de touros, construida em 1843.

A igreja de S. Thiago — matriz — de cuja fachada publicamos uma gravura, é de fabrica antiquissima, pois foi mesquita de mouros e reedificada no seculo passado por mandado do infante D. Antonio, irmão de D. João V. E' templo de uma só nave. O tecto da capella-mór é todo de abobada de pedra em estylo manuelino. Fernão Mendes Pinto, o brilhante auctor das *Peregrina-*



ALMADA — ERMIDA DO ESPIRITO SANTO



ALMADA — CONVENTO DE S. PAULO



ALMADA — EGREJA DE S. THIAGO

ões, está aqui sepultado. Almada possui bastantes ermidas, dessoradas pelo concelho, e na do Espírito Santo, que é muito antiga, encontram-se as magnificas imagens que durante bastantes annos sahiram em domingo de Ramos, processionalmente pelas ruas da villa.

A casa da camara é um edificio de dois andares de boa apparencia. Foi construida no anno de 1793. N'ella estão installadas, além da camara, o tribunal judicial e cadeia. Possui uma alta torre com relógio, d'onde se desfructam soberbos panoramas. O relógio foi doado á camara d'este concelho por D. Maria I.

Tem Misericordia instituida no seculo XVI.

Do Castello, situado no ponto mais alto da villa, descobrem-se vastos horisontes. A sua fundação data do anno de 1500.

E' muito sentida n'esta villa a falta de um hospital de caridade. Em 1892 constituiu-se aqui uma grande commissão afim de se levar a effeito a fundação d'um hospital. A' frente d'esta commissão, que pouco fez, figurava o ex-deputado por este circulo, o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, alma nobre, coração d'ouro, a quem Almada deve parte dos seus melhoramentos.

Em Almada realisam-se nos dias 23, 24 e 25 de junho de cada anno, sumptuosas festividades a S. João.

Tem por brazão d'armas uma torre coroada sobre penhascos. No antigo regimen enviava deputados ás cortes os quaes tinham assento no sexto banco.

* * *

Nos seus arredores que são fertilissimos encontram-se muitas fabricas de cortiça que empregam centenas de operarios, e a importante fabrica de moagens a vapor, systema austro-hungaro, pertencente á firma commercial Antonio José Gomes & Commandita.

Na Piedade, onde se feriu a memoravel batalha entre carlistas e miguelistas em 23 de julho de 1833, vespera da libertação da capital, ergue-se o riquissimo palacio do sr. Antonio José Gomes, que possui salas deslumbrantes, cujas pinturas a fresco rivalisam, na opinião de criticos eminentes, com as do palacio da Ajuda. Um pouco distante da Piedade fica a aprasivel quinta do Alfeite que

pertenceu ao valente condestavel D. Nuno Alvares Pereira, actualmente propriedade da casa Real. O seu palacio foi mandado construir em 1857, pelo fallecido monarcha D. Pedro V de saudosa Memoria. A praia do Alfeite, uma das melhores da margem sul do Tejo, é muito frequentada por banhistas pela limpidez das suas aguas.

* * *

A uma legua ao sul de Almada fica a freguezia de Caparica, importante centro vinhateiro, calculando-se a sua área em 20 kilometros, em linha recta, no seu maior comprimento, de N. a S., e de 15 kilometros, de O. a E. na sua maior largura.

N'esta populosa freguezia, fica, á beira-mar, o Lazareto construido em 1867 sobre as ruinas da fortaleza de S. Sebastião de Caparica, que é digno de ser visitado pelos seus vastos e confortaveis alojamentos.

* * *

D'entre os vultos mais illustres de que Almada tem sido berço, sobressahem pelo seu talento e virtudes: Diogo Paiva de Andrade, poeta quincentista e elegante prosador; D. Leonor de Mascarenhas, que fôra dama da rainha D. Maria, segunda esposa de D. Manoel, e que falleceu em Madrid com cheiro de santidade; Dr. José de Almeida, medico distincto; Frei Silvestre de Almada, auctor de varias obras religiosas; Dr. José Xavier Coutinho, maviioso poeta e jurisconsulto; Antonio Adelino Amaro da Silva, brilhante romancista; Eduardo Tavares, valente jornalista e escriptor; José Elias Garcia, grão-mestre da maçonaria, coronel de engenheiros, distincto jornalista, lente da eschola do exercito e chefe do partido republicano portuguez; Dr. Oliveira Feijão, illustre medico, professor de clinica cirurgica na eschola Medica de Lisboa; Dr. Bento Manoel da Costa Vaz, meretissimo juiz de direito da comarca de S. João da Pesqueira; e muitos outros que igualmente honram a terra onde nasceram.

* * *

Terminamos, agradecendo aos ex.^{mos} srs. dr. Luiz Judice Pargana, Antonio Augusto de Figueiredo Feio e José Gabriel Holbeche a amabilidade que tiveram em nos ceder as photographias com que illustramos este artigo.

Almada, abril de 1897.

LUIZ DE QUEIROZ.

Domus Aurea

De bom amor e de bom fogo claro
Uma casa feliz se acaricia...
Basta-lhe luz e basta-lhe harmonia
Para ella não ficar ao desamparo.

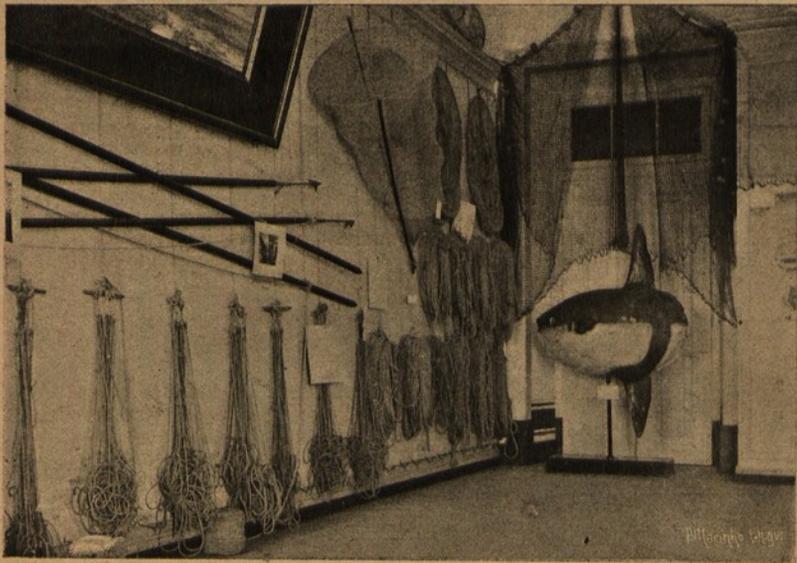
O Sentimento, quando é nobre e raro,
Veste tudo de candida poesia...
Um bem celestial d'elle irradia.
Um doce bem, que não é parco e avaro.

Um doce bem que se derrama em tudo,
Um segredo immortal, risonho e mudo,
Que nos leva debaixo da sua aza.

E os nossos olhos ficam rasos d'agua
Quando, rebentos de uma occulta magoa,
São nossos filhos todo o céo da casa.

CRUZ E SOUZA.

Exposição Oceanographica



ASPECTO DE UMA SALA

muito melhor informados do que os sabios, conhecendo perfeitamente o que deviam acreditar a tal respeito. Foi em 1864 que o sr. Barbosa du Bocage, o eminente director do Museu de Lisboa e mestre incontestado da zoologia portugueza, surpreendeu o mundo scientifico com a revelação inesperada da existencia nas nossas costas, a uma profundidade de mil metros, de colonias de esponjas pertencentes a um genero que até então só fôra assignalado no Japão. Essas esponjas tinham sido capturadas pelas linhas dos pescadores de esqualos de Setubal, que as colhiam desde seculos já, mas tornavam a lançal-as á agua porque ao seu espirito supersticioso se afigurava de mau augurio semelhante pesca.

Eram conhecidas anteriormente algumas observações isoladas, especialmente dos naturalistas noruegueses. A sciencia scandinava, que de resto tinha já gloriosas tradições, possui o titulo incontestado da prioridade

A EXPOSIÇÃO do resultado das campanhas de 1896 do yacht *Amelia* constitue um importante acontecimento scientifico, que não deve passar desapercibido, apesar do nosso meio ser pouco favoravel a manifestações de tal ordem.

A obra empreendida por Sua Magestade El-Rei pertence ao numero d'aquellas que alcançam, de direito, registo perduravel nos fastos da sciencia; e, devido á iniciativa do augusto monarcha, a nação gloriosa que devassou out'ora os «mares nunca d'antes navegados», e a que os epicos feitos dos seus grandes navegadores deram um logar benemerito na historia da geographia, não fica já, d'aqui por diante, isolada e estranha ao entusiastico movimento moderno que lançou quasi todos os paizes civilizados no estudo do mar.

A exposição oceanographica inaugurada no Museu de Lisboa, e que representa uma colleção que ainda hoje não é vulgar nos museus da Europa, merece, por isso, ser descripta e apreciada com detenção.

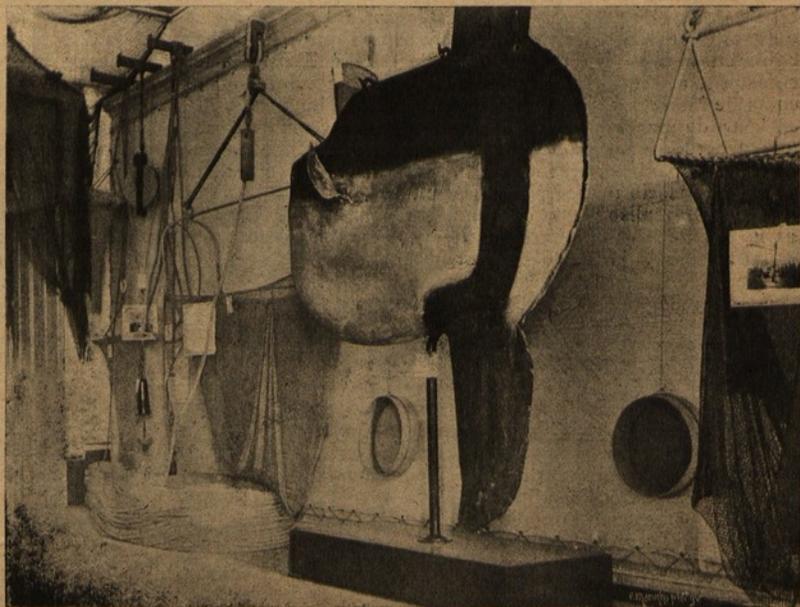
* * *

Ha cerca de quarenta annos ainda, as grandes profundidades oceanicas eram tidas como deshabitadas: — abysmos desertos em que o silencio e a escuridão reinavam ininterruptamente. Era opinião corrente na sciencia que a vida estava circumscripta, no mar, á região littoral e á região pelagica, e que os animaes se tornavam mais raros á medida que se avançava sob as aguas até ao extremo limite de quatrocentos metros, onde se encontrava já um «zero da vida animal».

Ao passo que esta crença erronea vogava entre os naturalistas, e constituia por assim dizer um axioma da zoologia, os ignorantes pescadores portuguezes de Setubal, porém, estavam

na investigação da fauna abyssal. Em 1853, o poeta nacional da Noruega, Absjorn Absjornssen, que era ao mesmo tempo naturalista distincto, retirara já de uma profundidade de 360 metros, nas costas do seu paiz, uma magnifica estrella do mar, que pela belleza maravilhosa das suas côres e das suas fórmãs inspirou o illustre bardo a conferir-lhe o nome de *Brisinga*, a joia mystica com que a mythologia do norte adorna Freia, a deusa do amor, que Loki, o deus do mal, conserva captiva no fundo das aguas.

Mas foi só em 1868 que se realisou a primeira campanha methodica de explorações submarinas. E' aos Estados-Unidos que cabe a honra da iniciativa. O navio americano *Bibb* explorou n'aquelle anno as aguas profundas de uma secção do golpho Stream; em 1872 partiu por



O PEIXE-LUA

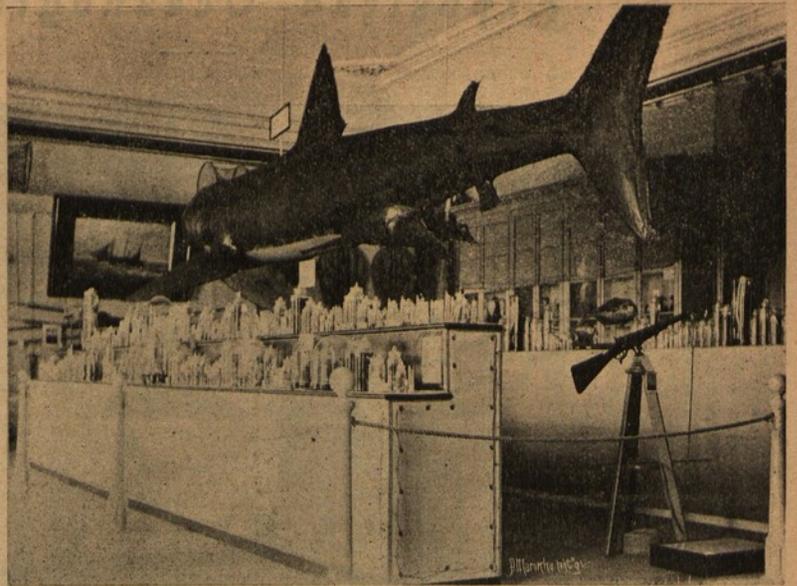
seu turno o *Hassler*, que seguiu a costa oriental da America, dobrou o cabo Horn, e subiu ao longo da costa occidental até á California; e, em seguida, o *Blake*, de 1877 a 1879, realisou uma serie de campanhas durante as quaes estudou, por uma fórma methodica e minuciosa, os grandes fundos do mar das Antilhas e do golpho do Mexico.

No mesmo anno de 1818 o navio inglez *Lygthning*, durante os mezes de agosto e setembro, executou dragagens, até á profundidade maxima de 650 braças, entre o norte da Escossia e as ilhas Faroer. Nos dois annos seguintes, o *Porcupine* realisou outras quatro viagens, em uma das quaes explorou a costa de Portugal. Os excellentes resultados d'estas campanhas levaram, então, o governo inglez a organizar a grande expedição da corveta *Challenger* á volta do mundo, que durou desde o dia 7 de dezembro de 1872 até 27 de maio de 1876, e que tão notaveis resultados produziu. Em 3 de janeiro de 1873, seguindo no caminho da sua derrota, esse navio aportou a Lisboa. A sonda do *Challenger* chegou a descer até 7:157 metros. Quando a corveta ingleza reentrou em Portsmouth, ao cabo de quarenta e dois mezes de viagem, tinha percorrido 32:000 leguas, effectuando 492 sondagens e 234 dragagens. Voltava carregada de riquezas preciosas, com o mesmo ar triumphal das nossas velhas náus no regresso da India. O valor d'essa campanha avalia-se pela extensa bibliographia de que ellatem sido assumpto: só a publicação official dos seus resultados comprehende 95 memorias especiaes!

A França deixára-se esquecer do seu brilhante logar na vanguarda da sciencia, e só em 1880 emprehendeu a sua primeira campanha de exploração submarina, que, ainda d'essa vez, não excedeu as modestas ensanchas d'um simples ensaio. O *Travailleur* sahiu de Bayonna a 17 de julho d'esse anno, e explorou, durante quinze dias, as costas hespanholas do golpho da Gasconha. No anno seguinte, porém, o mesmo navio fazia uma nova campanha no Mediterraneo, e em 1882 fazia-se novamente ao mar, alargando d'essa vez a sua exploração até ás costas de Portugal. Os lisongeiros resultados obtidos n'essas tres expedições abriram o caminho para mais largos commettimentos. No 1.º de junho de 1883, o *Talisman* começava a sua celebre campanha, que o conduziu á costa de Marrocos, ás Canarias, ás ilhas de Cabo Verde, ao mar de Sargassos e aos Açores. Foi essa uma das mais fructuosas para a zoologia, comquanto escassa em resultados para a oceanographia, que figurava n'um plano secundario no seu programma.

Em 1881 realisou-se a campanha italiana do *Washington*, e antecedentemente, tanto a Allemanha como a Austria, tinham já vindo empenhar igualmente os seus esforços n'essa tarefa do estudo do mar.

Desde 1885, o principe de Monaco, com um raro de-



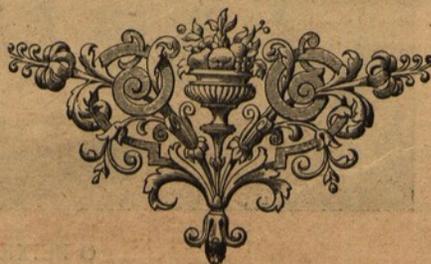
O PEIXE FRADE

votamento pela sciencia, encetou a brilhante serie das suas campanhas no Atlantico norte e nos Açores, colligindo observações oceanographicas do mais alto valor e reunindo colleções riquissimas, que ainda não estão completamente estudadas, apesar da copiosa bibliographia que a seu respeito se tem publicado já.

Depois das grandes expedições, que acabamos de lembrar, e cujas narrativas, reproduzidas hoje em muitos livros, revestem um elevado interesse, pelo encanto e pela novidade das suas descobertas, abriu-se por sua vez a época das explorações parciaes, que, n'este momento, se tornam naturalmente mais uteis. O eminente oceanographo Thoulet accentua já esta transformação nas seguintes palavras, que muito apropriadamente foram reproduzidas na portada do catalogo da exposição d'El-Rei: «tu point ou la science en est arrivéé il y aurait avantage à étudier d'une manière complète un coin de mer, si petit qu'il soit, car en agissant autrement on risquerait d'éparpiller des efforts; les explorations futures ne devraient désormais s'attaquer qu'à des localités circonscriptes.» A recente campanha do *Caudan*, realisada, em agosto e setembro do anno passado, no golpho da Gasconha, sob a direcção do professor Kehler, e que apesar da região restricta que foi explorada produziu tão curiosos resultados, obedeceu já a esta norma.

A tarefa tão promettedoramente emprehendida por S. M. El-Rei inspira se igualmente, no mesmo intuito, como facilmente se verifica do seu programma. As investigações encetadas a bordo do *Amelia* tem por fim principal a colleccionação e o estudo da fauna do nosso planalto continental, isto é, da parte da bacia oceânica que borda a linha das costas até attingir a profundidade de 200 metros, e da fauna dos abysmos, que se encontram, em alguns pontos, a uma pequena distancia do littoral, constituindo um exemplo quasi unico na Europa.

(D'O Jornal).



FINGAL!

QUANDO a Escocia não tivesse outro titulo de celebridade natural, tinha o archipelago das suas ilhas Hebridas, e d'estas a principal, a mais interessante sem contestação, a ilha de Staffa, em cujo interior se admira a gruta de Fingal. Esta ilha é um arrabalde maritimo da patria de Walter-Scott e Burns.

Estar em Glasgow, ter ahi um elegante vapor á mão, que segue carreira para Staffa, dispôr de tempo e alguns pences, e não excursionar até á notavel ilha, ao menos por um d'esses bellissimos dias que são communs na Escocia nos mezes de junho e julho, é dar prova cabal de muito mau gosto. Deixemos isso aos *snoobs*, que preferem ficar em Glasgow ou Greenock a quebrar esquinas, de manhã até á noite, ou a ouvir prédicas de algum *methodista*, trepado sobre uma cadeira, em plena rua.

Eu metti-me n'um d'esses pequenos mas magnificos palhabetes que fazem carreira para as Hebridas e fui vêr Staffa. Alguma cousa que lêra, na minha mocidade, em Walter Scott sobre a famosa gruta, abriu-me appetite de travar relações pessoasas com ella, e de a apreciar por uma impressão directa. Com os lugares e com os quadros acontece-me o mesmo que com os livros; gosto de julgar d'elles por mim, sem ter em menos a opiniã alheia, embora ás vezes bem alheia á verdade e ao bom senso.

Passadas poucas horas depois da partida, o airoso *steamer* fundeava em frente da ilha. Nunca vi um mar tão banzeiro, tão bem humorado, tão bonacheirão como estava n'esse dia e n'aquellas paragens. Tinha o unido de um espelho de Veneza e o azul vivo do lapis-lazzuli. Podemos, portanto, approximar-nos de Staffa e fundear a 3 minutos da terra, o que muitas vezes é impraticavel. Alguns escaleres, perfeitamente aceiados e confortaveis, atracaram ao nosso vapor, para receber passageiros e conduzil-os até ao interior da gruta historica, que parece repetir ainda hoje com saudade o nome de Ossian. Eramos uns trinta passageiros, quasi todos escocozes ou londrinos. A avidez curiosa dos meus consocios britannicos de viagem, era tamanha, que eu cedi-lhes o espaço que me pertencia no primeiro escaler e fui a reboque d'elles no segundo. Em compensação, muito mais á vontade.

Exteriormente, Staffa é um montão de pedras basalticas, de um negro de onix, empilhadas umas sobre as outras em fórma de escadaria natural e encimadas por uma carapuça ou cúpula de terra vegetal.

Nos tempos de Pindaro suspeitar-se-hia talvez que fosse aqui a morada de algum cyclope, ou algum salão de tritões, destinado á celebração dos anniversarios de Neptuno.

A entrada da ilha offerece o contorno de um portico natural e grandioso, de estylo gothico, cujo arco superior se eleva de uns 25 metros de altura sobre o nivel do mar, e assenta em um feixe de columnas, de 6 a 8 metros de comprimento, sem grande erro de calculo.

Ao interior de Staffa é que se dá o nome de — gruta de Fingal —, caverna estranha, de altura e extensão consideraveis, ou antes, verdadeiro templo construido, no alto oceano, em honra de Deus e pela mão exclusiva de Deus.

Aquellas paredes internas não echoaram até hoje com um só golpe de picão e de escopro, percutido por mão de homem, na formação de tão estranho e surpreendente edificio. Ao longo, enfileiram-se dois renques de pilastras regularissimas, soberbo producto de uma crystallisação basaltica de epochas pre-historicas, provavelmente da secundaria, e tendo por plintho grandes cubos perfeitamente geometricos, do mesmo basalto. Ao fundo descobre-se o leito ou sofá natural, onde a lenda gaelica narra que Ossian vinha compor seus cantos guerreiros, pedindo a esta solidão absoluta e quasi religiosa a inspiração que corre atravez das suas estrophes. Por cima uma abobada formada de hexagonos, juxtapostos entre si, dão a este tecto phantastico o aspecto cellular de um favo de abelhas gigantesco.

O pavimento é o mar, umas vezes calmo e mudo, outras turbulento e exasperado de não poder despedaçar a sua jaula de rocha viva. Orgão d'esta basilica de Deus, vein aqui gemer ou estrepitar as suas notas sacras, antes que a mão do homem as pulsasse em algum templo de lavra sua. O sol, refractado á entrada, junta no pavimento fluctuante todas as côres do arco-iris, desde a esmeralda até ao indigo e á amethista. A voz humana repercute aqui com um incomparavel accento de recolhimento e sonoridade solemne. Ha n'este recinto a luz precisa para a visão e reflexo do bello, mas ha penumbra, onde o mysterio gosta de refugiar-se e que quadra tão bem ao recato do templo. Eu quereria ter ouvido alli, em meio do oceano insondavel e repetidas pelas pilastras e pela abobada de Fingal, esquadriadas pela mão do Senhor Supremo, a voz prestigiosa e eloquentissima do nosso Vieira, n'uma d'essas inspirações hipergenias que explosiram em seus labios o primeiro exordio do mundo, o das *armas de Hollanda*.

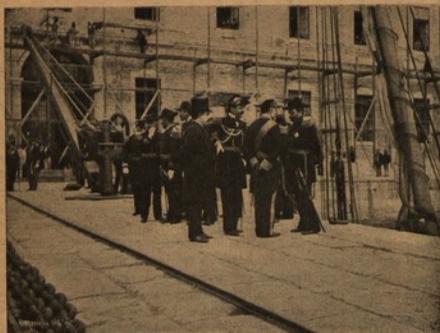
Por algum tempo, todos nós guardámos o silencio, realmente enlevados por este capricho phantastico do Factor. Mas percorrida a ilha e a gruta, os escocozes formaram-se em côro e entoaram em inglez o psalmo de David — *Mares e rios, bendizei o Senhor*, etc. Catholicos que alli estivessem não poderiam ter tido um pensamento mais justo e mais louvavel. O lugar era sacro, pedia um hymno. Elles punham no bloco e na vaga uma harmonia intelligente; davam uma alma ao insensivel e uma voz humana, rythmada e religiosa á materia inorganica.

PADRE SENNA FREITAS.



OS RESTOS MORTAES DO CAPITÃO CAMARA

(ASPECTOS DO FUNERAL)



No Arsenal: o ministro esperando a urna



Rebocador conduzindo o atalho da Africa para o Arsenal



Condução no Arsenal sobre um reparo



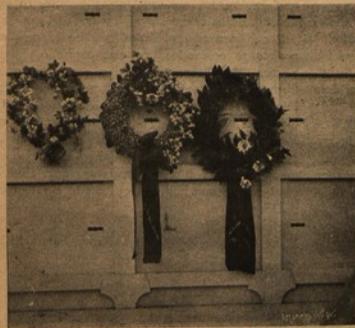
A chegada ao cemiterio



Entrada no cemiterio



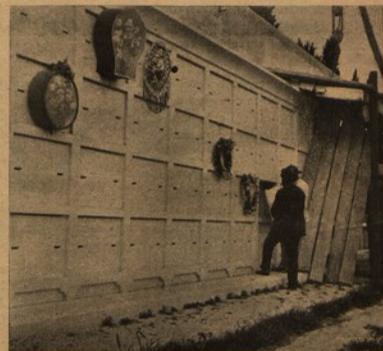
No cemiterio



Ossario municipal



Aspecto final



Abertura da crypta

LITTERATURA BRAZILEIRA

QUADRAS SIMPLES

A lua vinha escutar-te,
Queria esconder-te o sol,
Apaixonado o arrebol
Buscava-te em toda parte.

As vagas crespas do mar
Ao pé de ti arrulhavam,
E a tua sombra, ao passar,
Avidamente aspiravam.

A estrella d'alva, distante,
Pelos espaços azues,
Prendia um raio de luz
A' tua transa odorante.

Ah ! tu me trazias, flôr,
N'um suspiro ou n'um queixume
Um pouco desse fulgor
N'um pouco d'esse perfume.

E, fitando, o astro tristonho
Que a nuvem desfaz, além...
Perguntaste-me se o sonho
E' como a nuvem também...

Ave que o vento colheu,
Onde fizeste o teu ninho ?
Em que ramo, passarinho,
O infortunio te acolheu ?

A sorte que me desterra
A mim também desterrou,
O presidio que te encerra
Não sabe o mal que causou.

Eras a rosa em botão,
Eras a gotta de orvalho,
Que procurava agasalho
Dentro do meu coração.

«Vôa», dizia-te a lua
Sahindo do seu docel,
Assim mesmo quasi núa
Nas azas do meu corcel.

Eras a luz a cantar
Sobre rochedos sem fim.
Como Hero a pedir por mim,
A's frias ondas do mar.

Sóbe, não queiras que o vento
Te esmague o calice ahí ;
Sóbe mais, que o firmamento
Quer estar perto de ti.

Não sabe o mundo também
Como me pésa este lenho,
Se te fallar ainda venho
E' só por te querer bem.

Deus te quiz a outro ligada,
A mim ligado a outra quiz ;
A ti te fez desgraçada,
A mim me fez infeliz.

P'ra qualquer parte onde vá
A alma febril do meu canto,
Rios e rios de pranto
O céo somente lhe dá.

O silencio me acompanha,
A desgraça me conduz,
E caio aos pés da montanha
Ao pezo da minha cruz.

Perguntam todos quem és,
Que sentença estou cumprindo,
Para que viva carpindo
E passe a vida a teus pés.

Não julgam peitos humanos
Que se ame e se soffra assim
E que durante doze annos
Tenhas vivido sem mim.

Pensam que minto, talvez,
Que estou faltando á verdade ;
Não ha no mundo saudade
Que mate só de uma vez.

Sorte, como a minha sorte
Ainda se não viu igual :
Receio que a propria morte
Aggrave e não cure o mal.

D'estas chammas infernaes
Nasceram as minhas dores,
Ah ! ferem mais que os das flores
Os espinhos de meus ais !

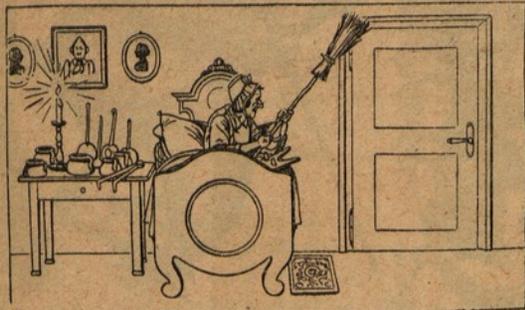
De um crime, que desconheço,
A pena estou a soffrer,
Ha muitos annos padeço,
Não posso mais padecer.

INAUGURAÇÃO DAS TOURADAS



GADO BRAVO APARTADO PARA UMA FÉRRÁ

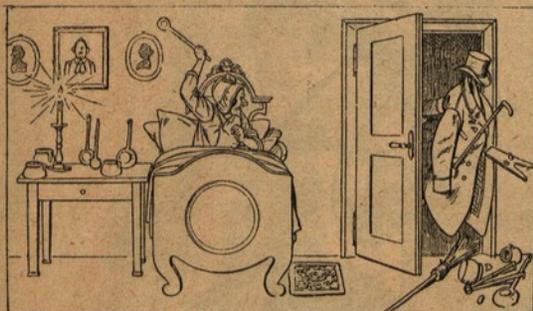
DOIS POMBINHOS...



Dona Engracia dormitava,
(Porque consigo o marido
Sempre uma chave levava)
Quando sente um atrevido
A querer forçar-lhe a aldrava...

Accende a vela a tremer,
Pega no pau da vassoura
E pergunta sem o saber
N'uma voz que tudo agoura:
— Quem 'stá ahí a mexer — ?

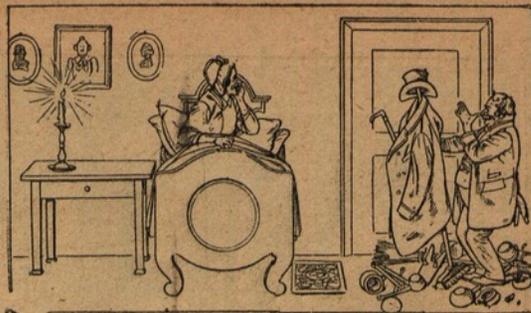
E como ninguem diz nada,
Suppõe com justas razões
Que alguma cára estanhada...
Das que roubam corações
Vem roubal-a á mão armada.



Abre se a porta, entretanto,
E surge alguem embuçado
Ella então, muda de espanto,
Julgando o dia contado
Resa ao seu mais qu'rido santo.

Mas depois dá-lhe a veneta,
Atira ao vulto o que apanha:
Copos, garrafas projecta,
Thesoura, frascos de banha
E o pau da vassoura preta!

E o vulto chucha callado
Toda aquella ira louca
Até lhe ser atirado
O vestido mais a touca
D'aquelle corpo adorado...

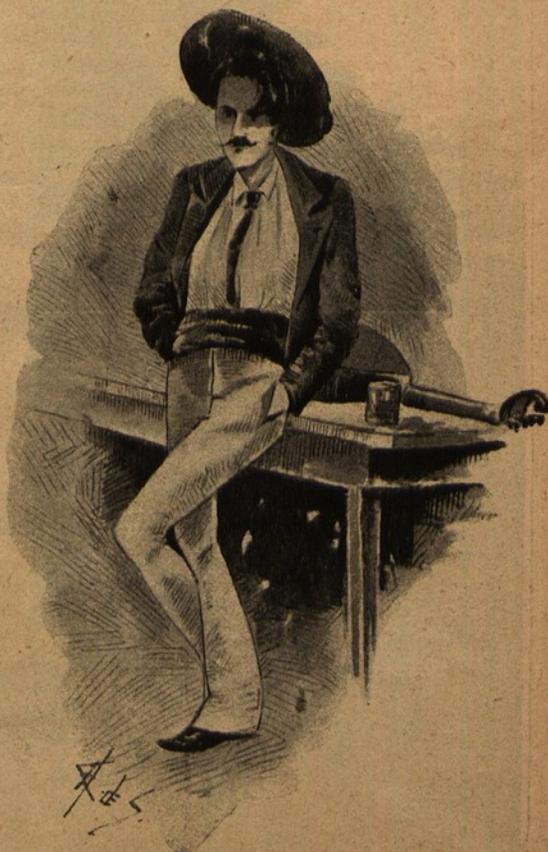


E assim que atirou com tudo
Que tinha em cima da banca,
Comò partida de entrudo
Toma o vulto entrada franca,
Chapeo alto e sobretudo!

Atraz rindo da partida
O seu marido risonho
Diz-lhe assim: «O' minha qu'rida,
Isto não foi mais que um sonho,
Quero-te mais do que a vida» — !

Dona Engracia consolada
Responde tambem a custo:
«Pensei que ia ser roubada
E, ó filho, todo o meu susto
— Era o ter de ser forçada» — !

YAGO.



NA TABERNA

Exposição de rendas e labores

PROMOVIDA PELO ATHENEU COMMERCIAL DE LISBOA EM ABRIL DE 1897



Vitrine de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro



Vitrines destinadas sómente a bordados e quadros com applicações varias



Vitrine da Escola Industrial Rainha D. Maria Pia — Peniche

REIS PORTUGUEZES

POR CELSO HERMINIO



D. Affonso Henriques, *O Conquistador*



D. Affonso II, *O Gordo*



§ D. Diniz, *O Lavrador*



D. Affonso IV, *O Bravo*



D. Pedro I, *O Cru*



D. Fernando, *O Formoso*



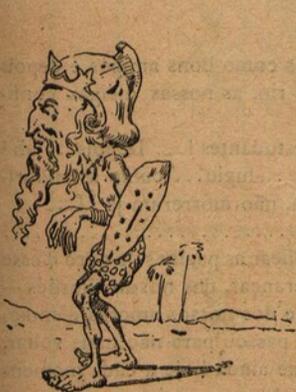
D. Manuel, *O Afortunado*



D. Duarte, *O Eloquent*



D. Henrique, *O Casto*



D. Affonso V, *O Africano*



D. Maria I, *A Piedosa*



D. Pedro IV, *O Rei Soldado*

OUTR'ORA...

(Ao Domingos Guimarães)



LEMBRAS-TE ainda?... ..

Já lá vão muitos annos, muitos — nem eu já sei quantos! — e de cada vez que penso no passado, sinto-me tão longe... tão distante... como barco que affastando-se para além d'aquella faxa azul do mar, velas ao vento, cortando mar ao largo, levou perdida a esperança de voltar!...

E que vivas saudades e que lembranças ao folhear as paginas d'ouro d'esse livro da minha, da nossa vida de estudantes?!... Então, todas as noites, depois de *passadas* as lições, deixavamos os livros a descansar nas estantes carunchentas, como velhos soldados esperando unidos e perfilados a hora da *batalha*, e... afinados os instrumentos, gargantas experimentadas, era um delirio quando, ao primeiro signal, deixavamos que o vento levasse para além, devagar e tristemente:

Guitarra, dá-me alegrias
Suspira, solta os teus ais...
Não voltam mais estes dias
Oh! nunca mais, nunca mais!...

*
*

E lá seguíamos ruas fóra, parando aqui sob o verde-escuro das gelosias perfumadas, ou mais além sob o balcão em flôr de certa mulher querida; ora parando... ora seguindo... até pela manhã, quando vinha raiando a aurora! .. Às vezes sentiamos uma janella abrir-se a medo, distinguíamos um vulto inclinar-se de mansinho sobre o peitoril, com receio de ser visto, cahiam-nos sobre as nossas guitarras punhados de flôres desfeitas, como tantos dos nossos amores d'então! — echoava junto de nós um débil bravo, soavam-nos aos ouvidos umas tenues palmas que se misturavam e perdiam além, n'um estreito abraço com as ultimas syllabas das nossas tristes canções — ai! das nossas canções d'amor, quantas vezes feitas de saudades e d'incertezas!... E o echo lá muito longe, muito distante, parecia responder-nos n'um gemido... n'um lamento... repetindo vagarosa e tristemente:

Nunca mais!... Nunca mais!...

*
*

Contavam-se pelo anoitecer de cada dia as nossas serenatas. Eramos esperados como bons amigos e depois cercados e seguidos. Ninguém ria ou fallava, nada mais se ouvia. E até às aguas do rio, as nossas meigas confidentes, pareciam deslizar muito mais devagar... mais lentamente!

E isto hoje, amanhã e sempre, durante as curtas noites d'esse breve tempo de estudantes!... Depois... ah! depois tudo findou e cada um de nós seguindo o seu destino, partiu... desapareceu... fugiu... como as andorinhas quando se aproxima o inverno!.. E quantos, com ellas ao mudarem de clima, não morreram já?!...

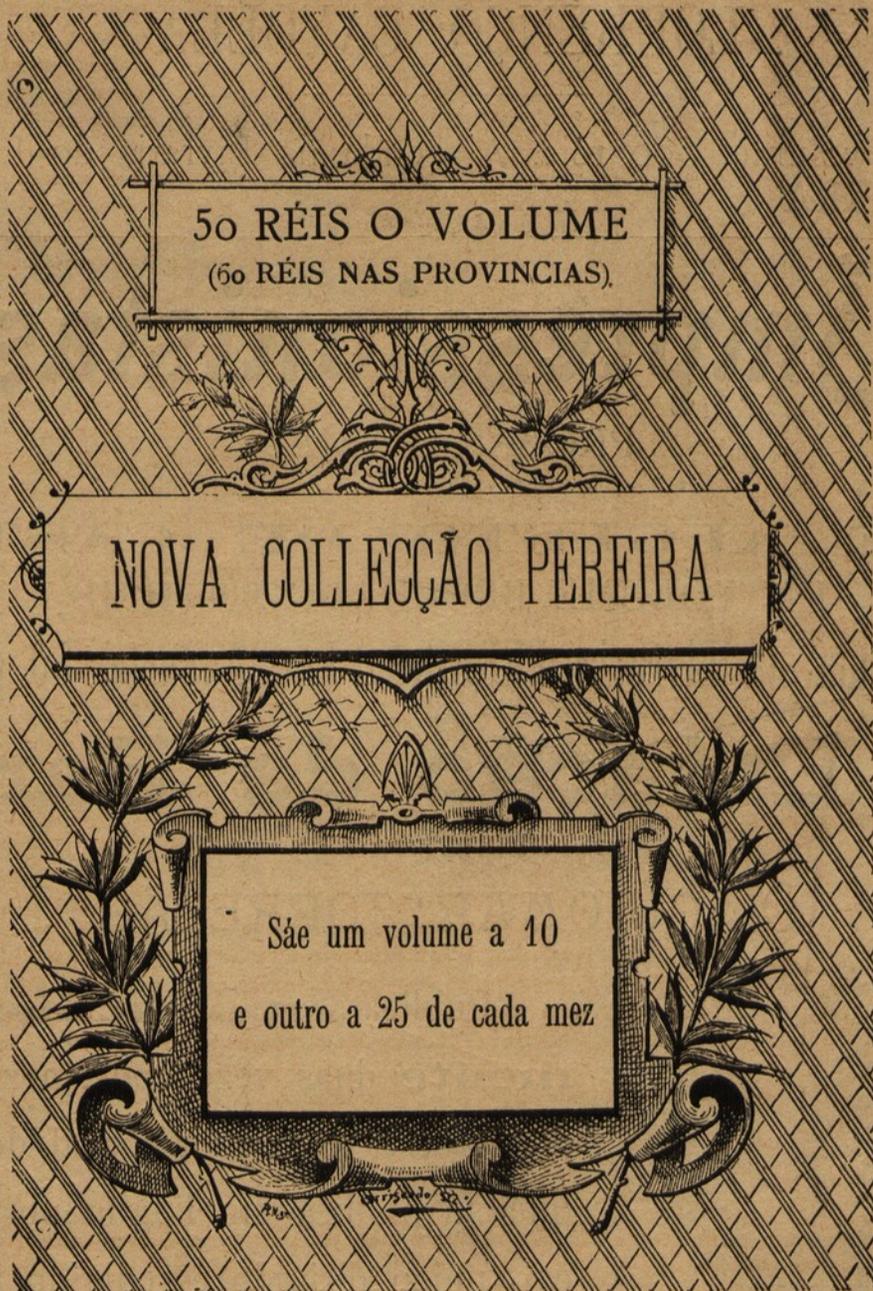
Hoje, decorridos tantos annos — tantos que nem posso contal-os! — quando ao folhear as paginas de ouro d'esse livro da minha, da nossa mocidade, me lembro das nossas alegrias, das nossas esperanças, das nossas illusões — d'essa Babel feita de sonhos! — e das nossas serenatas, das nossas canções d'amor e dos nossos amores d'então, quantas recordações eu sinto, quantas saudades tenho!... Porque de tudo isso que passou para não mais voltar, resta-me apenas a lembrança do echo, lá de além, muito distante que parece repetir-me ainda hoje a cada momento... a cada instante... como outr'ora n'um gemido... n'um lamento... devagar... devagar e tristemente:

Nunca mais... nunca mais!...

FERNANDO DA COSTA FREITAS.

N.º 7—JETTATURA, de Theophile Gauthier, tradução de Luiz Cardoso, 1 volume de 170 paginas.

N.º 9—O CANTEIRO DE SAINT-POINT, de Lamartine, tradução de Annibal Azevedo, um volume de 180 paginas.



N.º 8—CASA COM ESCRITOS, de Carlos Dickens, tradução de José Sarmiento, 1 volume de mais de 170 paginas.

N.º 10—ROSA E NINETE, 1 volume, de A. Daudet, tradução, de Henrique Marques.

Pedidos á livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

NOVIDADE LITTERARIA

CORAÇÃO DOENTE

ROMANCE DE

LOURENÇO CAYOLLA

Um volume, 500 réis. A' venda na Livraria do Editor A. M. PEREIRA.

Impressionistas

PROSAS VARIAS

DE

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO

UM VOLUME BROCHADO 500 RÉIS

A' venda na Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO



Publica-se **pontualissima-**
mente duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas
que se publica em lingua portugueza,
e o unico dirigido e redigido por uma
senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria
de ANTONIO MARIA PEREIRA —
Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.
